

Autor com mais de 7 milhões de livros vendidos

“Honda faz os leitores investigarem os sentimentos que o dinheiro desperta, construindo um caminho de potencial riqueza.” – BOOKLIST



KEN HONDA

DINHEIRO FELIZ

**A arte japonesa
de fazer as pazes com
o seu dinheiro**



SEXTANTE



SEXTANTE

A Editora Sextante agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

**DINHEIRO
FELIZ**



KEN HONDA

DINHEIRO FELIZ

A arte japonesa
de fazer as pazes com
o seu dinheiro



Título original: *Happy Money*
Copyright © 2019 por Ken Honda
Copyright da tradução © 2022 por GMT Editores Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Nota para o leitor: Foram modificados nomes e características de algumas pessoas. Em certos casos, os personagens são mesclas de pessoas reais.

Trecho de *The Soul of Money* utilizado com autorização de Lynne Twist.

tradução: Alves Calado

preparo de originais: Olga de Moura Mello

revisão: Priscila Cerqueira e Tereza da Rocha

diagramação: DTPPhoenix Editorial

capa: Natali Nabekura

imagem de capa: Mirosław Gierczyk/ Shutterstock (papel antigo);
detchana wangkheeree/ Shutterstock (textura folha de ouro)

imagem do autor: © Alfie Goodrich

e-book: Pedro Wainstok

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H738d

Honda, Ken

Dinheiro feliz [recurso eletrônico] / Ken Honda; tradução de Alves Calado. - 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.
recurso digital

Tradução de: Happy money

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5564-260-5 (recurso eletrônico)

1. Dinheiro - Aspectos psicológicos. 2. Finanças pessoais. 3. Livros eletrônicos.
I. Calado, Alves. II. Título.

21-73893

CDD: 332.024

CDU: 330.567.22

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
GMT Editores Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@sextante.com.br
www.sextante.com.br

A todas as pessoas que compartilharam experiências de vida comigo e me mostraram tudo de belo que o dinheiro pode atrair, e também tudo de ruim que ele pode causar: este livro é para vocês.

Sumário

PREFÁCIO

Seu dinheiro está sorrindo?

INTRODUÇÃO

Dinheiro Feliz e Dinheiro Infeliz

CAPÍTULO 1

O que o dinheiro significa para você?
Solucionando o mistério

CAPÍTULO 2

QI Financeiro e QE Financeiro

CAPÍTULO 3

O dinheiro e a sua vida

CAPÍTULO 4

O fluxo do dinheiro

CAPÍTULO 5

O futuro do dinheiro

Agradecimentos

Referências

PREFÁCIO

Seu dinheiro está sorrindo?

Há alguns anos, tive uma experiência que se tornou a inspiração para o conceito e o título deste livro. Uma mulher que eu havia acabado de conhecer numa festa perguntou se poderia dar uma olhada na minha carteira.

Por mais estranha que essa pergunta possa parecer para alguns, na cultura japonesa não é incomum pedir para ver o conteúdo da carteira de alguém. Como havia muita gente no salão, não tive medo de que ela fugisse com meus documentos – ou com o meu dinheiro. Assim, com alguma hesitação, entreguei a ela a carteira de couro.

Fiquei um tanto espantado quando a mulher foi direto ao dinheiro e começou a tirar todas as notas de valor mais alto, dizendo baixinho enquanto avaliava cada cédula:

– Esta serve. Esta aqui está boa. Esta aqui está boa também.

Por um momento achei que ela estivesse procurando alguma coisa específica. *Será que há símbolos ou marcas especiais nas notas?* Mas logo percebi que a mulher não estava buscando nada desse tipo. Então ela me surpreendeu de novo ao separar as notas de um modo que eu nunca havia visto.

– Parabéns. Todo o seu dinheiro está bom – disse, colocando de volta as notas reorganizadas e me devolvendo a carteira.

– Isso é ótimo – falei, confuso, porém com certo alívio por ter passado no teste. – Mas, se não se incomoda com a pergunta, o que você estava procurando?

– Ah, eu fui olhar se o seu dinheiro estava sorrindo ou não.

Ela começou a me explicar que o dinheiro pode rir ou chorar, dependendo de como foi dado ou recebido. Se foi entregue com culpa, raiva ou tristeza, o dinheiro vai “chorar”. Por outro lado, se foi ofertado com amor, gratidão ou felicidade, vai sorrir – até mesmo gargalhar –, porque estará impregnado da energia positiva de quem deu.

O dinheiro tem a capacidade de sorrir ou chorar?

O dinheiro muda quando é oferecido com determinada energia ou sentimento?

O QUÊ?

Ainda que na época eu já estivesse financeiramente bem e achasse que sabia muito sobre dinheiro, fiquei pasmo com essas ideias. Veja bem, sempre tive muita sorte com dinheiro. Aos 20 anos decidi que seria feliz e rico aos 30. Por isso abri uma empresa de consultoria e contabilidade e ajudei muitas pessoas com suas necessidades financeiras e empresariais.

E me saí bem nesse processo – na verdade, tão bem que, aos 29 anos, quando minha mulher e eu havíamos acabado de ganhar uma menininha, pude escolher, e escolhi, ficar em casa e cuidar dela. Foi um dos períodos mais felizes da minha vida – e a melhor decisão que já tomei. Não somente porque pude passar o máximo de tempo possível com minha filha, mas também porque foi com ela que descobri minha segunda carreira: ajudar *milhões* de pessoas a levar uma vida feliz, próspera e tranquila.

Isso aconteceu quando eu estava num parque com minha filha, num dia lindíssimo. Brincávamos, felizes, quando vi uma mãe brigando com sua filhinha – mais ou menos da mesma idade que a minha. A mulher, atarantada e com pressa, gritava:

– Sua mãe precisa trabalhar! Vamos para casa.

E a criança respondia:

– Mas a gente chegou agora. Quero brincar mais! Por favor!

Depois de alguns minutos de batalha, a menina foi embora, relutante, arrastada pela mãe. Eu me senti péssimo pelas duas. Sabia que, se a mãe tivesse opção, também preferiria ficar no parque. Afinal de contas, o dia estava lindo e ensolarado. Que pai ou mãe não gostaria de brincar com os filhos ao ar livre? Naquele momento, decidi que precisava fazer alguma coisa. Queria ajudar não somente aquela mulher, mas todos os pais e todas as pessoas que lutam para ganhar a vida. Queria reduzir a dor, o estresse e a frustração deles. Assim, naquela tarde mesmo, depois de minha filha ter se cansado de brincar, decidi que escreveria um texto curto para compartilhar as ideias que eu havia amadurecido ao longo dos anos sobre ganhar dinheiro e prosperar.

No começo, achei que escreveria cinco páginas. Porém, ao terminar o dia, fiquei pasmo ao ver que havia escrito 26 páginas de uma vez. Estava tão empolgado que imprimi o texto, grampeei as folhas e comecei a distribuí-las para os amigos. Para minha surpresa, eles adoraram. Logo desconhecidos começaram a me telefonar pedindo cópias do texto, sobre o qual tinham ouvido falar. Assim, durante vários dias, imprimi, grampeei e mandei cópias para quem desejasse. Rapidamente me cansei de montar apostilas todo dia. Reclamei com um amigo sobre o processo e ele sugeriu uma gráfica local. O vendedor ao telefone me convenceu a encomendar uma tiragem de 3 mil exemplares para reduzir os custos. E, sem pensar, concordei!

Antes que eu percebesse, duas caminhonetes chegaram à minha casa para deixar o que parecia um armazém cheio de caixas. Elas lotaram a sala da nossa casa – imagine a cara da minha mulher. Como é uma pessoa ótima, ela me perdoou. *Mais ou menos*. Deixaria passar, com uma condição: eu tinha um mês para me livrar de todas as caixas.

E o que eu fiz? Comecei a dar os livretos a todo mundo que eu conhecia – e também a quem não conhecia. No entanto, depois de distribuir todos os exemplares, continuei a receber encomendas. A princípio, não sabia se as pessoas estavam pedindo porque o conteúdo era bom ou porque era grátis. Mesmo assim, sabia que havia descoberto alguma coisa. Quando cheguei a 100 mil exemplares doados gratuitamente, um editor me ligou e perguntou

se eu estaria interessado em escrever um livro inteiro. Minha primeira reação foi:

– De jeito nenhum! Não sou escritor!

Mas o editor insistiu:

– Você tem todo o tempo do mundo. Por que não tenta?

Isso eu não podia contestar. Logo minha filha iria para o jardim de infância, e então o que eu faria com o meu tempo?

Achei que poderia escrever.

E foi exatamente o que fiz.

Desde aquele dia decisivo no parquinho, publiquei mais de 50 livros e vendi quase 8 milhões de exemplares no Japão. Nada mau para um pai aposentado que teve uma ideia enquanto estava com a filha na pracinha. O que começara como uma ideia repentina e o desejo de ajudar uma mãe trabalhadora se transformou não somente numa carreira, mas também no meu objetivo de vida. Percebi que esse objetivo era ajudar os outros a encontrar o objetivo *deles* – e, ao mesmo tempo, a se tornarem prósperos e livres. Desnecessário dizer que, depois de escrever 50 livros, achei que havia resolvido bastante bem esse “negócio do dinheiro”. Mas quando minha nova amiga, a Misteriosa Mulher da Carteira, devolveu a minha carteira, comecei a refletir de novo sobre isso, como fizera tantos anos antes no parquinho.

Dessa vez, comecei a pensar no dinheiro como energia.

DINHEIRO COMO ENERGIA

Segurando a carteira que minha nova amiga acabara de me devolver, pensei: *Que alívio. Todo o dinheiro que ganhei ao longo dos anos veio de pessoas felizes – pessoas agradecidas e jubilosas.* Então me lembrei brevemente de como eu havia ganhado meu dinheiro. Sim, eu realmente recebera todo o meu dinheiro servindo. Tinha ajudado algumas pessoas a se tornarem bem-sucedidas, ricas e empoderadas. Ajudara outras a adquirir paz, alegria e gratidão. Pensei em como aqueles que me pagavam se sentiam ao ler meus livros ou ao assistir aos meus seminários e cursos. (Promovi seminários em todo o mundo, para milhares de pessoas de cada vez.) Então

pensei nos meus livros e em como muitas pessoas mudaram de vida por causa deles. Trocaram de emprego, se casaram, tiveram filhos ou saíram de relacionamentos infelizes ou tóxicos. Ouvi falar de muitas que abriram empresas. Algumas partiram do zero em seus empreendimentos e os transformaram em companhias de capital aberto. Também ouvi falar de outras que não ficaram fabulosamente ricas, mas se sentiam ricas – e muito felizes, independentemente do que seu extrato bancário informava. Sem o estresse relacionado ao dinheiro, sentiam-se livres para levar uma nova vida. Ainda que eu seja frequentemente chamado de “guru do dinheiro” ou “médico do dinheiro”, meu verdadeiro trabalho na última década – como percebi enquanto estava ali parado, olhando para minha carteira – havia sido ajudar os outros a encontrar as ferramentas que já possuíam *dentro deles* para curar a própria vida e sua relação com o dinheiro. Então me ocorreu que, sim, *todas as pessoas que tinham me dado seu dinheiro o haviam impregnado de sentimentos de gratidão e alegria – uma quantidade enorme de energia feliz*. Todo aquele dinheiro sorridente na minha carteira estava ali por causa dos outros. *Claro! Claro que dinheiro é energia!* Comecei, então, a observar meus sentimentos e a energia que repasso aos outros quando uso dinheiro.

Permaneci parado por alguns segundos e percebi: *Nosso dinheiro guarda um mundo de emoções!* Muitos caminham com toda essa energia e ela causa impacto não somente em nós mesmos, mas também nos outros. Gostamos de pensar que o dinheiro é apenas uma cifra ou um pedaço de papel, mas ele é muito mais do que isso e carrega mais emoções do que imaginamos. Mesmo quando temos consciência disso – como ao nos sentirmos estressados com as intermináveis pilhas de contas, o salário baixo ou a ausência de economias para o futuro –, muitas vezes nos sentimos impotentes. Sentimo-nos desesperançados e derrotados. Ficamos até ressentidos e com inveja de outras pessoas que têm mais do que nós. Há quem desista de tentar merecer mais ou ganhar mais. Em vez disso, dizemos coisas do tipo: “É o que é, não podemos fazer nada a respeito!” Muitos pensam que o dinheiro é o inimigo, uma força sombria que nos impede de levar a vida que deveríamos ter ou de fazer as coisas que amamos. Poucos

enxergam o potencial do dinheiro para trazer alegria, gratidão e felicidade – em especial quando nós o passamos adiante livremente e com a mesma energia positiva com a qual o recebemos.

Depois que minha nova amiga, a Misteriosa Mulher da Carteira, devolveu meu dinheiro, olhei para baixo e pensei nas cédulas que ela havia examinado. E isso me fez refletir: *Existe tanto dinheiro no mundo! Existe tanto dinheiro por aí neste momento, espalhando felicidade e amor! Mas uma quantidade muito grande também está espalhando tristeza e medo.*

Imaginei se poderia fazer alguma coisa para ajudar a distribuir amor, gratidão, alegria, prosperidade e paz. Imaginei como poderia espalhar o máximo possível de Dinheiro Feliz. E assim tive uma ideia, como havia acontecido tantos anos antes no parque com minha filha: escreveria um livro. Compartilharia essas ideias com os outros – com o maior número possível de pessoas. Este livro, *Dinheiro Feliz*, é a essência do que ensinei e aprendi com tantas pessoas. Tentarei ajudar você a responder às perguntas que me fizeram no decorrer dos anos:

- Como lidar com o dinheiro?
- Posso ter mais dinheiro sem fazer um sacrifício muito grande?
- Posso ter paz enquanto estou vivo?
- O que posso fazer para criar uma vida feliz, realizada, próspera e com propósito?

Essas perguntas serão respondidas neste livro. Assim como meus outros livros mudaram a vida de milhões de pessoas, este mudará a sua.

Espero que, com este livro, você passe a olhar sua vida de um modo totalmente diferente e transforme sua relação com o dinheiro. O comentário mais frequente que recebo dos meus leitores é: “Uau, isso é novo. Nunca pensei no dinheiro desse jeito.” Espero que você tenha o mesmo sentimento. Espero que este seja o começo da sua vida com Dinheiro Feliz.

Garanto que será uma vida empolgante.

INTRODUÇÃO

Dinheiro Feliz e Dinheiro Infeliz

Existem dois tipos de dinheiro: Dinheiro Feliz e Dinheiro Infeliz. O primeiro é aquele que um menino de 10 anos usa para comprar flores para a mãe no Dia das Mães. Dinheiro Feliz é quando, com prazer, os pais economizam um pouco a cada mês a fim de mandar os filhos para uma colônia de férias ou estudar piano. Existem muitas maneiras de transformar o velho dinheiro comum em Dinheiro Feliz:

- ajudando um parente a sair de uma dificuldade;
- mandando uma contribuição para pessoas afetadas por uma catástrofe natural;
- vendendo biscoitos para ajudar um albergue de pessoas sem teto;
- investindo numa empresa ou num projeto comunitário;
- recebendo pagamento de clientes satisfeitos em troca de um trabalho ou serviço.

Todo dinheiro que circula com amor, carinho e amizade é Dinheiro Feliz. O Dinheiro Feliz faz as pessoas sorrirem, se sentirem profundamente amadas e protegidas. Em muitos sentidos, é uma forma ativa de amor.

Frequentemente o dinheiro pode ajudar os outros de uma forma que nada mais consegue. Quando alguém está passando por uma grande dificuldade, como ter perdido a casa em um incêndio, “pensamentos e orações” e “boas energias” só ajudam até certo ponto. Mas garanto que dinheiro auxiliará a família a se reerguer, comprar comida e obter um teto temporário. Só “boas energias” não resolvem o problema.

Por outro lado, Dinheiro Infeliz é aquele que você usa de má vontade para pagar seu aluguel, suas contas e seus impostos. Não precisamos forçar muito a imaginação. Todos já tivemos contato com Dinheiro Infeliz:

- pagando ou recebendo dinheiro como pensão alimentícia depois de um divórcio ruim;
- recebendo salário por um emprego que você detesta, mas não consegue largar;
- pagando de má vontade faturas de cartão de crédito com juros astronômicos;
- recebendo dinheiro de alguém que se ressentido de ter que pagar – como um cliente insatisfeito que diz: “Você não merece, mas vou pagar só para honrar o contrato”;
- roubando – seja de quem for.

O dinheiro que circula com frustração, raiva, tristeza e desespero é Dinheiro Infeliz. Esse tipo deixa as pessoas estressadas, desesperadas, ofendidas, deprimidas e, às vezes, violentas. Priva-as de sua dignidade, autoestima e gentileza. Sempre que você recebe ou gasta dinheiro com energia negativa, ele se torna Dinheiro Infeliz.

ESCOLHA O SEU FLUXO

Se existem dois tipos de dinheiro, então só existem dois modos de lidar com o dinheiro: num fluxo de Dinheiro Feliz ou de Dinheiro Infeliz. O fluxo que você escolher determinará os resultados da sua vida.

Deixe-me ser claro: *não importa quanto você ganha ou tem; é a energia com a qual seu dinheiro é dado e recebido* que define o Dinheiro Feliz ou Infeliz. O que você ganha, seja muito ou pouco, pode estar em qualquer fluxo. Em última instância, a escolha é sua.

Se quiser estar no fluxo do Dinheiro Feliz, você pode optar por se sentir agradecido quando recebe o dinheiro e pode passá-lo adiante generosamente, com alegria e entusiasmo. No entanto, com base na minha experiência com milhares de indivíduos que me procuraram em palestras e cursos buscando conselhos sobre finanças, percebi que é mais fácil falar do que fazer. A maioria das pessoas não dá atenção ao fluxo do dinheiro. **Na verdade, eu diria que a maioria, percebendo ou não, já está num relacionamento profundamente comprometido e infeliz com o próprio dinheiro.**

E onde existe Dinheiro Infeliz existem pessoas infelizes. Gente infeliz e dinheiro infeliz andam de mãos dadas. Se a sua família e as pessoas em volta – na escola, no trabalho ou em grupos sociais – estão no fluxo do Dinheiro Infeliz, há boas chances de que você seja o receptor de algum dinheiro seriamente ressentido, ingrato ou sem alegria.

Como a maioria de nós não tem um relacionamento saudável com o dinheiro, passamos grande parte do nosso precioso tempo nos preocupando e brigando com ele. Alguns se ressentem do dinheiro e o consideram tão difícil de entender que nem querem pensar no assunto – jamais. Mesmo sabendo que precisarão lidar com dinheiro em algum momento, evitam isso a todo custo. Estamos tão cansados de nos preocuparmos com a falta dele que sobra pouca energia para qualquer outra coisa na vida. Somos pressionados pela necessidade de trabalhar, pagar as contas e equiparar nossa condição à dos vizinhos. Isso se torna tão esmagador que não pagamos as contas. Não contamos as notas que estão na carteira. Evitamos olhar os extratos bancários. E então nossos problemas, como se fossem juros, vão se multiplicando.

São poucas as pessoas que percebem quanta energia é necessária para pensar no dinheiro e como ele determina até mesmo nossas decisões mais básicas.

Quero que você pare um momento e pense. Seus amigos e sua família são muito diferentes em termos de recursos financeiros e de origem? Seu grupo de amigos está sempre no clube ou a maioria deles trabalha das nove às cinco? Seus amigos têm casas ou carros parecidos? Muitos de nós pensam que é acaso ou sorte conhecermos determinadas pessoas ou nos relacionarmos com elas, mas há boas chances de que o status socioeconômico determine muita coisa na nossa vida – gostemos disso ou não.

Portanto, sim, até certo ponto nossa vida é controlada pelo dinheiro. Quem somos, qual escola frequentamos, onde crescemos, de quem ficamos amigos, com quem fazemos conexões no mundo profissional e como optamos por ganhar e gastar dinheiro são questões que determinam muita coisa na nossa existência. E eu garanto: não só os pobres e a classe média são afetados pelo fluxo do dinheiro e podem dar e receber dinheiro impregnado de energia negativa. A classe média alta e os ricos também são influenciados pelo fluxo negativo do dinheiro. Muitos clientes meus, mesmo sendo mais ricos do que o lendário rei Midas, morrem de medo de perder o que têm. Não fazem ideia de como aproveitar o que conquistaram: vivem estressados, tentando implacavelmente manter-se no mesmo patamar que os vizinhos.

Claro, se o seu objetivo é ficar rico, você pode buscar isso. Porém, a maioria das pessoas percebe que ganhar uma fortuna não vai resolver todos os seus problemas. Na verdade, muitas sabem que nem precisam de muito para alcançar seus ideais. Pelo contrário: os que descobrem como mudar sua atitude e sua relação com o dinheiro, curando as feridas do passado ligadas a ele, parecem sentir-se mais ricos, independentemente de quanto possuem.

ENTÃO O QUE É O DINHEIRO?

Durante a segunda metade da minha carreira, me concentrei em curar as feridas relacionadas ao dinheiro. Quando as pessoas percebem quais são essas feridas, como surgiram e como afetam seu cotidiano, começam a traçar prioridades saudáveis. Se você curar a dor que associa ao dinheiro, sua situação financeira mudará completa e drasticamente. O seu dinheiro –

e, portanto, a sua vida – reflete suas convicções sobre ele. Se você acredita que ele é abundante, que pode ser usado para o bem, ou ainda dado e recebido livremente, sua vida exterior refletirá essa mudança interna. Mas se você se apegar a mentalidades negativas e a falsas convicções sobre o dinheiro – que ele é ruim, que causa tragédias, que é a raiz de todo mal que acontece na vida –, pode apostar que sua realidade exterior vai reproduzir esse monólogo interno.

PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COM O DINHEIRO INFELIZ

Apesar de eu nunca ter pretendido virar um escritor que ajuda as pessoas a lidar com dinheiro, minha busca pelo Dinheiro Feliz começou quando eu era muito pequeno. Naquela época, o dinheiro tinha um impacto gigantesco na minha vida. Em muitos sentidos, as lições que aprendi na infância permanecem comigo até hoje.

Meu pai era contador, dono de um negócio bem-sucedido. Quando seus clientes apareciam, meu trabalho era recebê-los e servir chá. Eu me divertia fazendo perguntas que aqueles empresários bem-sucedidos jamais esperariam de um garoto de 8 anos. Muitos não sabiam como reagir quando eu começava a perguntar sobre os lucros daquele mês, os retornos sobre o capital investido, a taxa de participação ou os incentivos para acionistas. Era um passatempo divertido.

No início, alguns clientes do meu pai usavam roupas modestas. Num determinado momento, passei a notar que começavam a aparecer com ternos bons e sapatos caros. Muitos haviam trocado o carro. Observei que outros, no entanto, pareciam ir na direção oposta.

Mesmo entre os clientes que pareciam ricos, com o tempo ficou claro para meu eu de 8 anos que a maioria das pessoas podia ser dividida em dois grandes grupos: os irritados, apressados e ocupados, e os serenos, contentes e felizes.

Numa tarde, aconteceu algo que me deixou completamente chocado e jamais esqueci. Cheguei da escola e encontrei meu pai – que sempre havia sido estoico – chorando. Aquele era o homem que tinha me ensinado caratê

e *kendo*. Tinha me ensinado a enfrentar os valentões e a proteger os mais frágeis. Não consegui pensar em nada que pudesse levá-lo a chorar, mas ali estava ele, num contraste nítido com seu jeito costumeiro, aparentemente desmoronando diante dos meus olhos.

Minha mãe me puxou de lado e disse que meu pai se sentia responsável por uma tragédia. Um de seus clientes tinha assassinado toda a família e depois se matado. Alguns dias antes, meu pai lhe havia negado um empréstimo pelo qual o sujeito tinha implorado, em desespero. Ele se sentia culpado.

Mais tarde fiquei sabendo que, apesar de inicialmente ter recusado, meu pai pretendia emprestar o dinheiro, numa data posterior. Queria ajudar a família do cliente a se recuperar de uma situação financeira ruim, mas desejava impedir que o dinheiro caísse diretamente nos bolsos de agiotas, que lucrariam com o sofrimento daquelas pessoas.

Com o coração pesado, meu pai organizou o enterro. As consequências de seu ato jamais abandonaram sua mente e ele caiu num período de depressão sombria. Começou a abusar do álcool. Nunca se recuperou totalmente. Seu sorriso desapareceu, e o da nossa família também. Foi devastador.

Até então eu nunca havia olhado o dinheiro com sentimentos que não fossem positivos. As crianças não associam inerentemente dinheiro a medo. Pela primeira vez percebi que podia trazer muito mais do que sucesso e felicidade: bastava um erro e você podia perder toda a família. Essa lembrança deixou em mim uma impressão nítida das consequências funestas do dinheiro.

Nesse dia decidi que, quando crescesse e me casasse, buscaria segurança financeira, de modo que minha família jamais tivesse um destino parecido.

Embora eu fosse jovem demais para ter plena consciência disso, esse evento impactou toda a minha visão sobre o dinheiro. De que adiantava minha família estar confortável financeiramente, se as pessoas ao redor passavam por tantas dificuldades? Afinal de contas, somos sempre afetados e influenciados pelos mais próximos.

Resolvi buscar o significado do dinheiro. Qual era o propósito dele? Alguns anos depois, observei uma espécie de fenômeno. O Japão passava

então pelo que mais tarde seria chamado de “economia da bolha”. Voltei a testemunhar diretamente a relação das pessoas com o dinheiro – o que acontecia quando elas tinham muito e, de repente, perdiam tudo.

Na faculdade, procurei professores qualificados que pudessem me ensinar sobre negócios e dinheiro. Outra vez reconheci uma dicotomia – havia dois tipos de pessoas ricas: as felizes e as infelizes. As felizes pareciam ter um excelente relacionamento com a família e todas amavam seu trabalho. Além disso, eram muito respeitadas por seus funcionários e clientes e estavam dispostas a tirar a roupa do corpo para dar a quem precisasse. Por outro lado, observei, os ricos infelizes pensavam em quanto dinheiro a mais poderiam ganhar e em como aumentar sua fortuna. Só conseguiam pensar em criar novas empresas e em se aproveitar das outras pessoas sem infringir leis. Eram os clássicos picaretas de duas caras: costumavam tratar mal os empregados e eram grosseiros com garçons e motoristas, mas se comportavam bem com quem podia lhes dar dinheiro ou ajudá-los a progredir.

O que fazia com que os dois tipos fossem tão diferentes?

Eu sabia que devia existir um motivo por trás de cada comportamento. Também devia existir algum tipo de fórmula, algo que explicasse aquilo. Por que algumas pessoas que tinham dinheiro eram felizes e generosas e outras não?

Eu mal sabia que estava começando uma eterna busca pelo Dinheiro Feliz.

CAPÍTULO 1

O que o dinheiro significa para você? Solucionando o mistério

Antes de começar a explicar o que é o dinheiro, a melhor pergunta para iniciar este capítulo é: o que o dinheiro significa *para você*?

Tenho certeza de que, dependendo de quem pergunte, sua resposta irá variar ligeiramente. Por exemplo, se uma menina de 9 anos perguntasse “O que é o dinheiro?”, você poderia responder: “Existem dois tipos de dinheiro: em papel ou em moeda. Você pode comprar coisas com dinheiro.”

E se você estivesse explicando o dinheiro a um adulto? Você diria “O dinheiro é um meio para a troca de bens e serviços”?

Ainda que as duas respostas estejam corretas, você e eu sabemos que o dinheiro é mais do que “um meio de troca” ou algo que você simplesmente usa para “comprar coisas”. Ganhamos e gastamos dinheiro todo dia, mas achamos difícil responder a essa pergunta simples.

Já fiz essa pergunta a milhares de pessoas no mundo inteiro e nunca ouço uma resposta repetida. Sempre me surpreendo.

O dinheiro tem um significado diferente para cada pessoa. Lembro-me de ouvir alguém dizer que o dinheiro é um deus celestial, ao passo que para

outro ele é o demônio. Algumas pessoas declararam que o dinheiro é uma expressão de amor, outras disseram que é um escravocrata.

Visto na superfície, o dinheiro físico é apenas um pedaço de papel ou metal. Contudo, ainda que todos à sua volta vejam os mesmos rostos impressos nos pedaços de papel e os mesmos relevos estampados em cada moeda, é incrível a variedade de significados para cada um. Ao olhar para uma moeda, alguns sentem raiva; outros, alegria. O mais interessante é que não temos a mesma reação emocional nem mesmo quando olhamos um brinquedo de criança – a não ser, talvez, as cédulas do *Banco Imobiliário*. Por quê? Porque, para muitos, a reação emocional quando participam do jogo se parece bastante com a reação ao dinheiro de verdade. Como frequentemente jogamos *Banco Imobiliário* para *vencer*, encaramos aquelas notas de papel com a mesma energia e o mesmo apego que dedicamos às cédulas na vida real. Quem, dentre nós, não quer “vencer” – ou o que consideramos, coletivamente, “vencer” na vida real: ganhar mais dinheiro, possuir propriedades valiosas, não pagar muito imposto de renda e não ir para a cadeia? Quem, dentre nós, não fica eufórico com uma soma que surge inesperadamente ou o pagamento de dividendos, como diante da carta da “sorte” que nos informa que nós ganhamos – seja no jogo do *Banco Imobiliário*, seja na vida real? Em outras palavras, quaisquer que sejam os nossos sentimentos em relação às propriedades e ao dinheiro, associaremos esses mesmos sentimentos aos elementos do *Banco Imobiliário*. Como você se sente em relação à posse de uma propriedade? A pagar impostos? Pagar aluguel? Você é conservador em suas compras ou gosta de correr riscos? Jogue uma partida, observe-se e observe os outros. Veja as emoções que borbulham a cada lance dos dados. Se quiser saber quanta energia emocional se associa àqueles pedaços de papel e àquelas moedas, observe a energia que *você* associa a eles quando está jogando. Garanto que será uma experiência reveladora.

Pela minha experiência, as pessoas que se divertem mais, sentem-se mais confiantes e consideram o *Banco Imobiliário* somente um jogo sempre se saem melhor. Elas podem não ter muito dinheiro no banco, mas não se

agarram ao resultado de “vencer” ou ter “mais”, e curtem o processo – o dar e receber. Estão concentradas em se “sentir” vencedoras, não em vencer.

COMO VOCÊ QUER JOGAR O JOGO DO DINHEIRO?

E se eu dissesse que o dinheiro é um *jogo*?

Neste momento, você o joga bem?

Acha que está ganhando?

Repetindo: “vencer” não tem a ver com sua situação financeira. Tem a ver com como você *se sente no jogo*.

Diferentemente do *Banco Imobiliário*, em que você sabe mais ou menos o que esperar, jogar com o seu dinheiro na vida real não é tão previsível. Você não está avançando por cinco ou doze casas no sentido horário. Na verdade, a maioria se sente perdida participando do jogo do dinheiro na vida real. Não sabemos qual propriedade dará mais lucro. Não sabemos se nossa casa ficará infestada de mofo ou se uma árvore cairá em cima dela. Não sabemos se alguém da família terá câncer, acarretando enormes gastos médicos e impedindo essa pessoa de contribuir com as despesas, pois estará lutando contra a doença. Não sabemos se a empresa na qual trabalhamos tomará decisões financeiras ruins e precisará nos dispensar algum dia. Não sabemos se o ramo de negócios em que trabalhamos a vida inteira ficará obsoleto quando outra atividade revolucionária surgir. A verdade é que o jogo do dinheiro na vida real é bastante inseguro. Mudanças econômicas, problemas familiares e desastres naturais podem nos deixar perdidos.

Na verdade, muitos sentem que o jogo está perdido antes mesmo de lançar os dados. Então dizemos que as coisas “podem mudar” se trabalharmos com mais empenho, com um pouco mais de inteligência. E fazemos isso.

Parece familiar?

É bem provável que alguém já tenha dito a você: *Trabalhe duro e o dinheiro virá*. Pois vou lhe dizer algo que você provavelmente já sabe de modo instintivo: as pessoas que têm mais dinheiro ou parecem mais ricas do que você não são mais inteligentes nem trabalham mais do que você. Muita

gente neste mundo se matou de trabalhar e nunca teve um tostão furado. Digo com toda a certeza: trabalhar duro não é a única resposta. Conheço muitas pessoas inteligentes e trabalhadoras que não se sentem suficientemente recompensadas nem quando vencem o jogo do dinheiro. E também conheço muita gente que acha que tem o suficiente e não precisa se preocupar. Muitas delas não têm mais dinheiro do que meus amigos supostamente ricos.

É UM JOGO CAPCIOSO PORQUE AS REGRAS VIVEM MUDANDO

O jogo do dinheiro é interessante. Meu mentor Wahei Takeda disse certa vez: “O jogo do dinheiro não termina.” É como o basquete. Mesmo que você esteja vencendo nos últimos segundos, isso não garante a vitória. Um jogador excepcional pode mudar tudo com uma cesta de três pontos. O jogo do dinheiro é igual. Mesmo que você seja rico aos 30 ou 40 anos, isso não afasta a hipótese de que um desastre possa deixá-lo pobre. Todos nós já ouvimos falar de pessoas que supostamente tinham juntado dinheiro para sustentar várias gerações, mas tiveram que pedir falência. Não faltam exemplos de celebridades e atletas famosos que perderam tudo que ganharam e morreram na miséria.

Às vezes as pessoas perdem o dinheiro porque gastaram além de suas posses, mas em outras ocasiões foram as regras que mudaram – elas vivem mudando (ou o que constitui o “dinheiro” muda). Veja a bolha imobiliária de 2008. Durante anos ouvimos: “Invista em imóveis. É onde o dinheiro está.” Os preços dos imóveis dispararam, era fácil conseguir empréstimo. Mas as “regras” mudaram. O mercado imobiliário despencou da noite para o dia. As casas das pessoas – casas que elas tinham certeza de que poderiam vender pelo dobro do valor que haviam pago, como acontecera antes – não valiam praticamente nada.

Então passaram a investir em ouro. “O ouro vale ouro”, dizem os especialistas financeiros quando todos os outros mercados estão

tumultuados. Porém, quando a economia está boa, o ouro é apenas um metal amarelo que não gera nenhum lucro.

Estamos nos aproximando de uma época interessante, com todos os setores da economia global mais conectados do que nunca. No entanto, o sistema que conhecemos está desmoronando. Novos sistemas aparecem todos os dias, e até mesmo o modo como pensamos e experimentamos o dinheiro está mudando. Hoje em dia todo mundo nos círculos financeiros fala em criptomoedas. É “o futuro”, “o sistema mais confiável”. No entanto, há muita conversa sobre *hackers*. O que parece ser “o sistema mais confiável” também não é exatamente de confiança.

Muitos especialistas e gurus financeiros dizem saber qual será o próximo investimento ideal ou como ganhar mais dinheiro. E muitos gurus dizem o oposto! Em quem você pode confiar?

Quando se trata de dinheiro, o que você controla, se é que controla alguma coisa?

Eu diria que podemos controlar *a forma como nos sentimos em relação ao dinheiro*. E isso tem mais a ver com os nossos sentimentos sobre a riqueza do que com mercados de imóveis, de ações, de ouro ou de criptomoedas.

O QUE É O DINHEIRO, REALMENTE?

Certo, houve uma época em que a “forma” do dinheiro era mais simples. Há apenas 150 anos, quando as pessoas queriam comprar algo numa feira, pagavam com dinheiro. Naquela época, elas tinham apenas notas e moedas. Agora temos cheques, contas bancárias, cartões de crédito, Pay-Pal e criptomoedas. O dinheiro que usamos num supermercado e o dinheiro que viaja eletronicamente em Wall Street parecem muito diferentes do que existia nos séculos passados.

Não faz muito tempo, as pessoas guardavam o dinheiro embaixo dos colchões ou em cofres dentro de casa. Elas precisavam ver e tocar o dinheiro regularmente para saber que ele estava ali, em sua posse. Mas, pensando bem, o dinheiro é apenas um símbolo. Hoje em dia, raramente nós o vemos ou tocamos em sua forma concreta. Só precisamos digitar nos celulares e

olhar os extratos bancários para saber que nosso dinheiro existe. Ele cai nas nossas contas bancárias e nós o gastamos com um cartão de crédito. Não é incomum se passarem dias, semanas ou meses sem que precisemos sequer tocar em dinheiro vivo. Na maior parte da Ásia, em especial no Japão, raramente as pessoas andam com carteiras, porque toda transação é realizada facilmente por smartphones.

Bilhões de dólares, euros, marcos e ienes estão sendo trocados simultaneamente em todo o mundo. Não conseguimos perceber que o dinheiro que usamos no cotidiano é o mesmo que viaja pelo mundo eletrônico. Hoje, um gerente de fundos de hedge pode ganhar em minutos o equivalente ao salário anual de uma pessoa comum. Essas coisas nos deixam confusos.

Como isso é possível?

ENTÃO, ONDE ESTÁ O SEU DINHEIRO?

Pensando bem, o conceito de dinheiro é bastante vago. O dinheiro que você pensa que tem no banco não está realmente lá. No momento em que você faz um depósito, os bancos o emprestam a outra pessoa. Assim, fisicamente, seu dinheiro não está mais lá. Tudo que resta são aqueles números que aparecem quando verificamos o extrato.

Vamos tentar um experimento imaginário. Você pode achar que tem dinheiro, mas e se ele for uma ilusão? Por mais amedrontadora que seja essa ideia, suponha que um dia você verifique seu extrato e não encontre dinheiro nenhum. Você não o gastou. Ele simplesmente sumiu. Você liga para o banco e pergunta:

– Cadê o meu dinheiro?

E a pessoa do banco responde:

– Não há dinheiro algum na sua conta.

Como você provaria o contrário? Você tem registros dos depósitos feitos? Claro. Tem históricos das transações? Claro. Mas e se o banco não tiver nada disso? Como você prova as horas que trabalhou, os juros que ganhou, a quantia que depositou?

Imagine como você se sentiria se tudo isso desaparecesse.

Agora vamos pensar no dinheiro que você deve: empréstimos estudantis, dívidas de cartão de crédito, financiamentos. Talvez você se sinta esmagado por esses empréstimos. Assim como você pensou que o dinheiro da conta-corrente ou da poupança era uma espécie de ilusão, imagine agora que seus empréstimos e suas dívidas também são ilusórios. E se todos simplesmente desaparecessem? (Quando se trata de sumiços dessa natureza, curiosamente não experimentamos a mesma angústia de quando nosso dinheiro desaparece. Por que será?)

A maioria de nós confia no sistema que está operando. Acreditamos que os bancos devolverão nosso dinheiro quando pedirmos e admitimos que devemos a quantia dos nossos empréstimos, os quais pagaremos um dia. Sentimo-nos seguros pensando que nosso dinheiro está no banco e ficamos estressados porque precisamos pagar o que tomamos emprestado.

Agora que, aparentemente, sabemos onde está o nosso dinheiro, é hora de perguntar: para que ele serve, de verdade? E para onde ele parece ir?

PARA ONDE VAI TODO O DINHEIRO?

Durante toda a vida, estudamos, trabalhamos duro e pagamos impostos. Porém, depois de pagar todas as contas, no fim do mês sobra pouco para a maioria das pessoas. Temos financiamentos estudantis, de veículos, dívidas de cartões de crédito e hipotecas; e tudo parece um fardo enorme, sem alívio à vista. Para piorar, nunca há o suficiente para gastarmos com o que “deveríamos” ter. Somos bombardeados o tempo todo com propagandas de produtos supostamente indispensáveis. Precisamos do modelo mais novo do carro de luxo que acabamos de comprar. O “velho” SUV não serve mais. Precisamos de celulares novos. Temos amigos que viajaram para locais exóticos ou levaram a família à Disneylândia – não apenas uma vez, mas anualmente – e sentimos que ficaremos frustrados se não fizermos a viagem também. Agora existe até uma palavra para isso: “FOMO” – sigla para a expressão inglesa *fear of missing out* (medo de ficar de fora, em tradução livre).

Hoje em dia todo mundo tem algum FOMO. Seja um cosmético, um vestido ou um terno que nos deixará mais bonitos ou parecendo mais ricos, simplesmente *precisamos* comprá-lo, senão ficaremos de fora. A lista é interminável: melhorias na casa, novos aparelhos eletrônicos, sapatos novos, novas experiências. É tudo *novo, novo, novo* o tempo todo. O que temos não presta mais, repetem constantemente os anúncios, os programas de TV e até nossos amigos. Certo, ninguém vai morrer se não tiver essas coisas, mas... E nossos filhos? Que pai ou mãe nunca ouviu “Eu morro se não tiver o que meu amigo [preencha com o nome] tem”? Ou: “Todo mundo tem [preencha com o último item da moda ou a última engenhoca] *menos eu*, e vou parecer um fracassado se não tiver! Por favor, pai/mãe, pode comprar para mim?” E não são só os filhos que fazem isso. Todos conhecemos alguém que vive alardeando sua última compra, e, quando chegamos em casa, pensamos: *Bom, esse aparelho de TV – que eu amava até uma hora atrás – está ultrapassado. Também preciso de um novo!*

Quando não podemos comprar as coisas que nossos amigos têm, ficamos confusos e chateados. Vemos pessoas privilegiadas curtindo a vida sem fazer nada (ou, pelo menos, é o que dizemos a nós mesmos) e sentimos raiva. Reclamamos: “Trabalho tanto quanto ele, ou mais ainda! Também mereço ter coisas boas.” Dizemos a nós mesmos que estamos fazendo tudo certo – e mesmo assim não temos o suficiente. *Nunca é suficiente*. Alguém sempre tem alguma coisa melhor. Alguém sempre está fazendo mais. Alguma coisa não está certa.

“Isso não é justo”, dizemos.

Quando minha filha era adolescente, fomos morar em Boston por um ano, para que ela pudesse estudar. Na época, minha filha não falava inglês muito bem. Um dia voltou para casa e me perguntou sobre uma frase que escutava o dia todo:

– Papai, todo mundo falou essa frase. Quero saber o que significa.

Perguntei qual era, e ela disse que a frase que os garotos usavam o dia inteiro era “Não é justo”.

Não pude deixar de sorrir.

Quando se trata de dinheiro e da vida, no mundo inteiro estamos sempre sentindo e ouvindo “Não é justo”. As crianças ouvem os pais dizerem em casa: “Não é justo o fulano ganhar mais do que eu! Não é justo eu trabalhar tanto e receber tão pouco!” E então nossas crianças vão para a escola e veem uma criança brincando com uma boneca que elas querem, e dizem: “Não é justo ela ter essa boneca e eu não!” Ou: “Não é justo ele passar o recreio inteiro no balanço e eu não!” E talvez uma professora precise explicar às crianças: “Há tempo suficiente para todo mundo brincar no balanço; espere a sua vez.” Ou: “Tem um monte de outros brinquedos. Vamos encontrar um para você.” A professora está certa: há tempo suficiente e há balanços, bonecas, brinquedos, etc., mas as crianças não conseguem enxergar isso. Só veem o que elas *não têm*, o que *não estão fazendo* – assim como seus pais só estão vendo o que eles não têm e o que não estão fazendo. É isso que chamamos de mito da escassez.

O MITO DA ESCASSEZ

Em todo o mundo, as pessoas sentem que não são tratadas com justiça. E muitas também acreditam que esse é um jogo de soma zero [sistema em que o ganho de um jogador representa obrigatoriamente a perda de outro]. Se alguém tem algo, então não podemos ter. Acreditamos que, se os outros têm muito dinheiro, automaticamente estão nos privando do nosso. Associamos muitas emoções negativas ao dinheiro ao pensarmos nele desse jeito.

A mentalidade da escassez é a convicção de que os recursos no mundo são limitados e que, se não pegarmos o que quisermos quando quisermos, outro o fará. Precisamos pegar logo, porque está acabando. E, se está acabando, precisamos fazer o possível para garantir que teremos antes de qualquer outra pessoa. Todos os tipos de influências negativas induzem nosso comportamento quando pensamos desse jeito. Agimos a partir do medo, da inveja e da ganância. Pegamos o que podemos, sempre que podemos, e não pensamos em como isso afeta os outros ou o bem maior. Esse modo de pensar nunca nos faz bem por muito tempo. Porque, mesmo quando conseguimos o que queremos, nunca é o bastante. Sempre haverá

algo maior, melhor e mais desejável por aí, e, se não possuímos isso também, ficaremos de fora. É um ciclo interminável que nos mantém prisioneiros de um processo contínuo de acumular, gastar e, em seguida, querer mais.

Um dos melhores livros sobre a mentalidade da escassez e suas consequências devastadoras é *The Soul of Money: Transforming Your Relationship with Money and Life* (A alma do dinheiro: transformando sua relação com o dinheiro e com a vida, em tradução livre), de minha amiga Lynne Twist, ativista global e fundadora da Pachamama Alliance. Lynne é reconhecida em todo o mundo por suas ideias e ações para aliviar a fome no planeta, garantir os direitos das mulheres e inspirar as pessoas a levar suas vidas com integridade, generosidade de espírito e abundância. Ela escreveu: “Essa condição interna da escassez, essa mentalidade da escassez está no próprio âmago da nossa inveja, da nossa cobiça, de cada preconceito e das nossas brigas com a vida.” Cada briga, cada preconceito, cada discordância mesquinha está relacionada à ideia de que alguém possui algo que eu não tenho – uma ideia que está no coração da escassez. Portanto, para superar a inveja, o medo, a cobiça e o preconceito, precisamos eliminar a ideia de escassez – a ideia de que as coisas simplesmente não são “justas”.

O motivo para minha filha estar ouvindo “Não é justo” o dia inteiro era que, todas as vezes, as crianças estavam olhando para o que não tinham, não para o que tinham. Imagino que a criança que queria a boneca finalmente conseguiu. E não tenho dúvida de que, enquanto essa criança brincava com a boneca, outra tinha não somente uma boneca, mas também um carrinho de boneca! *Bom, isso não é justo.*

O mesmo acontece com os adultos. Nós temos uma casa. Temos um carro. Temos roupas. Mas nossos vizinhos têm roupas mais caras com etiquetas de grifes famosas, casas maiores e carros mais caros e mais espalhafatosos. *Eles são ricos. Têm mais. E, se eles têm mais, eu não tenho chance de conseguir. Eles pegaram a minha fatia do bolo.*

Será que pegaram mesmo? Vamos examinar isso com um pouquinho mais de profundidade.

PERDENDO A PAZ DE ESPÍRITO POR CAUSA DO DINHEIRO

Quantos sonhos e casamentos foram despedaçados por causa de dinheiro?

Quanta paz de espírito nós perdemos?

Mais do que deveríamos.

Quando pergunto num salão cheio de pessoas sobre experiências estressantes na infância relacionadas ao dinheiro, inevitavelmente escuto algo do tipo: “Eu queria fazer aulas de balé, mas minha mãe dizia que não podíamos pagar.” Substitua balé por ginástica artística, patinação no gelo ou qualquer hobby com o qual sonhamos na infância, e é possível dizer que todos conhecemos essa história de uma forma ou de outra.

Por mais que pareça um contrassenso, aqueles cujos pais disseram que eram pobres demais quando pequenos deveriam se considerar com sorte. Claro, podemos sentir ressentimento em relação ao dinheiro, mas não precisamos nos culpar pelos problemas financeiros dos nossos pais. Alguns filhos infelizes sofrem desnecessariamente e sentem-se culpados por seus pais serem pobres. Os pais vivem reclamando a respeito de quanto custa prover tudo para eles; alguns chegam a dizer: “Eu seria rico se não fossem vocês, crianças.” E existem pais que adotam uma postura passiva/agressiva, ainda mais prejudicial. Por vergonha ou raiva da situação financeira, dizem aos filhos que eles não podem fazer aulas de hóquei porque nunca levam nada até o fim – ou, pior, que não têm talento e que seria um desperdício de dinheiro. E o que a criança pensa quando ouve isso? *Sou um desperdício de dinheiro.* Essa distorção dolorosa da verdade é mais resultado não intencional dos problemas psicológicos dos pais do que uma tentativa de manipulação. No entanto, a consequência é a mesma: esses filhos passam a associar o dinheiro à dor e ao sofrimento – e internalizam isso a ponto de acreditar que são a *causa* do sofrimento. Isso é que é bagagem emocional!

REVIRANDO NOSSO LIXO EMOCIONAL RELACIONADO AO DINHEIRO

O dinheiro ajuda a fazer o que você quer?

Ou é sempre um obstáculo?

Você não conseguiu começar seu projeto dos sonhos nem abandonar seu trabalho insatisfatório por causa de dinheiro?

Você gosta de dinheiro?

O dinheiro também gosta de você?

Que histórias você conta a si mesmo sobre o dinheiro?

Você se pega dizendo as mesmas coisas que seus pais diziam sobre dinheiro? (*Nunca há o suficiente. Eu gostaria de ter mais. Trabalho demais e não ganho o que deveria ganhar.*)

Como dissemos antes, o dinheiro assume várias formas, mas em seu estado mais simples ele é apenas um objeto. A questão é que projetamos sentimentos demais nele. Na verdade, tenho um pouco de pena do dinheiro, um alvo fácil para o ressentimento e a inveja. Ele sempre leva a culpa pelos erros da humanidade.

Mas o problema não é o dinheiro. Somos *nós*.

Para algumas pessoas, o dinheiro significa segurança. Para outras, ele é um monstro que pode destruí-las a qualquer momento. Há quem o considere um símbolo de liberdade – ou a representação do controle que o chefe, os pais ou a família exercem.

Ao verificar o sentimento que projeta no dinheiro, você pode reconhecer sua bagagem emocional. Se conseguir fazer isso, enxergará o dinheiro com clareza.

Por que é tão difícil? Porque chegar a esse lugar exige muito entendimento e introspecção. Implica escavar fundo e descobrir quais são suas crenças sobre o dinheiro, entender como desenvolveu essas convicções e, em última instância, descobrir o que ele significa para você.

TRÊS FUNÇÕES DO DINHEIRO

A confusão em relação ao que é o dinheiro e ao que ele significa para nós costuma estar fortemente ligada a um sentimento. Podemos nos sentir usados, descartados ou traídos. Consideramos a vida injusta. Sentimo-nos

indignos e rebaixados. Achamos que os outros têm mais do que nós. Muitos desses sentimentos resultam das funções do dinheiro. O dinheiro serve primariamente a três funções:

Função de troca

A maioria das pessoas consegue entender isso. Usamos o dinheiro em troca de alguma coisa: comida, uma passagem de trem ou uma hora de massagem. A função de troca dá poder ao dinheiro, pois, no momento em que o obtemos, sabemos que podemos trocá-lo por qualquer coisa. É um processo quase automático ou um desejo inato. Como nossa necessidade de artigos para sobreviver – comida, roupas, abrigo – é inerente, precisamos de um meio para obter esses produtos: o dinheiro. Quando não temos o suficiente para isso, entramos em pânico. Sentimos que nossa vida ou a vida da nossa família corre perigo, e tudo que é relacionado ao dinheiro – a ganhar e gastar – se torna estressante.

Função de poupança

Outro motivo para as pessoas quererem se agarrar ao dinheiro é o desejo de preservar o valor dele e, por extensão, o valor delas próprias. Por exemplo, na Idade da Pedra os humanos caçavam mamutes gigantesco. Se não comessem um mamute inteiro imediatamente ou se não descobrissem um modo de armazená-lo ou usar suas partes, a carcaça apodreceria e o trabalho e o esforço de meses rastreando o animal seriam desperdiçados. Para preservar o valor de seu trabalho e seu esforço, eles precisavam armazenar, usar ou trocar a carne. O mesmo ocorre conosco. Não queremos que nosso trabalho seja em vão. Queremos que ele mantenha o valor. Queremos ver o dinheiro no banco depois de um mês de trabalho duro. Queremos ver a poupança crescer depois de anos de serviço dedicado. Em outras palavras, queremos ter algo para mostrar em troca da vida de trabalho. Queremos que isso signifique alguma coisa. Quando trabalhamos mês após mês, ano após ano e não temos nada a exhibir, ficamos abatidos e

deprimidos, como se nossa existência carecesse de significado. Comparamos o valor da nossa vida com o nosso patrimônio líquido.

Função de crescimento

Este é o cerne do capitalismo. Se você deposita dinheiro, ele gera lucro. Assim, se você tem dinheiro investido, ele cresce como algo vivo. Quem tem mais dinheiro ganha mais dinheiro. Por isso os ricos ficam mais ricos. A maioria de nós fica confusa com esse conceito, porque significa que o trabalho duro e o esforço têm pouco a ver com o sucesso. Além disso, podemos nos sentir excluídos. Se não sobrar dinheiro para investir no fim de cada mês, depois de pagar as contas, como vamos gerar dinheiro suficiente para acumular riqueza?

É fácil perceber por que as funções do dinheiro podem fazer com que nos sintamos inadequados. É como se as cartas estivessem marcadas contra nós antes mesmo de o jogo começar. Ainda que isso pareça ser verdade, não nos impede de tentar ganhar mais dinheiro ou *querê-lo*.

Assim, se o dinheiro é um problema tão grande, por que parece que queremos ter sempre mais?

SEIS MOTIVOS PELOS QUAIS AS PESSOAS DESEJAM TER DINHEIRO

Todo mundo quer mais dinheiro. Quando você pergunta aleatoriamente a uma pessoa o que ela mais deseja, frequentemente a resposta é: “Dinheiro”. Mais tarde ela pode decidir exatamente como usá-lo.

Por que desejamos tanto ter mais dinheiro? Que motivos subjacentes nos levam constantemente a sentir que precisamos de mais? Ao colocar em perspectiva as razões emocionais desse desejo, você começará a se sentir mais conectado às suas próprias necessidades e menos estressado com o dinheiro. É assim que poderá se libertar.

Com o passar dos anos, observei muitos motivos pelos quais as pessoas acreditam que querem mais dinheiro. Reconheci alguns padrões nítidos – os seis motivos pelos quais as pessoas desejam ter dinheiro.

Há sempre um impulso emocional por trás do desejo de ter dinheiro. Porém, se nos desconectarmos das emoções subjacentes, podemos ficar presos no ciclo de tentar ganhar dinheiro sem entender por que realmente precisamos dele.

Motivo nº 1: Manter um padrão básico de vida

Todos nós precisamos de abrigo, roupas e comida. No passado, a subsistência dependia de boas terras agrícolas e florestas, mas hoje é o dinheiro que nos fornece o que precisamos. A maioria das pessoas diz que trabalha “para botar comida na mesa”. É importante entender a diferença entre o que consideramos o mínimo necessário e o que consideramos luxo.

Conheci pessoas que ganhavam bons salários. No entanto, a percepção delas era que tinham apenas o suficiente para pôr comida na mesa e manter o teto sobre a cabeça. Quando eu analisava como elas despendiam o dinheiro, via que tinham uma casa de custo alto, um carro novo com financiamento caro e que gastavam uma porcentagem enorme do ganho mensal em comida e diversão. Além disso, possuíam muitas coisas que não usavam. As pessoas ligam o dinheiro diretamente à sobrevivência. Sempre que sentem uma necessidade, por instinto, voltam-se para o dinheiro e compram alguma coisa.

Motivo nº 2: Obter poder

O dinheiro é visto frequentemente como algo que dá às pessoas o poder de controlar os outros e que lhes permite fazer as coisas que desejam. Assim, não é surpresa que consideremos as pessoas ricas poderosas.

Entretanto, ser poderoso não significa estar no controle nem é sinônimo de felicidade. Quando confundimos dinheiro com poder, jamais satisfazemos a necessidade de nos sentirmos no controle da nossa própria vida; queremos sempre mais poder, e, portanto, mais dinheiro. E, assim como sempre existirá alguém com mais dinheiro, sempre haverá alguém

com mais poder. Essa força corruptora e viciante produz todo tipo de emoções negativas que bloqueiam a verdadeira felicidade.

Conheço jovens muito ambiciosos, que me falam de seu sonho de erguer um império empresarial e figurar entre as pessoas mais ricas do mundo. Eles não entendem que, embora a riqueza traga algum poder, o dinheiro não substitui integridade, confiança e amor verdadeiro. Você jamais ganhará o coração dos outros somente com dinheiro. Encontrei muitas pessoas que têm importância no mundo dos negócios e na sociedade, mas se sentem inseguras nos relacionamentos íntimos e a respeito de si mesmas.

Motivo nº 3: Vingar-se dos outros

Gente de todo tipo, seja rica ou pobre, sente, vez por outra, que foi explorada. Se são pobres, acreditam que lhes roubaram certos privilégios; se são ricas, sentem-se desrespeitadas ou excluídas por seus pares. Aqueles que se acham menosprezados pela sociedade podem cair na tentação de enxergar o dinheiro como um meio de se vingar dos que atrapalharam suas trajetórias ou os fizeram sofrer.

No entanto, os abusadores estão apenas na cabeça das pessoas. Elas próprias é que estão se julgando. Sairão comprando objetos para competir com os outros, sem perceber que ninguém está realmente competindo com elas. Até mesmo quem não tem condições de pagar por bens muito caros pode sair por aí comprando (mesmo que numa escala menor) para parecer superior.

Alguns milionários que enriqueceram com o próprio esforço alardeiam sua riqueza como um meio de compensar outras inseguranças. Contudo, não importa quanto ganhem ou gastem, a autoestima nunca aumenta. Eles sentem o tempo todo que os outros os olham de cima ou falam deles pelas costas.

Motivo nº 4: Encontrar a liberdade

Algumas pessoas acreditam que o dinheiro pode comprar a liberdade. Quando pensamos em liberdade, em geral imaginamos uma vida sem emprego e com a possibilidade de ir a qualquer lugar no mundo e fazer o que quisermos. Para viver assim, de uma forma tão livre, é necessário ter montanhas de dinheiro.

Mas a liberdade não pode ser comprada. Mesmo que tenha todo o dinheiro do mundo, se sua mente não estiver livre, você perde as verdadeiras vantagens dessa riqueza. A não ser que consiga encontrar a liberdade no presente, você sempre voltará aos mesmos estados emocionais, ainda que tenha ganhado na loteria ou recebido uma herança inestimável. O dinheiro pode comprar coisas que o farão se sentir feliz temporariamente. No entanto, sem a verdadeira realização, que vem de dentro, a verdadeira liberdade fugirá de você.

A maioria de nós tem mais liberdade e mais opções do que pode perceber. Porém, se ficarmos presos à ideia de que nossa modesta conta bancária limita a nossa liberdade, podemos perder nosso verdadeiro potencial para a felicidade. Ter um emprego com salário alto, um grande contrato ou mesmo ganhar na loteria não são o caminho para ser livre. Você provavelmente não precisa de mais dinheiro no banco para se libertar.

Motivo nº 5: Obter amor e atenção

O dinheiro pode atrair amor e atenção, mas os relacionamentos cultivados graças a ele são, na melhor das hipóteses, frágeis e superficiais. Quando o dinheiro acaba, o amor, o respeito e a amizade terminam também. E ainda que o dinheiro possa atrair o amor, frequentemente ocorre o oposto. Muita gente sente repulsa por quem ostenta sua riqueza ou espera um tratamento especial por ser rico. Isso acontece porque o dinheiro não basta para ser feliz. Almejamos algo que se encontra num nível mais profundo.

Quando você tenta usar o dinheiro para assegurar amor, baseia todo o seu valor em quanto tem. E, ainda que impressione algumas pessoas, no fundo a maioria procura mais do que apenas riqueza num amigo ou num amante.

Assim, quando seu dinheiro não consegue atrair relacionamentos profundos e duradouros, sua autoestima, quanto você acha que “vale”, sofrerá e nem toda a fortuna que ganhou conseguirá melhorá-la.

Pessoas nessa situação costumam se tornar paranoicas em relação aos amigos. Achem que os outros as querem por perto somente porque elas têm dinheiro, sem considerar que foram elas mesmas que usaram o dinheiro para obter respeito e amizade.

Motivo nº 6: Expressar amor e apreço

O dinheiro é apenas uma energia neutra: pode ser uma arma se for usado com ressentimento e raiva ou se alimentar de amor e atenção. É um veículo para as nossas emoções e atitudes. As pessoas o querem para expressar amor e apreço. Embora esse seja um bom motivo para juntar dinheiro, precisamos ter cuidado com um aspecto.

O fato de não estar nadando em dinheiro não impede você de expressar seu amor e sua gratidão aos outros. Presentes espetaculares impressionam, mas o que realmente comove está na intenção e no sentimento por trás deles. A quantidade de amor ofertada não se equipara ao tamanho ou ao preço do presente. Nós nos recordamos das conexões emocionais, da confiança que temos nas pessoas, das lembranças que compartilhamos.

Em geral, a energia de um relacionamento positivo transforma o dinheiro comum em Dinheiro Feliz. Quando você tem a oportunidade de usar o dinheiro num ato de amor, pode estar certo de que fez um bom investimento, remunerado com juros altos. A pessoa a quem você deu o Dinheiro Feliz vai multiplicá-lo, e, eventualmente, mais dinheiro voltará para você. O que importa é como ele inspira novas atitudes.

ATÉ QUE PONTO VOCÊ ESTÁ FELIZ COM O DINHEIRO QUE POSSUI?

Você está feliz com sua situação financeira neste momento?

Ao pensar em dinheiro, você se sente abençoado, pleno de vontade de viver ou frustrado?

Se você identificou em si algum dos motivos que descrevi para juntar dinheiro, reflita: o motivo escolhido tem alguma coisa a ver com a sua relação atual com o dinheiro ou com o que sente por ele?

Vou compartilhar um segredo: não importa quanto você tem ou ganha. O que determina sua riqueza são seus sentimentos em relação ao dinheiro. Não há fortuna guardada no banco que mude sua relação com o dinheiro se você não tem uma atitude saudável a respeito dele.

O QUE TEM EM SUA CARTEIRA?

Se de fato existem Dinheiro Feliz e Dinheiro Infeliz, qual é o tipo que você carrega?

Examine sua carteira, assim como a mulher naquela festa pediu para fazer com a minha. Ainda que você não possa ver fisicamente o sorriso do dinheiro, conseguirá adivinhar se ele está sorrindo ou não.

Se você está feliz com o seu trabalho e a sua vida, é provável que seu dinheiro sorria dentro da carteira.

Se você odeia o seu trabalho e vive reclamando, seu dinheiro está chorando ou com raiva dentro da carteira.

Todos queremos que nosso dinheiro sorria. Se isso não está acontecendo, é hora de se perguntar: *O que há de errado com a minha vida?*

Talvez você esteja insatisfeito com o que ganha ou tem. Talvez seu cônjuge não aprecie seu trabalho duro e reclame do seu salário.

SE O DINHEIRO FOSSE UMA PESSOA, QUEM ELE SERIA?

Se fosse uma pessoa, o dinheiro poderia escolher diferentes personalidades. Qual seria a personificação do seu?

Seria gentil e afável ou desagradável e antipática?

Lembre-se das suas experiências no passado. Para alguns, o dinheiro pode ser uma força cruel que os priva de oportunidades. Ou pode ter dado a outros tudo de que precisavam ou que desejavam. Talvez o dinheiro tenha lhe trazido algumas surpresas no passado. Talvez tenha vindo dos seus avós, de uma bolsa de estudos, de uma bonificação generosa ao final de um

período de trabalho difícil. Se o dinheiro sempre foi gentil com você, você se sente seguro sabendo que ele sempre estará lá.

Pessoas cujas experiências com o dinheiro foram boas – que sempre puderam contar com ele e confiam que continuará lá – têm mais chances de usufruir uma vida de qualidade. Podem não ser ricas, mas sentem-se “abençoadas”. Tudo dá certo para elas. Quando pensam no futuro, não é difícil que vislumbrem tempos luminosos.

Para os que passaram por experiências ruins com o dinheiro, lamento que a vida tenha sido injusta. Sinto muito por suas dificuldades no passado, mas garanto que elas não são determinantes para o seu futuro. Você pode transformar sua vida ou mudar seus sentimentos em relação ao dinheiro.

O dinheiro pode ser ruim, mas também pode ser bom – muito bom. Pense em como as pessoas têm situações diferentes. Algumas têm pais que as ajudam a pagar a faculdade e sempre parecem suprir suas necessidades, ao passo que outras se esforçam para botar comida na mesa.

Acredito que o dinheiro muda de caráter de acordo com a situação. Se você está com medo, projeta medo nele – o dinheiro não é seu amigo. Se está feliz, o dinheiro provavelmente é uma força jubilosa e sempre presente. Se o dinheiro foi maculado durante gerações que alimentaram crenças e pensamentos negativos como de escassez, saiba que você nunca terá o suficiente – a não ser, claro, que mude a energia do dinheiro que você ganha e distribui.

CADA UM DE NÓS ESTÁ PRESO NUM DILEMA ESPECÍFICO EM RELAÇÃO AO DINHEIRO

Tenho amigos de todos os tipos. Alguns vivem o mais distante possível do dinheiro e desfrutam da vida no meio do mato. Plantam o próprio alimento e gastam quase nada. Fazem praticamente tudo sem dinheiro, usando-o apenas para remédios e alguns itens que não podem cultivar nem confeccionar com as próprias mãos. Outros são extremamente ricos e não se importam em gastar uma pequena fortuna numa garrafa de vinho ou num almoço casual. Tenho amigos que são os melhores em seu campo de atuação

– médicos, advogados e CEOs bem-sucedidos à frente de empresas de capital aberto. E tenho amigos que são donos de farmácias ou lojinhas, trabalham em fábricas, dirigem caminhões ou fazem trabalho braçal.

Não importa com quem eu converse, todos, inevitavelmente, reclamam da vida e me pedem conselhos. Ricos e pobres têm preocupações semelhantes e quase sempre se sentem esmagados pelo dinheiro.

Mas por motivos diferentes.

Os super-ricos não têm tantas preocupações financeiras no presente, mas se inquietam com o futuro. Temem que seu sucesso não dure para sempre. Viram muitas pessoas fracassarem no caminho para o topo, perdendo tudo que tinham ou passando dificuldades. Preocupam-se com os filhos e reclamam que eles não lidam com o dinheiro de modo prudente. Nem todo o dinheiro do mundo afasta as preocupações com dinheiro.

Quem tem menos também se preocupa e reclama. A maior frustração das pessoas de classe média é ganhar menos do que precisam. Sentem-se esmagadas pela pressão dos gastos. Isso é exacerbado se tiverem filhos, o que desencadeia batalhas constantes em relação a mesadas e a como gastar o dinheiro. Precisam poupar para a educação deles e têm medo de não possuir dinheiro suficiente para uma aposentadoria feliz e confortável. Além de tudo, sentem-se pressionadas com o tempo. Passam cada momento em que estão acordadas trabalhando para ganhar mais ou imaginando como farão para equilibrar o orçamento.

A classe média baixa costuma se sentir explorada, marginalizada e desvalorizada no mundo profissional. As pessoas nesse estrato acreditam que os empregadores ricos se beneficiam dos esforços dos seus funcionários, sem perceber que eles trabalham duro em troca de pagamentos irrisórios.

Por fim, os que têm dificuldades financeiras ou são pobres estão simplesmente lutando para sobreviver. Não enxergam além da necessidade mais básica. Para eles, o dinheiro – e imaginar que ele possa trazer outros problemas e preocupações – é um mistério. É frequente ouvirmos pessoas dizendo: “Eu gostaria de ter os problemas daqueles pobres riquinhos.” Para um pobre que passa fome, os problemas dos ricos não parecem tão terríveis.

Independentemente de nossa situação e de nosso status financeiro, todos somos afetados pelo dinheiro. E o modo como reagimos à nossa situação pode nos deixar felizes ou infelizes.

ENTÃO O DINHEIRO PODE COMPRAR FELICIDADE?

Todos conhecem o ditado “O dinheiro não pode comprar a felicidade”.

Se isso é verdade, por que tantas pessoas desejam ganhar mais? Elas querem ser infelizes? Por que tantos querem dinheiro desesperadamente? Por que alguns chegam ao ponto de cometer crimes para obter mais?

Desnecessário dizer que existem grandes benefícios em ter dinheiro. Quando você pergunta a uma criança de 5 anos o que ela deseja, geralmente a resposta é alguma coisa tangível, como doces ou brinquedos. Mas quando pergunta a uma criança de 10 anos, ela responde: “Dinheiro! Depois vejo o que quero comprar com ele!” Até mesmo as crianças descobrem cedo que o dinheiro é uma espécie de varinha mágica capaz de produzir milagres.

Ele vai se transformar no que você quiser.

Ao mesmo tempo, sabemos que o dinheiro não pode comprar a felicidade.

Talvez queiramos acreditar nisso para nos consolarmos quando não temos dinheiro.

Mas sentimos uma pontada de inveja quando um amigo ganha na loteria ou recebe uma herança. Pouco antes de ouvir a novidade, estávamos ótimos. Porém, assim que descobrimos que alguém ganhou alguma coisa (e nós não), já não nos sentimos tão “numa boa”. Então repetimos para nós mesmos que “o dinheiro não pode comprar a felicidade” e parte do mal-estar passa, mesmo sem a bolada da Mega-Sena.

UMA ABORDAGEM ZEN DA FELICIDADE E DO DINHEIRO

A abordagem Zen da felicidade nos convida a pensar em nós mesmos não em termos do que fazemos ou do dinheiro e das coisas que temos, mas em termos do que *somos*. E o que somos? Seres humanos. Nosso propósito como humanos é “ser”. O que significa isso? Significa estarmos presentes no

momento, totalmente agradecidos e alinhados com o lugar onde nosso corpo e nossa mente se encontram neste instante. Se você estiver presente no momento, não estará pensando no passado – nos seus erros, nos seus problemas, no mal que lhe fizeram ou na raiva que sentiu por algo que aconteceu. E se você está presente, não está pensando no futuro – nos resultados inesperados, nas chances de algo dar errado. Se não está pensando no futuro, não está ansioso, assustado nem estressado. Boa parte do nosso estresse, nossa ansiedade e nossa infelicidade relacionada ao dinheiro resulta de pensar nos erros do passado ou no mal que nos fizeram, bem como da preocupação inútil com as incertezas do futuro. Nosso passado e nosso futuro roubam a felicidade do nosso eu atual quando permitimos que esses pensamentos negativos tomem conta de nós. A felicidade realmente vem de dentro. Concordamos que o dinheiro não pode comprá-la. Nada pode. No entanto, admito que é muito mais fácil estar presente, sem raiva do passado nem preocupação com o futuro, se o dinheiro não for uma força tão avassaladora na nossa vida.

Entrevistei um imenso número de pessoas para os meus livros. Nem todas estão financeiramente bem. Depois de ouvi-las, cheguei à seguinte conclusão: o dinheiro não pode comprar a felicidade, mas certamente alivia parte do desconforto na vida. Em outras palavras: quanto menos preocupações e estresse você tem, mais tempo sobra para você *ser*.

Se você tem dinheiro, não precisa se preocupar o tempo todo com as contas no fim de cada mês. Pode oferecer alguma coisa aos amigos, um presente a uma pessoa especial.

Ainda assim, por mais que o dinheiro ajude, e ele certamente ajuda, não é essencial para a felicidade. Existem vários estudos sobre a relação entre quanto as pessoas ganham e o nível de felicidade. Esses estudos sempre demonstram que ela aumenta à medida que os ganhos sobem, mas apenas até um ganho de cerca de 75 mil dólares por ano. Além desse limite, o nível de felicidade não cresce na proporção da renda, porque haverá mais estresse relacionado ao dinheiro do que alegria.

Quando falo sobre isso em Nova York ou Tóquio, percebo a mesma reação. Todo mundo diz: “Claro que não é possível ser feliz com

pouquíssimo dinheiro.” Isso pode ser verdade. O custo de vida varia, dependendo de onde você está. Mas é importante saber que ganhar mais dinheiro não garante felicidade.

Isso pode fazer você pensar nas pessoas que ganham menos de 75 mil dólares por ano. A verdade é que conheci pessoas felizes que mal têm como bancar a própria sobrevivência. Como conseguem? É porque têm um bom relacionamento com o dinheiro: ele não define quem elas são. Essas pessoas não ficam se comparando com os vizinhos. E não se estressam com o futuro ou com o que não podem controlar. Não acreditam no mito da escassez. Sabem que sempre terão o suficiente. Estão satisfeitas com o lugar onde vivem e com o que são. Não se deixam hipnotizar pela ideia de que uma casa maior e um carro mais espalhafatoso vão transformar magicamente sua vida e afastar todos os problemas. Sabem que são responsáveis pela própria felicidade. O dinheiro não as controla nem tem poder sobre elas; *elas* têm poder sobre *ele*.

Mais importante: elas não têm medo do dinheiro.

Medo do dinheiro? Quem tem medo do dinheiro?

Mais gente do que você imagina.

AMOR OU MEDO: SUA RELAÇÃO COM O DINHEIRO

Há algum tempo traduzi o best-seller do Dr. Gerald Jampolsky *Love Is Letting Go of Fear* (Amar é libertar-se do medo), em que ele afirma que existem dois tipos de comunicação: amor e medo.

E eu digo que, quando se trata de dinheiro, existem duas abordagens: amor e medo.

Quando você ganha e gasta dinheiro, faz isso com amor ou medo.

Sentimos medo do dinheiro o tempo todo. Temos medo de que tudo o que possuímos não seja suficiente para os tempos difíceis. Temos medo de perdê-lo. Tememos que outros possuam mais do que nós. Ou que, se os outros ganharem mais, haja menos para nós. Temos medo de perder o emprego – se perdermos, como vamos pagar as contas? Mesmo quando gastamos dinheiro, fazemos isso por medo. *Se eu não gastar de modo*

cuidadoso e inteligente, vou perder dinheiro. Às vezes nos sentimos pressionados na hora de pôr a mão no bolso. Temos medo de que estejam se aproveitando de nós, trapaceando – temos medo de gastar demais ou de em poucos meses não gostar mais do que compramos. Pensamos que, se comprarmos algo, talvez não haja o suficiente para adquirir outra coisa mais tarde.

Muitos deixam o medo impregnar suas decisões sem perceber. Certo, alguns desses medos são racionais e existem por algum motivo. Os medos estão ligados à sobrevivência. Se fizermos bobagem com o dinheiro, não teremos um lugar para viver, comida para comer ou roupas para vestir. Há quem nasça com um sentimento de medo mais forte e cresça em famílias que temem o dinheiro ou nutrem relações negativas com ele. Outros não sentem medo algum. Parece que não passa pela cabeça dessas pessoas que o dinheiro possa acabar um dia.

Desde muito pequenos nos disseram para “fazer a coisa certa” com o dinheiro. Nossos pais nem sabiam qual era o significado dessa frase, mas isso não os impedia de dizê-la. Recebíamos broncas por causa do dinheiro – pelo modo como gastávamos, perdíamos e descuidávamos dele. Carregamos esses temores na vida adulta sem perceber ou reconhecer que o medo está ligado às nossas atitudes no que diz respeito ao dinheiro.

Infelizmente, o sistema financeiro atual se baseia no medo. Nossa sociedade é calcada no medo – nosso sistema educacional, nosso trabalho e, possivelmente, nossa vida em casa também. Temos medo de fazer a coisa errada e ser castigados. Temos medo de que os outros possuam o que não temos e nos tornamos gananciosos. Tememos que os recursos sejam limitados ou escassos, por isso pegamos (e desperdiçamos) mais do que deveríamos. Temos medo de que as outras crianças levem vantagem sobre nossos filhos, por isso os mandamos para colégios particulares caros e depois reclamamos de pagar impostos para financiar escolas públicas. Temos medo de que nossos filhos se comportem mal ou nos façam passar vergonha, por isso lhes damos broncas e os controlamos. Desnecessário dizer que o medo não é um modo eficaz de conseguir o que você deseja. Frequentemente é uma atitude destrutiva e causa um mal duradouro.

Em certo sentido, não é surpresa que tantas pessoas tenham medo relacionado ao dinheiro. É uma reação automática. Se você não presta muita atenção à sua mente, dificilmente perceberá que o medo motiva suas ações, seja em casa, no trabalho, em sua comunidade ou no modo como utiliza o dinheiro.

O QUE SIGNIFICA TER UMA RELAÇÃO AMOROSA E PLENA COM O DINHEIRO

O oposto do medo é o amor. Amar é não ter medo de que algo vá lhe fazer mal ou abandonar você. Requer confiança e fé em que o objeto do seu amor, seja lá quem for, estará sempre presente. Ouvimos nossos pais dizerem que nos amam, mas talvez tenham expressado seu amor nos infundindo o medo. A ansiedade e a preocupação deles nos impediram de experimentar coisas novas. A preocupação deles com o dinheiro não permitiu que nos arriscássemos em nossas carreiras ou nos nossos relacionamentos. O medo tem toda a aparência de *controle*. Com o amor é o contrário. É *aceitação incondicional*. É uma disposição para confiar que tudo vai dar certo. É parecido com abrir mão de algo. O amor tem muito a ver com apenas “estar” no momento – sem raiva do passado, sem preocupações com o futuro. Você fica feliz em estar aqui agora. É intensamente grato por tudo que tem, e onde há gratidão há alegria e entusiasmo. E a alegria e o entusiasmo fazem de você uma pessoa feliz.

COMO É TER UMA RELAÇÃO AMOROSA COM O DINHEIRO?

Para muitos é difícil imaginar como é ter uma relação despreocupada, sem estresse, com o dinheiro. Mas tentemos por um segundo. Quero que você imagine que é possível viver em paz com o dinheiro.

As pessoas que vivem “apaixonadas” pelo dinheiro estão *fazendo* o que gostam e ganham o suficiente. Costumam dizer “Tenho o suficiente” ou “Tenho tudo de que preciso”. Podem não ser ricas, mas realmente têm tudo de que precisam. Colocam o que amam no centro da sua vida. Estão

financeiramente confortáveis, por isso não sentem estresse quanto ao dinheiro no dia a dia.

Quando vão a um restaurante ou a uma loja, escolhem não pelo preço, mas pela preferência. Isso não significa que sempre paguem caro pelo que compram. Simplesmente são exigentes. Sabem o que querem, portanto não precisam comprar muitas coisas. Dispensam produtos de grife porque não procuram a validação dos outros. Já são felizes consigo mesmas, com quem são e com o que querem ser. Assim, seus relacionamentos são autênticos. Elas se encontram com as pessoas das quais gostam, não com pessoas a quem tentam impressionar ou que queiram impressioná-las. Têm um bom relacionamento com a família e podem passar um tempo de qualidade com os parentes porque não estão trabalhando demais para ganhar alguns trocados extras. E ainda que às vezes sintam estresse por causa de dinheiro, dizem a si mesmas: *Isso acontece de vez em quando e eu sempre consigo superar. Tudo vai dar certo.* Sabem como *abrir mão* do estresse e não controlar as coisas por medo do que pode dar errado. Podem separar o que é real do que não é em relação aos seus temores quando se trata de dinheiro.

Em última instância, essas pessoas escolhem como se relacionar com o dinheiro. São conscientes. *São Zen.*

Todos nós podemos escolher nossa postura em relação ao dinheiro e à vida.

Como?

Acredito que a gratidão seja o começo da mudança. Em vez de acreditar que nunca terá o suficiente, pense: *Tenho tudo de que preciso e sou grato por isso. Agradeço pelo trabalho que faço, pela comida que como, pelo carro que dirijo e por todo o dinheiro que ganho.* Quando o dinheiro entrar, diga “Obrigado” ou, como falamos no Japão, “*Arigatô*”. Mesmo quando o dinheiro vai embora, você pode agradecer novamente pelo modo como ele o serviu ou pelo que lhe trouxe.

Independentemente do que aconteça, você pode dizer obrigado. *Obrigado* é uma palavra poderosa que vai ajudá-lo a transformar sua relação com o dinheiro. Quanto mais você agradecer, menos estresse terá e mais felicidade fluirá através de você – e do seu dinheiro. E você começará a ver, sem muito

esforço, com que rapidez o Dinheiro Infeliz na sua carteira começa a crescer, sorrir e se transformar em Dinheiro Feliz.

CAPÍTULO 2

QI Financeiro e QE Financeiro

Quando eu estava com 20 e poucos anos, antes de ter a sorte de iniciar meu aprendizado com meu mentor Wahei, comecei a estudar profundamente o conceito de dinheiro, lendo qualquer livro que tivesse “dinheiro” ou “investimento” no título. Frequentei seminários e palestras de empresários conhecidos. Para impressionar os oradores, me esforçava em fazer perguntas interessantes no fim das apresentações e depois escrevia cartas elogiosas pedindo que me aceitassem como discípulo ou assistente. Na maior parte das vezes, esses métodos de lisonja não funcionavam, mas algumas pessoas gostaram da minha paixão e me levaram para almoçar, compartilhando seu conhecimento e suas experiências. A partir desses encontros descobri que nem todos os indivíduos ricos e aparentemente bem-sucedidos são iguais. Apesar de parecerem “ter tudo”, a realidade era muito diferente.

Uma vez, enquanto esperava um novo mentor para um encontro marcado, perguntei casualmente sobre ele à secretária. Ela respondeu, um pouco surpresa:

– Comecei a trabalhar aqui há alguns dias, não o conheço bem.

Mais tarde fiquei sabendo que poucos permaneciam na empresa por tempo suficiente para conhecê-lo. Por causa de sua atitude áspera e exigente,

as pessoas abandonavam o escritório meses depois de começarem a trabalhar para ele. Quando percebi isso, também fui embora rapidamente. Contudo, outros milionários que conheci eram calorosos, amistosos, respeitados e amados por seus empregados, que só tinham coisas boas a dizer sobre os patrões. Esses líderes eram do tipo que chamamos “gente de verdade”. Já observei que, quando os funcionários falam mal de um líder pelas costas, em geral esse chefe não é boa pessoa. Uma pessoa pode parecer maravilhosa em público durante algum tempo, mas aqueles com quem interage no dia a dia sempre saberão quem é “de verdade” e quem não é. Ter dinheiro e os adereços do sucesso nem sempre equivale a ser alguém com algo de positivo para oferecer ao mundo.

Isso levanta um dilema interessante: por que algumas pessoas falsas ou astutas aparentam ser tão bem-sucedidas e ricas? Não faz sentido. Gostaria de me aprofundar nessa questão.

Quando comecei a investigar, achei que existia um caminho reto para o sucesso, uma ordem clara dos passos a seguir. Dito de modo simples, a ideia popular apresentada em muitos livros sobre finanças é a seguinte: você trabalha duro, ganha dinheiro, poupa, investe e, um dia, ficará rico. Ingenuamente, eu achava que seria assim comigo.

Mas será tão simples assim?

A essa altura você já deve saber que, na realidade, pessoas que trabalham duro e ganham muito dinheiro não são necessariamente bem-sucedidas no sentido tradicional. Existem ainda as que são bastante ardilosas com o dinheiro. No entanto, percebi que sempre chega o dia em que elas têm que prestar contas de suas ações. O mundo dá voltas! E, a longo prazo, ser um trambiqueiro ou mesmo um empresário desonesto não compensa. Pode dar bons resultados uma ou duas vezes, mas uma hora a máscara cai. E as pessoas dessa categoria costumam ser gananciosas: querem toda a fama, a atenção e o dinheiro. Economizam no que não devem, são avarentas e não dão dinheiro a quem o merece.

Em contrapartida, descobri que pessoas calorosas e com interesse sincero em beneficiar os outros costumam ter sucesso a longo prazo. A generosidade parecia ser sua marca registrada. Além disso, têm uma atitude mais

tranquila em relação ao próprio dinheiro. Um dos meus mentores afirmou: “O segredo do sucesso é sempre perder só um pouquinho todas as vezes que fizer um negócio.”

Ele queria dizer que desse modo todo mundo se sente recompensado – e a outra parte acredita que “ganhou”. Graças a essa prática, ele conquistou uma reputação de honestidade e sinceridade, sempre colocando em primeiro lugar os sócios e clientes. Depois que estabeleceu essa fama, jamais ficou sem clientes ou negócios, porque todo mundo queria trabalhar com ele.

Mas fiquei pensando: seria a história dele uma exceção? Eu havia observado pessoas astutas, pessoas gentis, todo tipo de gente – grandes empresários que nunca descansavam, executivos bem-sucedidos que talvez recebessem quantias obscenas mas perdiam tudo e indivíduos bem-sucedidos que pareciam não ter a mínima ideia do que estavam fazendo. Também vi pessoas que nunca haviam cursado uma universidade e tampouco conheciam noções básicas de investimento, mas alcançavam um sucesso espantoso porque eram ótimas no que faziam e os clientes gostavam delas. Confuso, revelei minhas dúvidas ao meu mentor Wahei. Ele me explicou que a sabedoria financeira consiste em duas partes: QI Financeiro e QE Financeiro. O QI (quociente de inteligência) Financeiro diz respeito à inteligência financeira e ao conhecimento monetário geral. O QE (quociente emocional) Financeiro é a inteligência emocional necessária para lidar com suas reações diante do dinheiro.

Mesmo que você tenha um MBA, se o seu QE Financeiro for baixo, você pode acabar perdendo dinheiro. Por isso há uma longa lista de indivíduos extremamente inteligentes, com vários diplomas, que fizeram escolhas ruins e faliram. Para alcançar uma vida com Dinheiro Feliz, você precisa ter um QI Financeiro e um QE Financeiro saudáveis. Essa é a chave para uma relação ótima com o dinheiro.

UAU!

Finalmente entendi!

O mistério de por que algumas pessoas têm dinheiro e outras o perdem estava resolvido. Mas conhecer essa informação é muito diferente de poder

fazer alguma coisa a respeito. Desde que recebi essa lição do meu mentor já vi um bocado de coisas e até experimentei ocasiões em que ganhei e perdi dinheiro. Enfim posso dizer que cheguei a um patamar onde tenho Dinheiro Feliz e vivo confortavelmente. Algumas pessoas me chamam de Milionariozinho Feliz. Então como você pode elevar o seu QI Financeiro e o seu QE Financeiro a ponto de levar a vida de um Milionariozinho Feliz como eu? A primeira coisa é entender o básico.

O DINHEIRO DA PERSPECTIVA DE UM MILIONARIOZINHO FELIZ

O QI Financeiro costuma ser confundido com administração financeira, mas essa não é sua função básica. É necessário entender o significado mais profundo por trás do aspecto intelectual do dinheiro, o que significa examinar como você o ganha, gasta, protege e aumenta.

Ganhar dinheiro

Ganhar dinheiro como um Milionariozinho Feliz implica fazer o que você ama e compartilhar esse dom ou talento com os demais. Quando você considera de máxima importância ser verdadeiro e sincero e compartilha a alegria com as pessoas à sua volta, inevitavelmente terá sucesso. Muita gente acredita que, para ganhar dinheiro, precisa trair os próprios valores ou controlar os outros. Ganhar dinheiro não significa derrotar a concorrência ou lucrar com mais facilidade e eficiência; significa ser verdadeiro consigo mesmo e, depois, compartilhar suas habilidades com o mundo. Isso o levará a espalhar alegria aonde quer que vá, e o dinheiro que você receber será apenas uma expressão da gratidão dos seus clientes ou patrões.

Gastar dinheiro

Gastar dinheiro como um Milionariozinho Feliz com alto QI Financeiro não é sinônimo de comedimento. Seu gasto é sempre consciente. Você pensa no seu eu verdadeiro e no que o deixa feliz, e, portanto, pode usar o dinheiro

em coisas que expressam melhor seus desejos. Não vai querer gastar no que não lhe traz bem-estar. Como faz escolhas conscientes, jamais sente que seu dinheiro é desperdiçado. Um dos melhores livros sobre como as pessoas gastam dinheiro auferindo os maiores níveis de satisfação é *Happy Money: The Science of Happier Spending* (Dinheiro Feliz: a ciência de gastar com mais felicidade), de Elizabeth Dunn e Michael Norton. Segundo os autores, pessoas que gastam com experiências que se alinham com seus valores parecem ser as mais felizes. Após examinar estudos e observar o comportamento humano, eles constataram que indivíduos determinados não em acumular bens, mas em ter experiências e estar totalmente imersos no momento presente (Zen!) sentiam-se bem em relação a seus gastos.

Se para você gastar “bem” for sinônimo de parcimônia ou economia, a vida pode se tornar um tanto sofrida. Na verdade, torna-se um jogo de adiar cada vez mais seus desejos. Você pode investigar os instintos que o levam a ser cauteloso e econômico: por que está com medo de gastar? Quais dos seus temores estão associados ao gasto? Que preço está disposto a pagar por coisas que o deixam feliz? Quando avalia suas prioridades e tem consciência do que realmente lhe traz alegria, pode gastar com mais confiança, sabendo que o dinheiro está sendo usado de modo inteligente.

Proteger o dinheiro

Proteger o dinheiro tem menos a ver com acumulá-lo e mantê-lo longe dos outros e mais a ver com criar relações significativas com o dinheiro e com os outros – mantendo claras as fronteiras entre as duas coisas. Se você já sentiu que algumas pessoas que fazem parte da sua vida – como parentes, amigos, empregados e clientes – têm objetivos em relação a seus bens, o problema não é o dinheiro; *são os seus relacionamentos*. Se alguma dessas pessoas é capaz de tramar algo para tirar o que é seu, existe um problema. Por exemplo, uma das causas mais comuns e custosas dos divórcios são as questões financeiras. O marido ou a mulher gasta mais do que o outro cônjuge gostaria ou pode sustentar. Em geral, uma parte esconde informações financeiras importantes da outra para se “proteger” ou para

proteger seu dinheiro. Resultado: um relacionamento arruinado. Ou seja, na tentativa de proteger seu dinheiro, acabam perdendo mais ainda. (Qualquer um que tenha passado por um divórcio sabe como pode custar caro.)

Assim, o melhor modo de proteger nosso dinheiro é proteger nosso relacionamento com as *pessoas*. Isso, obviamente, inclui ser claro e direto nas promessas e sempre obedecer à lei. Mas o mais importante é manter uma comunicação aberta e honesta. Se o seu relacionamento com as pessoas que o cercam segue essa regra, você tem pouca necessidade de proteger o seu dinheiro delas.

Aumentar o dinheiro

Quando falamos em aumentar o dinheiro, a maioria das pessoas pensa logo em investimentos. Mas, para um Milionariozinho Feliz, aumentar o dinheiro vai além do conhecimento superficial da economia: implica encontrar um objetivo em que você acredite de coração e contribuir com dinheiro para que esse objetivo se realize. A longo prazo, apoie esse objetivo de todos os modos. O fator decisivo para se tornar um Milionariozinho Feliz é alinhar seu dinheiro com seus valores e convicções.

Inclua suas atividades e seus negócios nas suas práticas de investimento. Pense que os frutos do seu trabalho – os lucros – são seus, para você manter e desfrutar. Ao fazer isso, você perceberá que os mercados flutuarão, portanto não se preocupe em investir durante baixas ou crises. Nem considere se vai lucrar ou não, pois sua prioridade é apoiar as pessoas que compartilham seus valores e sua visão. O ganho a longo prazo é sempre o mesmo: você tem sucesso porque está investindo sempre, e, com o tempo, os mercados se restabelecem. Enquanto isso, todo o bom Dinheiro Feliz que você investiu e as causas e os objetivos que de fato importam floresceram.

O QE FINANCEIRO PELA PERSPECTIVA DE UM MILIONARIOZINHO FELIZ

O QE Financeiro tem a ver com o modo como reagimos emocionalmente ao dinheiro. Assim, é necessário entender o significado mais profundo por

trás dos aspectos emocionais do dinheiro, o que implica olhar como você recebe seu dinheiro, como desfruta dele, sente confiança nele e o compartilha.

Receber dinheiro

O ato de receber é o mais importante quando se trata de enriquecer sua vida. Se você não estiver disposto a acolher a felicidade e a fortuna, não importa quanto dinheiro tenha nem que status alcance, jamais se sentirá feliz e abundante. Receber significa *permitir-se a liberdade de receber* e saber que você tem um valor inerente que é digno de auferir coisas boas.

Não sou capaz de expressar como é importante estar disposto a receber os presentes e as oportunidades que lhe são oferecidos. Frequentemente as pessoas deixam de ver as coisas boas que estão bem na frente delas em vez de recebê-las com alegria. Estão tão concentradas num determinado resultado ou em suas convicções negativas que deixam passar chances incríveis bem debaixo do nariz e caminham para o fracasso perseguindo coisas que não são para elas. Você já esteve tão preocupado em trabalhar duro para ganhar algo de que necessita que deixou passar outra coisa bem na sua frente? Se mudar o foco para o que pode receber, talvez você comece a perceber quanto lhe é dado. Quando você se abre para receber, começa a notar a verdadeira abundância.

Desfrutar do dinheiro

Quando você gosta de uma coisa da qual está desfrutando, conecta-se de verdade com o presente: está num momento Zen. Estar totalmente presente e envolvido é a definição de felicidade. Não existe passado nem futuro, só o presente – o que é um dom. E quando você está aproveitando esse dom, o presente, experimenta o que tenho chamado de abundância. Mas muita gente não sente assim. A maioria das pessoas enxerga a vida como uma competição: mesmo quando ganham alguma coisa, não têm tempo a perder apenas desfrutando dela. Precisam se preparar para a corrida seguinte! Se não fizerem assim, acreditam que talvez outro arrebate o objeto de seu

desejo da próxima vez. Pessoas com essa mentalidade competitiva e de escassez estão desconectadas do momento presente. Lamentam seus fracassos do passado ou se preocupam interminável e desnecessariamente com o que pode dar errado no futuro. O resultado é que nunca apreciam nem aproveitam os frutos de seu trabalho. Não é o mesmo que não ter fruto nenhum?

Para experimentar a abundância, você precisa estar 100% no momento presente. Para desfrutar da vida e da riqueza, pare e aspire o perfume das rosas. Se você vive correndo para chegar ao próximo momento, está perdendo toda a fartura disponível *agora*.

Confiar no fluxo do dinheiro

Se nos preocupamos com o dinheiro, é porque temos medo e não confiamos que ele sempre virá. Para descobrir o potencial da sua vida, não basta levar em conta apenas o dinheiro e a abundância; a confiança na sua capacidade também importa. Mesmo quando seu saldo é baixo, a confiança e a autoestima levam ao âmago da abundância.

No entanto, não seria exagero dizer que muitas pessoas são dominadas pela dúvida. E a estrada da dúvida só leva a um lugar: o medo. Medo de tentar coisas novas. Medo de fazer qualquer coisa. Medo de compartilhar suas habilidades e seus talentos. Medo do ridículo. Se você quer se tornar um Milionariozinho Feliz, precisa ter confiança em si mesmo e nas suas capacidades.

As pessoas seguras não são assim porque são ricas. *Elas são ricas porque se sentem seguras!* Você precisa se sentir seguro *antes* de ganhar dinheiro. Todo sucesso é resultado da segurança. E quando conseguimos confiar no fluxo do dinheiro, tanto para dentro quanto para fora da nossa vida, essa segurança vem naturalmente.

Uma grande causa do estresse financeiro é as pessoas não confiarem no fluxo do dinheiro. Elas se preocupam achando que o que ganham não bastará para sustentar seu futuro, achando que suas ideias e seus projetos não valerão todo o tempo e a energia despendidos. Porém, se quisermos ser

determinados e agir com segurança, precisamos aceitar que o dinheiro é algo flutuante.

Compartilhar

Quando você vive como um Milionariozinho Feliz, sabe que a vida é algo a ser compartilhado. Não hesite em dividir sua alegria com as pessoas e colocar suas habilidades à disposição delas. Você sabe que compartilhar a alegria aumenta exponencialmente seu bem-estar pessoal. E ao experimentar a felicidade de fazer algo com os outros, você percebe que, na verdade, não há outra maneira de agir. Trabalhar apenas em benefício próprio deixa de ser interessante. Compartilhar deveria ser parte de cada aspecto da sua vida; pouco importa se você divide alegrias, dinheiro, serviços ou seus dons e talentos. O importante é que você compartilhe com todo mundo ao redor: sua família, seus amigos, seus colegas de trabalho, seus clientes e a sociedade. Quanto mais você compartilhar e quanto mais generoso for com seu tempo, seus talentos e seus dons, mais abundância fluirá para você. Por quê? O princípio do compartilhamento está conectado à lei natural. O mundo natural é um mundo de compartilhamento. Tudo está interligado, e, quando uma parte sofre, o todo se desequilibra. Se mais pessoas se abrissem para compartilhar a alegria de viver juntas, muitos problemas do mundo desapareceriam em pouco tempo. Como diz Lynne Twist com eloquência em *The Soul of Money: Transforming Your Relationship with Money and Life* (A alma do dinheiro: transformando sua relação com o dinheiro e com a vida):

Dinheiro é como água. Pode ser um meio que leva ao compromisso, uma moeda de amor.

O dinheiro, ao se mover na direção de nossos compromissos mais elevados, alimenta nosso mundo e a nós mesmos.

O que você aprecia também sabe apreciar.

Quando você faz diferença com o que possui, o que você possui se expande.

A colaboração cria prosperidade.

A verdadeira abundância flui do suficiente, nunca do excesso.

O dinheiro carrega nossa intenção. Se o usamos com integridade, ele impulsiona a integridade.

Conheça o fluxo – assuma a responsabilidade pelo modo como seu dinheiro se movimenta no mundo.

Deixe sua alma orientar o seu dinheiro e seu dinheiro expressar sua alma.

Avalie seus bens – não somente o dinheiro, mas também seu caráter e suas capacidades, seus relacionamentos e outros recursos não financeiros.

TIPOS DE QE FINANCEIROS

Até certo ponto a sua relação com o dinheiro se expressa num padrão. Se nunca lhe ensinaram sobre dinheiro, provavelmente você se encaixa em uma das poucas personalidades comuns.

Conhecer o seu padrão é um modo de entender a motivação por trás das suas atitudes. O primeiro passo para criar uma relação saudável com o dinheiro é dar uma olhada honesta no mapa e identificar onde você está agora.

Quando você entende a situação em que está, o próximo passo é dar meia-volta e pesquisar como chegou aí e de onde veio. Nesse processo, talvez você faça grandes descobertas sobre si mesmo. Explore segredos de família, histórias da juventude da sua mãe e do seu pai ou mesmo fatos surpreendentes da época em que seus avós eram crianças. Pesquisar suas raízes permitirá que você se compreenda melhor. Assim que tiver identificado suas origens, você poderá se reprogramar com novos valores que reflitam quem você realmente é e quem gostaria de ser.

Pela perspectiva do QE Financeiro, há três personalidades no que diz respeito a relacionar-se com o dinheiro. Existem pessoas que se envolvem de maneira ativa com o dinheiro e tentam controlá-lo; as que tentam ignorar o

dinheiro; e as que buscam efetivamente ficar o mais distante possível dele. Eu chamo o tipo que tenta ignorar o dinheiro de “indiferente” e o que tenta distanciar-se ao máximo de “monge”.

Também existem três variações do tipo que se envolve ativamente com o dinheiro, dependendo de como essas pessoas tentam controlá-lo: o “acumulador”, o “gastador” e o “fazedor de dinheiro compulsivo”. Esses três subtipos, além dos dois que nomeei no parágrafo anterior, compõem as personalidades financeiras mais básicas.

Dentre as três personalidades que se envolvem ativamente com o dinheiro, existem algumas mais comuns que combinam dois ou mais tipos básicos. Por exemplo:

Acumulador + Gastador = tipo “Gastador Reprimido”

Geralmente é alguém que poupa certa quantia e depois gasta tudo de uma vez.

Gastador + Fazedor de Dinheiro Compulsivo = tipo “Jogador”

Uma pessoa com essa personalidade ganha muito e não hesita em gastar muito.

Acumulador + Gastador + Fazedor de Dinheiro Compulsivo = tipo “Preocupado”

Uma pessoa que combine os três tipos de engajamento ativo com o dinheiro provavelmente passará o dia inteiro preocupada.

Em suma, existem várias personalidades financeiras que resultam das combinações apresentadas aqui. Vamos descobrir em qual delas você se encaixa.

O Poupador Compulsivo (Empilhador)

O passatempo predileto desse tipo de personalidade de QE Financeiro é poupar. Por acaso seu talento especial também parece ser – surpresa! –

poupar. Se encontrar uma moeda na rua, vai catá-la e colocar imediatamente no cofre de porquinho em casa. Para ele, poupar é o melhor modo de garantir a sensação de segurança. Isso é tão fundamental que seu estilo de vida costuma ser bastante frugal. Em geral, os poupadores compulsivos são especialistas em pechinchar. Têm excelentes dicas sobre a empresa telefônica mais barata, os cartões de crédito que dão mais pontos e a melhor época para comprar passagens aéreas. Esse tipo de pessoa se sente mais viva ao verificar o saldo da poupança e ver que ele não para de crescer.

As pessoas do tipo Poupador Compulsivo consideram o desfrute dos luxos da vida um inimigo mortal. Seus passatempos e atividades rotineiras custam sempre pouco, se é que custam alguma coisa. Já não se lembram dos sonhos de criança a respeito de como seria o futuro. Nem sequer se preocupam com o que as inspirou a começar a poupar.

A maioria dos Poupadores Compulsivos guarda lembranças ruins e temores em relação a dinheiro, com origem na infância. Quase sempre, cresceram numa casa sem fartura e sofreram experiências dolorosas ou solitárias. O negócio da família pode ter falido, ou talvez seus pais não ganhassem o suficiente. É muito comum que os efeitos de uma falência na geração dos avós cheguem à geração atual, transmitindo o pavor de que o dinheiro acabe um dia. Se as pessoas com essa personalidade sofreram por causa da relação ruim dos pais com o dinheiro, é comum desenvolverem uma forte determinação de não passar pela mesma dor. No entanto, muitas vezes não percebem ou não conseguem identificar quando os temores em relação ao dinheiro começaram a controlar sua vida. Os Poupadores Compulsivos se convencem de que seu raciocínio é sensato e de que estão fazendo tudo certo.

Se você vestiu a carapuça do Poupador Compulsivo, talvez este livro seja uma boa oportunidade de finalmente confrontar suas ansiedades ou medos em relação ao dinheiro e examinar mais profundamente quando começaram. Não importa quanto você poupe, isso jamais apagará a ansiedade que sente e que o motiva a se agarrar com força ao máximo de dinheiro possível. Muitos Poupadores Compulsivos têm tanto medo de ficar

pobres que passam a vida inteira sem gastar nada do que economizaram durante todo o tempo.

O Gastador Compulsivo (Perdulário)

O tipo Gastador Compulsivo simplesmente adora gastar dinheiro. Se uma pessoa com esse tipo de personalidade de QE Financeiro encontrasse dinheiro na calçada, jamais lhe passaria pela cabeça depositá-lo num cofrinho, como faria um Poupador Compulsivo. Os Gastadores Compulsivos iriam direto até a máquina automática mais próxima para pegar um refrigerante grátis. Além disso, jamais entenderiam por que os Poupadores Compulsivos sentem culpa ao gastar dinheiro. Ao contrário: ficariam incomodados se o guardassem.

Como amigos, os Poupadores Compulsivos são muito chatos, enquanto os Gastadores Compulsivos garantem boa diversão. Eles adotam integralmente o lema “Só se vive uma vez”. Muitos Gastadores Compulsivos têm uma personalidade amistosa, expansiva e são divertidos. Adoram dar presentes ou oferecer algo especial às pessoas sem um motivo especial. Dirão a você que o motivo da desaceleração econômica é que as pessoas pararam de gastar e sentem um estranho orgulho por colaborarem para manter a economia de pé. Em casos extremos, se sempre gastarem mais do que ganham, os Gastadores Compulsivos correm o risco de falir.

Há um motivo para os Gastadores Compulsivos agirem assim: eles gastam para se sentir mais no controle. É natural que as pessoas experimentem algum nível de controle pessoal sobre o ambiente sempre que compram alguma coisa. No caixa, o vendedor reage educadamente com uma reverência (pelo menos no Japão) e ouve com atenção tudo que o cliente diz. Isso pode fazer com que os Gastadores Compulsivos se sintam respeitados ou reconhecidos por seu valor como seres humanos, algo que talvez não experimentem em outras áreas da vida. Frequentemente, eles têm baixa autoestima e a sensação de estar sendo sufocados. Para escapar disso, são rápidos em gastar dinheiro, uma forma de liberar a pressão e melhorar o humor. Mas esse alívio é temporário. No momento em que o vendedor

embrulha a compra e a entrega, os sentimentos negativos começam a retornar. Muitos Gastadores Compulsivos são incapazes de desfrutar das coisas que compram. Roupas novas podem ficar guardadas para sempre num armário, sem ser usadas uma única vez.

O interessante nos Gastadores Compulsivos é que, na maioria dos casos, eles foram criados por Poupadores Compulsivos. O modo como gastam dinheiro é um julgamento ou uma reação à sufocação ou ao tédio que sentiam ao crescer com pais que impunham gastos conservadores.

O Fazedor de Dinheiro Compulsivo

As pessoas com esse tipo de personalidade acreditam que a vida é melhor quando estão ganhando o máximo de dinheiro possível. Se alguém com esse tipo de QE Financeiro encontrasse dinheiro na calçada, garantiria a todo mundo que aquela é a prova de que a sorte existe e está sempre ao seu lado. Esse tipo gasta a maior parte da sua energia aumentando a capacidade de ganhar mais dinheiro. Não se sente culpado por se concentrar na eficiência do trabalho, na capacidade de administração do tempo ou no sucesso empresarial em vez de aproveitar o tempo com amigos e parentes. Isso acontece em parte por acreditar que tudo o que faz é pelo bem da família.

Os Fazedores de Dinheiro Compulsivos se alimentam da aprovação e do reconhecimento dos outros por seu sucesso financeiro. Infelizmente, jamais param de desejar mais e mais atenção, não importando quanto dinheiro ganhem.

O Indiferente ao Dinheiro

Esse tipo mal percebe que o dinheiro existe. Caso visse uma cédula na rua, provavelmente passaria direto, sem ao menos notar o que é. A personalidade Indiferente ao Dinheiro costuma ser encontrada entre professores, funcionários públicos, médicos, pesquisadores, artistas e donas de casa. Seguem pela vida como se o dinheiro não fosse um fator importante. O cotidiano dessas pessoas pode ser acordar, ir para o trabalho, passar o dia concentradas em suas tarefas e voltar para casa. Podem passar

dias sem gastar ou pensar em dinheiro. Com frequência, o tipo Indiferente delega a administração das finanças ao parceiro ou cônjuge, a ponto de não ter certeza de quanto realmente possui ou onde estão documentos bancários importantes. São simplesmente desencanados. Claro, esse tipo de pessoa precisa usar dinheiro para viver, mas seu coração não está ligado a isso.

Estar razoavelmente bem de vida é uma característica comum desse tipo. Para começo de conversa, são pessoas que não usam dinheiro, de modo que ele é naturalmente poupado. Desde crianças, estavam tranquilas a respeito das finanças e não pensavam muito no assunto. De modo geral, uma característica do Indiferente é estar feliz.

Mas se a pessoa que administra suas finanças não estiver mais presente, pode acontecer uma tragédia. Uma vez, auxiliei um artista plástico em questões jurídicas relativas às suas contas depois que sua mulher, que sempre havia gerido seus bens, faleceu de repente. O sujeito mal sabia onde estava sua carteira e agora se via como o único responsável pela contabilidade doméstica. Esse tipo se mantém feliz enquanto puder se permitir o luxo de não se preocupar, mas a realidade das responsabilidades com o dinheiro pode um dia desabar sobre sua cabeça – o que acontece com frequência.

O Hippie

As pessoas com esse tipo de personalidade basicamente acham que o dinheiro é ruim. Se encontrassem uma cédula na rua, não pensariam duas vezes antes de destiná-la a uma instituição de caridade ou pelo menos a usariam em algo necessário. Pareceria errado gastar com elas próprias.

Os hippies costumam enxergar o dinheiro como fonte de problemas. Gostariam que o mundo valorizasse menos o ganhar dinheiro e o consumismo.

Esse tipo valoriza o “não se vender”. Quer que sua vida seja minimamente afetada pelo dinheiro.

O Poupador Esbanjador

É uma combinação dos tipos Poupador e Gastador. Geralmente os Poupadores Esbanjadores são bastante disciplinados e sérios. Porém, de repente, se sentem compelidos a fazer alguma coisa com o dinheiro. As pessoas ao redor são surpreendidas quando esse tipo, que geralmente está trabalhando e aparenta segurança em relação às finanças, abre falência outra vez.

Esse tipo de pessoa tenta controlar a vida guardando dinheiro. Poupa com diligência, acreditando que é o melhor a fazer. Contudo, chega uma hora em que, como se não conseguisse mais segurar o fôlego, tudo escapa de uma vez. O pêndulo oscila, indo de Poupador a Gastador.

Quando usam a poupança, usam mal, em bens desnecessários, de que não vão usufruir. Podem comprar um carro mesmo não tendo carteira de motorista. Podem dizer: “O preço estava ótimo, então resolvi comprar agora. Estava mesmo pensando em tirar a habilitação em breve.” Conheci uma mulher que comprou um aparelho de estética profissional por milhares de dólares. Disse que tinha trabalhado muitas horas extras e merecia um presente assim, mas se arrependeu rapidamente. Achava que, como possuía o aparelho, era melhor usá-lo; no entanto, por algum motivo, o simples fato de olhá-lo fazia com que se sentisse culpada. Agora o aparelho está trancado no armário.

O Jogador

Esse parece uma combinação dos tipos Fazedor de Dinheiro Compulsivo e Gastador Compulsivo. São pessoas que gostam de empolgação e buscam emoções. Estão dispostas a correr grandes riscos, mas só ficam felizes com os ganhos e lamentam as perdas. O objetivo dos Jogadores não é apenas aumentar seu patrimônio, ainda que possam se convencer de que é. A excitação do risco e a promessa de recompensa são um prazer em que muitos acabam se perdendo. Tanto podem obter lucros repentinos como prejuízos devastadores. Empolgam-se com a negociação de commodities e com o capital de risco e consideram que a monotonia da estabilidade é uma espécie de morte. Eles até podem dizer que prefeririam morrer a levar uma

vida tediosa. Observei que às vezes o tipo Jogador vem de famílias do tipo Pougador Compulsivo. O tédio de viver com pais tão rígidos com o dinheiro costuma colocar o filho no caminho de se tornar Perdulário ou Jogador.

O Preocupado

Esse tipo está sempre preocupado com dinheiro, não importa quanto tenha. Essas pessoas se preocupam achando que o dinheiro pode acabar. Quando ele falta, se preocupam porque não têm.

Os Preocupados não confiam na vida. Costumam imaginar que o futuro será cheio de problemas, e isso causa preocupação. É como ficar ansioso com os juros de um empréstimo que você não se lembra de ter feito.

As pessoas desse tipo também não confiam em seu potencial como seres humanos. Carecem da autoestima e da confiança básica para executar tarefas. Mesmo quando estão bem de vida, os Preocupados acham que algo terrível pode acontecer com eles.

É importante mencionar que esse tipo de preocupação não está ligado diretamente ao dinheiro. Pelo contrário: em geral, o medo da vida é que está sendo projetado no dinheiro. Enquanto esses temores não forem solucionados, as preocupações financeiras não acabarão.

INDO ALÉM DO SEU TIPO DE PERSONALIDADE E ENTENDENDO AS CINCO EMOÇÕES NEGATIVAS QUE O IMPEDEM DE ALCANÇAR A PROSPERIDADE

Examinamos os motivos pelos quais muitos não podem entrar no mundo do Milionariozinho Feliz e vimos personalidades financeiras profundamente conectadas ao modo como foram criadas. Como podemos ir além dos nossos comportamentos e convicções limitadores relativos ao dinheiro? Existe algum modo de superar a situação atual? Creio que sim, mas exige um pouco mais de compreensão dos bloqueios atuais que nos impedem de estar no momento presente e alinhados com a abundância disponível. Aqui vão alguns bloqueios que todos nós enfrentamos:

1. Ansiedade

Em geral, a emoção negativa de mais fácil compreensão é descrita como ansiedade. A ansiedade consiste no desconforto e na inquietação experimentados quando agimos ou planejamos agir.

Quando se trata de ansiedade, existem dois elementos importantes em ação. O primeiro é uma sensação de desconforto se estamos no limiar de começar algo novo. Ainda que se manifeste como emoção negativa, também é uma indicação de que a mudança está próxima.

O segundo elemento é que esse desconforto pode trazer – e frequentemente traz – outras emoções negativas que estavam escondidas numa camada mais profunda. A ansiedade é uma das emoções mais fáceis de ser percebidas. Enquanto procuramos os motivos de estarmos ansiosos, descobrimos sensações que talvez ignorássemos. Frequentemente a ansiedade é sinal de que precisamos prestar mais atenção ao nosso estado emocional.

2. Medo

Muitos têm medo da mudança. Tememos perder amigos e amor e tememos a própria perda. Por esse motivo, fazemos um esforço considerável para administrar nosso risco de perder o que quer que seja.

Pessoas otimistas têm medo da ideia de ter medo. Quando tomadas por ele, têm a sensação avassaladora de que tudo vai desmoronar, então são naturalmente avessas a pensar em qualquer coisa que provoque essa emoção. Contudo, fugir do medo não é o meio de derrotá-lo; somente encarando-o é que podemos começar a ter controle sobre ele.

3. Dúvida

Quando decidimos fazer algo novo, muitas vezes nos sentimos incapazes de enfrentar o que virá. Essa sensação é a dúvida, que também pode ser semeada por outros. Um amigo ou parente pode fazer uma comparação entre nós e outra pessoa, nos deixando inseguros. Com um pouco de

reflexão podemos compreender que, independentemente do que parece ser o motivo da dúvida, ela vem de dentro de nós.

A dúvida é o que nos impede de entrar num mundo novo. Quando alguém está contra nós ou nos critica, temos a chance de descobrir e encarar as dúvidas que guardamos em nosso interior.

4. Culpa

Há um tipo de pessoa que precisa que todos a seu redor concordem com ela, pois sente culpa se deixar alguém de fora. Experimentamos culpa quando achamos que fizemos alguma coisa errada; por outro lado, se os outros mostrarem concordância e aprovação, os sentimentos negativos da culpa podem ser evitados. Entretanto, a desaprovação de uma pessoa pode suplantiar a aprovação de outras dez. A culpa pode paralisar nosso progresso pessoal.

5. Autonegligência

A última emoção no espectro dos sentimentos negativos é a falta de autoestima. Sem autoestima não é possível ter uma vida feliz e rica. A ausência desse sentimento impede que a pessoa experimente ou aceite a felicidade e a riqueza, ainda que elas caiam no seu colo.

Resolver os sentimentos negativos em relação a nós mesmos – e ao dinheiro – é fundamental para nos abirmos a todo tipo de possibilidades. Quando agimos sob o estado de ansiedade, medo, dúvida, culpa ou autonegligência, não conseguimos nos situar e alcançar grandes alturas.

Quanto mais cedo você perceber que a única coisa que o limita é... bem, é *você*, por causa de seus pensamentos negativos, mais rápido poderá aumentar seu QI Financeiro, seu QE Financeiro e sua sensação de paz, prosperidade e abundância.

COMO AUMENTAR SEU QI FINANCEIRO
E SEU QE FINANCEIRO

Muitos acham que o QI Financeiro é o mais importante. Depois de orientar inúmeros clientes e testemunhar como eles mudaram nos últimos vinte anos, acho que o QE Financeiro é bem mais importante.

Diversos equívocos financeiros estão relacionados às emoções. Você pode ser a pessoa mais inteligente do mundo, mas, se não tiver controle das emoções e de como elas afetam seu comportamento, não conseguirá tomar decisões financeiras claras e sensatas. Um modo de fazer isso, acredito, é ter consciência das suas emoções, de suas propensões inatas e de seu tipo de personalidade, e, em seguida, buscar um mentor que possa ajudá-lo a avaliar sua relação com o dinheiro e orientá-lo em sua carreira.

Talvez você ache que esse mentor não existe. Eu pensava o mesmo há trinta anos. Mas, se procurar, ficará surpreso com a rapidez com que aparece uma pessoa assim. Pode ser o tio do seu melhor amigo ou o primo de um colega. Esse estágio pode ser o mais delicado. Você pode se sentir tímido ou não querer que seus amigos saibam do seu súbito interesse por dinheiro, mas não há do que se envergonhar.

Quero que você se orgulhe de estar partindo numa viagem. Será uma estrada que seus amigos e entes queridos poderão percorrer depois de você. Tive muito orgulho de mim mesmo durante toda a vida. Fui o primeiro da minha família a cursar uma faculdade e me orgulhei disso. Quando parei de trabalhar para criar minha filha, todo mundo ficou chocado e perplexo. No Japão, quando sua mulher engravida, é hora de o homem trabalhar ainda mais. Não é hora de largar o trabalho! No entanto, depois que escrevi sobre minhas experiências, muitos jovens pais japoneses também pararam de trabalhar para cuidar dos filhos recém-nascidos e começaram uma espécie de movimento para os homens se envolverem mais na criação dos filhos, e eu me orgulhei disso. Virei um mentor para eles e muitos passaram a ser mentores para pessoas ao seu redor. É importante buscar alguém que possa orientar você. Eu acredito verdadeiramente no velho ditado: “Quando os alunos estiverem prontos, o mestre vai aparecer.”

Se você estiver pronto, seu mestre vai aparecer.

Existem alguns modos de ser financeiramente livre. Um deles é sair da sociedade moderna. Tenho amigos que fizeram isso. Vivem no campo, cultivam a própria comida e gastam muito pouco. Se escolher esse estilo de vida, você não precisará se preocupar com dinheiro. Não precisará jantar num restaurante três estrelas ou usar roupas elegantes. Poderá comer cenouras orgânicas e vestir algo bem confortável. Poderá conversar com os pássaros.

Algumas pessoas sonham com esse estilo de vida feliz. E existem muitas outras, especialmente nas grandes cidades, que não conseguem se imaginar levando uma vida assim. Cada um na sua, como dizem.

O outro modo é criar um fluxo financeiro que lhe permita ter bens e ganhos suficientes para levar sua vida de sonho. É outro modo de viver financeiramente livre.

Se você quiser seguir esse caminho, precisa otimizar seu QI Financeiro e seu QE Financeiro. Quando conseguir, você trabalhará de modo mais criativo, só gastará dinheiro no que achar realmente importante (porque terá identificado o que importa), poderá manter a mente no presente e ser profundamente agradecido por cada momento da vida. Além disso, poderá se beneficiar de algumas destas dicas:

Não poupe dinheiro por ansiedade

Muitas pessoas poupam porque têm medo do futuro. Podem ficar doentes ou perder o emprego e, por isso, poupam para os tempos de vacas magras. Poupam para o caso de alguma coisa ruim acontecer.

Mas se você poupa dinheiro por ansiedade ou medo, só vai alimentar mais medo e ansiedade – mais bloqueios para o fluxo do dinheiro.

O efeito colateral é que, não importa quanto você poupe, a ansiedade em relação ao dinheiro não vai desaparecer. Se você estiver falido, pode pensar que precisa poupar para uma semana, de modo a sentir-se tranquilo. Mas se tiver economizado para uma semana, sentirá que precisa de dinheiro para um mês. Depois, pode precisar de dinheiro para um ou dois anos, e, em

seguida, cinco. Isso não tem fim. Mesmo que você poupe o suficiente para o resto da vida, começará a se preocupar com a possibilidade de perder tudo.

Então sua ansiedade jamais desaparecerá. Por quê? Isso não está relacionado com o dinheiro. *São a ansiedade e o medo profundamente enraizados na sua personalidade.*

Pensamos que nosso medo é em relação ao dinheiro, mas, na realidade, temos medo é do futuro e da mudança.

Existe solução para essa loucura? Se você quer poupar dinheiro, poupe imaginando os diversos modos divertidos de gastá-lo. Você pode viajar, comer num ótimo restaurante, fazer uma massagem, morar em um lugar agradável depois de se aposentar, gastar com os filhos e os entes queridos. Está vendo a diferença? Você está acrescentando apreço, amor, esperança e energia positiva aos seus pensamentos sobre o dinheiro, garantindo, assim, que mais dinheiro irá fluir. Você percebe que seu dinheiro está ali para sustentar sua alegria e sua diversão. Ao pensar em tudo de bom que você pode fazer com o dinheiro que está poupando, não haverá espaço mental para se preocupar. A mente humana é muito simples: não consegue processar duas emoções ao mesmo tempo. Mantenha a mente centrada no que é divertido, positivo e no que dê esperança. Sua conta de poupança – e sua mente – agradecerão.

Você perderá dinheiro antes de atrair dinheiro

Pode parecer estranho, mas é verdade. Entrevistei milhares de milionários em todo o mundo, e tenho muitos dados que confirmam essa tese. Fiz um estudo para a Kodansha, uma das prestigiosas editoras do Japão, chamado *Como as pessoas comuns se tornam milionárias*, em que pesquisei como 10 mil milionários alcançaram o sucesso. Descobri várias coisas, entre elas que todos perderam muito e experimentaram o fracasso e a perda antes de acumular riqueza. Perderam de diversos modos: por meio de investimentos ruins, roubos por parte de empregados ou falência das empresas.

Portanto, não se deixe desanimar pelo primeiro infortúnio. Depois de perder um pouco, você começará a atrair dinheiro – claro, se mantiver uma

atitude positiva e estiver aberto para receber o sucesso futuro.

Pessoas agradáveis atraem dinheiro

Uma das minhas descobertas é que pessoas que adoram o que fazem têm muito mais probabilidade de ser bem-sucedidas do que aquelas que não se realizam com o trabalho. Elas têm mais paixão, esforçam-se mais pelos clientes e servem mais. São mais apreciadas e respeitadas pelos clientes e consumidores.

Em uma palavra, são *agradáveis*.

Se você quiser ter um alto QE Financeiro, precisa amar as pessoas. Quanto mais você se importar com os outros, mais receberá. As pessoas reagem àqueles que se importam.

Se mais pessoas gostarem de você, mais dinheiro vai fluir.

Precificar seus serviços adequadamente

Com muita frequência, pessoas que fazem trabalho autônomo me perguntam como devem estabelecer preços. É comum perguntarem qual é o preço justo para elas. Querem saber mais sobre como aumentar os valores que cobram e ainda conquistar clientes e consumidores. Temem que preços mais altos afastem clientes potenciais.

É assustador “colocar um preço em si mesmo”. A mesma coisa acontece quando você pede aumento.

O interessante é que, independentemente do preço que estabelecer, você atrairá clientes. Mas eles não serão os mesmos: diferentes pessoas terão diferentes necessidades e capacidades. Se o seu preço for baixo, você atrairá quem pode pagar esse valor; se for alto, você perderá os clientes que pagam pouco, mas conquistará os que estão dispostos a pagar mais.

Portanto a pergunta é: você está pronto para cobrar preços mais altos e atrair clientes e consumidores diferentes?

Dizer arigatô e aprender a aumentar o maro

É comum as pessoas presumirem que mais é melhor. Mas quem busca desesperadamente acumular dinheiro e riquezas fracassa, e com esse fracasso vem o estresse. Quando se trata de peso corporal, muita gente diz que quer perder alguns quilos. Você não ouvirá muitas pessoas dizendo que querem ganhar peso, mas talvez encontre alguém que se sente ótimo com o próprio corpo, exatamente como é.

Em termos de dinheiro, ouvi muitos dizerem que querem mais, porém raramente alguém diz que tem demais. Conheci um homem que disse ter *o suficiente*. Mencionei algumas vezes o meu mentor Wahei Takeda. Com Janet Bray Attwood, escrevi um livro sobre ter “o suficiente”: chama-se *Maro Up!: The Secret of Success Begins with Arigato* (*Maro* em alta! O segredo do sucesso começa com arigatô). Antes da morte de Wahei, tive o privilégio e a honra de aprender com ele, que é de longe a pessoa mais feliz que já conheci. Ainda que poucos estejam familiarizados com esse grande homem, para colocar em termos relativos, ele era o Warren Buffet do Japão. Tinha uma das maiores empresas de doces do país, e o que tornava sua empresa tão especial era que os trabalhadores realizavam sua tarefa, de confeccionar um doce muito popular para bebês, ao som de uma trilha em que crianças entoavam *arigatô*, que significa “obrigado”. Para Wahei, a energia que vinha das vozes infantis cantando enquanto os trabalhadores faziam os doces era o motivo de seu doce ser campeão de vendas. E acredito que o meu sucesso é resultado direto da filosofia de Wahei, de dizer *arigatô* regularmente e aplicar sua filosofia de “aumentar o *maro*” na minha vida e nos meus negócios.

E o que é *maro*? A palavra é uma abreviação de *magokoro*, que significa “coração verdadeiro ou sincero” em japonês. Podemos dizer que o *maro* é forte nas pessoas que têm coração puro e levam uma vida justa. Mesmo em japonês é difícil definir *maro*, porque é um estado de espírito, mas poderia ser chamado de altruísmo, o oposto do egocentrismo. Pode ser pensado como o espaço mais profundo da nossa consciência, mais perto da consciência coletiva, o nível em que toda a humanidade e o universo são um só. Assim, *maro* é o manancial do nosso amor incondicional pelos outros e também por nós mesmos.

Alcançar o estado de *maro* é o segredo do sucesso. Wahei dizia que os que estão em contato com o *maro* sempre criam situações de ganho para si próprios e para aqueles ao redor. Se você tem um coração puro e sinceridade genuína, não somente as pessoas vão tratá-lo melhor como você começará a sentir que todo o universo o apoia.

Segundo Wahei, quando seu *maro* aumenta, você atrai muitos milagres para a sua vida.

COMO É O MARO

Quando o seu *maro* aumenta, você:

- torna-se mais magnético, emitindo e atraindo energia positiva. Graças a isso, estará cercado de pessoas e coisas boas com as quais você se importa de verdade, o que acaba criando um ciclo de felicidade e abundância;
- torna-se mais apaixonado e determinado a fazer as coisas de que mais gosta. Ouvindo sua intuição, pode escolher o melhor modo de viver a vida. E como está fazendo o que mais gosta, está sempre abrindo portas para oportunidades novas e interessantes e para mais abundância;
- expressa mais gratidão pela vida. Então você se pega dizendo “obrigado” mais do que nunca. Sua gratidão é contagiosa e você inunda as pessoas ao redor de energia positiva. Como resultado, os outros começam a expressar gratidão e a receber mais da própria vida.

MAIS SOBRE WAHEI E O QUE PODEMOS APRENDER COM ELE

Wahei Takeda nasceu em Nagoya, Japão, em 1932. Filho de um confeitoiro, bem jovem aprendeu com o pai a fazer biscoitos e doces, e em pouco tempo estava administrando a empresa da família. A criatividade de Wahei impulsionou os negócios, e ao lançar o primeiro biscoito de wafer com recheio de creme no Japão ele alcançou um sucesso gigantesco. Da confeitaria, Wahei expandiu seus negócios para os setores de imóveis e

investimentos. Com o tempo, enriqueceu a ponto de ser conhecido como o Warren Buffett do Japão.

Ele então decidiu se dedicar a estimular o crescimento de pequenas empresas, tornando-se o que chamava de “filantropo comunitário”. Durante essa carreira tão bem-sucedida, sua filosofia de *maro* inspirou milhares de pessoas a se tornarem mais generosas e abertas ao fluxo do dinheiro em sua vida.

Wahei acreditava que a gentileza, a generosidade e a gratidão são as chaves para a felicidade e a prosperidade. Inspirado na sabedoria da religião xintoísta, ele analisava atentamente como as pessoas atraem a sorte. Ao pensar nas diferenças entre ser um rico feliz e um rico infeliz, reconheceu que o motivo de se sentir bem era seu contentamento com o que possuía. Não era consumido pela cobiça; pelo contrário, atuava para levar a abundância para a vida de outras pessoas também. A satisfação interior e a gratidão são a essência da sua filosofia de *maro*.

Pessoalmente, sinto que tenho o suficiente para ser feliz e pleno. Também acredito que o dinheiro sempre virá para mim no momento perfeito. Não precisamos esperar até ter todo o dinheiro do mundo para começar a viver. Só precisamos saber quando virar à esquerda e quando virar à direita, obtendo exatamente aquilo de que precisamos, quando precisamos. Muitos almejam ter grandes reservas, de modo a não precisar se preocupar pelo resto da vida, mas dinheiro em excesso pode ser mais um fardo do que uma bênção se o seu recipiente não for do tamanho certo.

Quando eu trabalhava na área de contabilidade, conheci muitas famílias ricas que sofriam com o ônus de ter dinheiro demais. Filhos de pais ricos costumam ter dificuldades na vida. Seus pais tinham muito dinheiro porque trabalharam duro, alcançaram seus objetivos e fizeram boas conexões. Mas às vezes os filhos sofriam porque desejavam coisas demais; suas necessidades eram tão grandes que eles não conseguiam encontrar um propósito. Era fácil se envolverem com drogas ou álcool, jamais encontrando o que de fato lhes trouxesse alegria.

Todos os milionários que conheci e que eram realmente felizes encontraram a felicidade não através do dinheiro, e sim fazendo o que

amavam. Trabalhavam porque adoravam trabalhar.

Filhos de pais felizes e prósperos costumam se sair melhor na vida porque os pais optaram por passar mais tempo com eles, em vez de trabalhar demais em algo de que não gostavam.

Filhos de pais ricos e infelizes costumam herdar dinheiro sem descobrir o que lhes traz felicidade nos planos pessoal e profissional. Em parte, isso acontece porque os pais dedicam muito tempo aos negócios, tentando ganhar mais dinheiro. Se eles se sentem perdidos na vida, trabalhando apenas pelo dinheiro, seus negócios podem prosperar, mas provavelmente não passarão tanto tempo com os filhos quanto gostariam.

SEU SISTEMA DE CONVICÇÕES EM RELAÇÃO AO DINHEIRO

Ainda que Wahei tenha me ensinado sua filosofia a respeito do dinheiro, meu pai também me transmitiu princípios úteis e significativos. Ele me explicou que existe um motivo para as pessoas bem-sucedidas serem bem-sucedidas e um motivo para as pessoas malsucedidas serem malsucedidas. As pessoas bem-sucedidas continuam a ter sucesso, fazem o sucesso aumentar, ao passo que as malsucedidas continuam tropeçando em estranhos infortúnios e no “azar”.

Diz um ditado japonês que você pode “nascer no Planeta Pobreza”. Muitas pessoas acreditam que ser pobre é apenas destino, mas meu pai me explicou que existe um fator maior em jogo: *o que determina sua riqueza é o modo como você pensa sobre trabalho e dinheiro – não o destino*. Se sua atitude em relação às suas finanças e ao seu trabalho for ruim, sua vida também será.

Se o seu modelo financeiro for cheio de felicidade e alegria, ajudando os outros e colhendo recompensas, você será rico. Se for cheio de raiva, ódio, lembranças ruins e sentimentos de competitividade, sua vida será repleta desses mesmos ingredientes.

Ao mesmo tempo, as pessoas estão condicionadas a ganhar dinheiro de determinados modos. Se você trabalha em uma empresa e é demitido, provavelmente vai procurar outro emprego. Um empresário cuja empresa

entra em falência não vai se candidatar a um emprego e começar a trabalhar para outra pessoa; ele abrirá outra companhia e tentará de novo. Talvez não passe pela sua cabeça investir na bolsa de valores. Os investidores jamais consideram trabalhar para outra pessoa ou abrir uma empresa, apenas procuram outro lugar para investir. E, infelizmente, pessoas que não trabalham e não sabem o que fazer com o dinheiro continuam a não trabalhar e a não saber o que fazer com o dinheiro. Elas operam de acordo com seu “modelo financeiro”, ou seja, com o que aprenderam ou descobriram.

Meu pai me dizia que cada pessoa *deveria descobrir* como se sente em relação ao dinheiro. Pessoas prósperas experimentam a sensação de felicidade quando pensam em dinheiro ou tocam nele. *Sentem alegria*. Por outro lado, pessoas que não têm dinheiro sentem inquietação ou medo quando pensam em dinheiro ou falam sobre ele, e ficam confusas.

Aos 20 anos decidi alcançar a independência financeira antes dos 30. Por isso, comecei a buscar as chaves da felicidade e do sucesso.

Eu tinha ouvido um velho ditado mais ou menos assim: “Todo o dinheiro que você ganha aos 20 anos será perdido até os 30.” Otimista que sou, achava difícil acreditar nisso, mas por acaso aquele ditado estava certo. Com 20 e poucos anos eu tinha ganhado e perdido várias vezes minha fortuna (pelo menos era o que eu pensava na época).

Em vez de tentar desesperadamente ganhar mais dinheiro, eu sabia que, se quisesse romper o padrão, precisava consertar a fonte do problema. Era inútil jogar segundo as mesmas regras que traziam tanto sofrimento. Percebi que a peça mais importante do quebra-cabeça era descobrir o que estava escrito no meu modelo financeiro e reescrever as partes que agiam contra mim.

É provável que a maioria de nós precise de uma revisão do que está escrito em nosso modelo financeiro. Já estabelecemos que o que aprendemos na infância tem um efeito poderoso sobre nós. *Mas isso não significa que não possamos mudar*. De vez em quando chega a hora de rever ou trocar esse modelo por uma versão mais nova. Se você foi influenciado por seus pais, como costuma acontecer, seu modelo financeiro foi esboçado quando era

criança. O dos seus pais pode ter sido muito influenciado pelos seus avós. Se eles cresceram na década de 1930, sem dúvida tinham um modelo financeiro impregnado de medo e apreensão, resultantes de anos de dificuldade depois da Grande Depressão. Transmitidos para as gerações seguintes, esses temores continuam a influenciar você silenciosamente até hoje.

Seus avós ensinaram aos seus pais que gastar de maneira leviana pode ser fatal mais tarde. Se você não queria perder o emprego, precisava se agarrar ao seu dinheiro sem gastar um tostão. Tratar o dinheiro como fonte de segurança era a mentalidade corrente na década de 1930, quando poucas pessoas tinham trabalho e todo mundo sentia medo. Esse temor que seus avós experimentaram na infância jamais desapareceu, nem mesmo quando tiveram filhos – e assim passaram o medo para eles, que por sua vez criaram você.

O problema dos modelos financeiros é que o código foi escrito há décadas e tende a permanecer oculto, só emergindo quando você sente medo. Se você toma uma decisão importante na vida, como se casar ou mudar de emprego, esse sentimento aflora sem ser notado.

Mas o bom dos modelos é que eles são apenas um desenho – uma casca, por assim dizer. Você pode apagar as linhas e recomeçar. As estruturas ainda não foram construídas. As traves de aço não foram soldadas; o alicerce não foi concretado. Você tem tempo suficiente para consertar o projeto e criar um modelo a partir do qual possa construir um futuro financeiro sólido.

DESCOBRINDO O TAMANHO CORRETO DO RECIPIENTE

Assim que você define como se sente em relação ao dinheiro – aquilo em que acredita – e consegue curar sua antiga relação com ele, é hora de começar a ver onde você se enxerga e onde enxerga o dinheiro no futuro.

Dentro de cada um de nós existem, no sentido metafórico, muitos recipientes. Há recipientes para a abundância, o dinheiro, a felicidade, os relacionamentos, o trabalho e muito mais. São como jarros abertos. Se estiverem preenchidos somente até a metade, nos sentimos insatisfeitos. Se a

quantidade que entra é superior à sua capacidade, eles transbordarão. E nós só aceitamos quanto achamos que merecemos. O objetivo é que você se sinta como Wahei: *você tem o suficiente. Que você se sinta grato por tudo que possui e sinta que pode dar um pouco.*

Tudo isso diz respeito à importância de encontrar o tamanho certo dos recipientes para você. Algumas pessoas têm recipientes muito pequenos, mas se agarram com força ao seu dinheiro, ao passo que outras têm recipientes quebrados e rachados de onde o conteúdo vaza.

Existem diversas maneiras de avaliar o tamanho do recipiente de dinheiro dentro de cada um de nós. Talvez você ganhe um salário de 5 mil e se sinta insatisfeito. No entanto, a energia que gasta tentando ganhar 10 mil acaba exaurindo-o. O tamanho do seu recipiente está em algum ponto entre 5 e 10 mil. Se você ganha 5 mil, mas se sente entediado com a vida, isso significa que você tem um recipiente maior, mas não está enchendo-o completamente. Se por alguma circunstância feliz você nasceu com o dom do dinheiro, deveria ir fundo e mirar cada vez mais alto. Caso contrário, é sensato conhecer o limite onde encontra mais felicidade.

É isso que significa ter um recipiente de dinheiro. Se você tenta enchê-lo além da capacidade, na melhor das hipóteses quebrará o recipiente e sofrerá nesse processo. A maioria de nós sofreu lavagem cerebral para querer cada vez mais, e é assim que perdemos a paz de espírito.

NÃO EXISTE PAZ EM QUERER SEMPRE MAIS

Uma relação saudável com o dinheiro pode trazer uma sensação de profunda paz. Vivemos na ilusão de que a riqueza trará a felicidade, resolverá todos os nossos problemas e acabará com as preocupações. A verdade é o oposto disso: quanto mais dinheiro ganhamos, mais aumenta nosso trabalho ou nosso negócio. Quando as empresas crescem, os gastos e as folhas de pagamento também sobem. Fica mais difícil manter tudo funcionando com a mesma quantidade de esforço, e assim nossos problemas e nosso estresse aumentam junto.

No Japão, muitas pessoas acham que levariam uma vida próspera e tranquila se tivessem um rendimento mensal de cerca de 1 milhão de dólares. E faz sentido, não? Parece bem mais do que o suficiente. Porém, quando nossa renda fica tão alta, queremos casas maiores, carros melhores ou aumentar outras despesas porque achamos que podemos nos dar a esse luxo.

Aqueles com quem você passa seu tempo também mudam. Você ganha amigos que têm o mesmo padrão de vida. Por isso acaba indo a restaurantes mais caros para não insultar ninguém sugerindo o restaurante barato que você amava quando era um estudante esfomeado. O que acaba acontecendo é que suas despesas aumentam tanto quanto a sua renda, e, em um mês com lucros menos estratosféricos, você sente a tensão de não ter dinheiro suficiente. Dá para imaginar isso?

Daria praticamente no mesmo se você ganhasse 3 milhões por mês. Em qualquer nível de riqueza sempre haverá alguém ganhando mais e fazendo coisas numa escala maior. Se você continuar subindo essa escada, chegará o dia em que seus amigos dirão algo assim: “No próximo fim de semana vou levar minha família ao Havaí no nosso jatinho particular. Estamos pensando em construir uma mansão de veraneio lá.”

Naturalmente, seu círculo de amizade continuará encarecendo o seu estilo de vida, já que é da nossa natureza criar hábitos e nos tornarmos semelhantes às pessoas com quem convivemos.

Quem mora em uma grande cidade sabe como é caminhar até um ponto de ônibus e sofrer com o transporte diário. Eventualmente, passa a pegar um táxi para o trabalho quando pode ou janta em restaurantes melhores apenas porque o dinheiro deixou de ser um problema. Antes que você perceba, ainda que seu salário seja várias vezes maior do que quando começou a trabalhar, a quantia que sobra no fim do mês permanece constante, porque seus gastos também subiram!

Portanto, um salário de 1 milhão não garante a liberdade financeira. Nossos brinquedos só ficam cada vez mais caros.

Aqui vale um alerta: os negócios vêm e vão em ondas. É fácil esquecer isso quando as coisas andam bem, mas, por mais bem-sucedido que você

seja, sempre haverá ocasiões em que os ganhos diminuam um pouco. Muitas pessoas de sucesso costumam pensar de modo otimista e têm dificuldade para se adaptar às mudanças.

A realidade é que, independentemente de quanto seus ganhos ou seus bens aumentem, não haverá um tempo em que você poderá somente relaxar e deixar tudo pra lá. Mesmo com uma boa reserva no banco, sempre haverá questões que precisam da sua atenção, como transformações nos negócios, processos judiciais, problemas com funcionários, impostos... e por aí vai.

Quando você entra no ciclo de querer mais, perde a capacidade de reconhecer o que é realmente importante na sua vida. Se os negócios ou o trabalho vão bem, muita gente se vicia na empolgação. Vira um jogo, e, como num jogo, começamos a ter a ilusão de que nosso valor como seres humanos cresce com cada nível de realização. Podemos facilmente ficar mais tempo no trabalho em detrimento do tempo passado com a família ou cuidando dos nossos interesses pessoais.

Você entende o que quero dizer quando afirmo que não existe “vitória” ou satisfação no jogo de desejar sempre mais?

COMO VOCÊ PODE MUDAR SUA VIDA FINANCEIRA?

Já li centenas de livros sobre dinheiro. No meu espaço de retiro, no Japão, existem milhares deles, que colecionei durante toda a vida, sobre dinheiro, riqueza e felicidade. Os livros sobre dinheiro são divididos em duas categorias: técnicos e sobre atitude mental. Os técnicos se concentram mais em QI Financeiro e em aspectos certos e errados das finanças. Lá pela décima página você pode se sentir derrotado muitas vezes e querer desistir. Os outros livros tratam da atitude mental e concentram-se principalmente na lei da atração: por exemplo, se você imagina 1 milhão de dólares e acredita que eles serão seus, vai atraí-los. Ainda que acredite na lei da atração e na importância da atitude mental positiva, também aprendi que a coisa não acontece com tanta facilidade. Mesmo assim, não faz mal ter uma atitude positiva.

VOCÊ PODE MUDAR SUAS CONVICÇÕES E O TAMANHO DO SEU RECIPIENTE DE DINHEIRO

Como você sabe agora, é possível criar seu próprio modelo financeiro porque você é capaz de mudar sua mentalidade, suas convicções e seus comportamentos. Você pode conseguir isso fazendo as pazes com seu passado, curando as feridas relativas ao dinheiro por meio do perdão e do apreço – o que vou abordar no próximo capítulo. Por fim, você escolhe o tipo de relação que pretende ter com o dinheiro e depois, em última instância, o que parece mais confortável para você. Pode criar uma vida nova.

Ensinei isso a milhares de pessoas e testemunhei pessoalmente a transformação financeira delas. A situação pode melhorar. Está nas suas mãos.

Se você pudesse escolher seu futuro, como gostaria que ele fosse?

Não quero que você se pressione demais. Se está com dívidas, imaginar uma vida sem dívidas é o suficiente. Se consegue imaginar um futuro melhor, isso também é ótimo. Quero que você acredite que esse pode ser o seu futuro. Já vi isso acontecer. Um dos meus clientes herdou a empresa do pai, que estava em péssima situação. Ele poderia recusar a herança dos bens e das dívidas, coisa que muitos fariam. Mas não queria que o legado do seu pai fosse um legado de fracasso. Mesmo assim, depois de alguns anos trabalhando duro sem chegar a lugar algum, estava perdendo a esperança. Por isso foi fazer meu curso. Percebeu que estava se agarrando à falsa convicção de que, não importando quanto trabalhasse, jamais teria dinheiro suficiente. Depois do curso, ele percebeu que essa convicção não era somente dele: *também era do pai*. Não era surpresa que os negócios e as finanças da família estivessem tão desorganizados. Ele acreditara que isso sempre aconteceria, por mais que se dedicasse. Depois de reconhecer que esse ponto de vista negativo não tinha funcionado para o pai, ele percebeu que também não funcionaria para ele. Não precisava cometer os mesmos erros. Mudou de perspectiva, mudou o modelo e o recipiente, decidindo se tornar um ímã para o dinheiro. Eu lhe dei alguns conselhos. Pedi que

imaginasse o tamanho da sua dívida atual. Era de 3 milhões de dólares. Disse para ele sentir o impacto desse número e depois colocar um sinal de menos: “-3 milhões de dólares”. Ele riu e visualizou isso. Então falei:

– Você percebeu que se tornou milionário em dois segundos?! Seu pai não deixou uma dívida. Deixou uma empresa para você. Portanto você tem o poder de ganhar dinheiro.

Naquele momento ele tomou a decisão de pagar a dívida em cinco anos. Depois dessa sessão, sua situação financeira ficou infinitamente melhor. Ele pagou todas as dívidas! E não parou por aí. Continuou a ganhar mais e em poucos anos se tornou milionário! Se esse homem conseguiu dar uma reviravolta na sorte em poucos anos, sei que você também pode mudar a sua vida. Não será de um dia para o outro, mas, se mudar o foco e seguir na direção certa, você vai criar sua vida ideal.

PRINCÍPIOS PARA LEMBRAR ENQUANTO VOCÊ TENTA ALCANÇAR UM ALTO QE FINANCEIRO

Saber que a dívida faz parte do jogo

Muitas vezes acreditamos que o sucesso vai apagar nossos temores e dúvidas. Mas, assim que nos livramos dos temores e das dúvidas em determinado setor da vida, surge um novo conjunto de ansiedades. Seria ótimo se pudéssemos seguir com nossos negócios nos sentindo felizes e otimistas todos os dias. Entretanto, a realidade é que a maioria dos dias traz muitos motivos de preocupação.

Assim, em vez de nos consumirmos com as dúvidas que chegam, podemos nos preparar para enfrentá-las, reconhecendo-as como acontecimentos naturais. Caso contrário, podemos acreditar que o fato de termos preocupações e dúvidas significa que estamos fazendo alguma coisa errada.

A fim de nos prepararmos para enfrentar com frieza e calma esses sentimentos no momento em que surgirem, devemos entender que a dúvida e o temor fazem parte do processo e não são necessariamente ruins. Na

verdade, são sinais de que estamos a caminho de desenvolver um novo potencial.

Enxergar o lado positivo da preocupação

O princípio seguinte é praticar para sentir a ansiedade de modo positivo. Instintivamente nos afastamos das emoções negativas, mas, como acabamos de discutir, as ansiedades sempre surgirão. Para escapar delas você precisaria trancar as emoções do lado de fora, o que o deixaria insensível a tudo. Além disso, você pode desperdiçar a capacidade de sentir alegria e de se maravilhar.

A alegria e a ansiedade andam juntas. Fugir do medo rouba a beleza da vida.

Acreditar numa visão

O terceiro princípio consiste em sempre acreditar que existe um futuro melhor. À medida que você avança na vida e nos negócios, os medos e as dúvidas surgirão. É nesses momentos que acreditar no futuro se torna fundamental.

A ajuda de um mentor ou amigo é importante quando você não consegue acreditar na possibilidade de um futuro melhor. É relativamente fácil confiar no futuro quando a ideia é reforçada por sua rede de apoio.

A vida nos dá a oportunidade de ter todo tipo de experiências maravilhosas. Confiar nela e em suas possibilidades estabelece a base para que isso se concretize. Nossa percepção é um poderoso influenciador da realidade. E quando você acredita num futuro melhor, pode dar esperança a outros que estão enfrentando seus próprios temores. Confiar verdadeiramente no futuro é um modo de ajudar outras pessoas. Quando estamos calmos e controlados é fácil compartilhar nossas habilidades. O verdadeiro desafio é sermos capazes de compartilhar *apesar* das dúvidas sobre nós mesmos e das preocupações com nossa própria riqueza e nosso futuro.

*Superar suas emoções relacionadas ao dinheiro
e compartilhar suas experiências*

O quarto princípio é compartilhar sempre. Os momentos em que estamos imersos em emoções negativas são aqueles em que nossa percepção é testada.

Estarmos continuamente presentes para os outros e prontos a compartilhar apesar de quaisquer dúvidas pessoais que existam dentro de nós é o que nos dá poder para superar as emoções negativas. Mas preciso ser honesto com você: não é tarefa fácil. Aqui vai uma sugestão: quando lhe parecer muito difícil pôr essa ideia em prática, tente planejar como você pode estar disponível para os outros. Esboçar um plano e segui-lo todos os dias acaba influenciando nossas ações e nossos resultados.

Estar presente para os outros é uma prova do nível de confiança que você tem em sua capacidade e no seu futuro.

Estar aberto para receber apoio e amor

O último princípio é receber o amor e o apoio dos outros com o coração aberto. Quando você está experimentando emoções negativas, superá-las sozinho pode ser quase impossível. Mas com o amor e o apoio dos outros, problemas que parecem grandes no início começam a encolher até um tamanho administrável e ficam mais fáceis de compreender e enfrentar. Já discutimos a importância de contar com amigos e mentores para acreditar num futuro melhor.

Há uma crença comum de que, a não ser que façamos algo pelos outros, não temos como obter o apoio deles. Na verdade, esse é um começo. Estar aberto para receber ajuda é um passo poderoso na direção certa. Se você se permitir receber apoio incondicional, começará a entender que pode compartilhar e ajudar os outros também. O amor e o apoio dos nossos amigos têm o poder de reduzir as ansiedades que, caso contrário, iriam nos consumir e paralisar.

CAPÍTULO 3

O dinheiro e a sua vida

VOCÊ USA O DINHEIRO OU O DINHEIRO USA VOCÊ?

Há muitos anos, à mesa da cozinha, meu pai me disse:

– O dinheiro tem duas faces, como uma moeda. Deus e o diabo.

Eu conversava muito com meu pai quando era pequeno. À mesa de jantar, ele me falava sobre negócios, dinheiro, política e o que estava acontecendo no mundo. Mas o modo como ele falou naquele dia foi um tanto inquietante. Foi como se eu tivesse escutado algo que não tinha o direito de saber.

Mesmo depois de adulto, sempre que leio um jornal ou assisto à televisão consigo ver a que meu pai se referia e sinto que pode haver algo sinistramente mágico no dinheiro. Parece que cada crime, real ou na ficção, gira em torno do dinheiro, de um modo ou de outro.

Você provavelmente já ouviu mais de uma história sobre trabalhadores comuns e dedicados que acabam atolados em dívidas por causa do vício no jogo. De algum modo a situação sempre parece piorar, passando por desvio de dinheiro da empresa, suborno, fraude e, às vezes, até violência e assassinato. Como essas coisas podem acontecer só por causa do dinheiro?

Isso nos dá a sensação de que ele tem o poder estranho e perigoso de levar uma pessoa comum à insanidade.

Os amigos e parentes dessa pessoa diriam:

– Ele era um sujeito muito calmo, até que foi envolvido pelo dinheiro e a racionalidade sumiu. – Talvez a racionalidade “suma” porque o dinheiro está conectado tão intimamente à nossa vida e ao modo como definimos nossos valores e a nós mesmos como pessoas.

Qualquer um pode ser afetado por um estresse financeiro semelhante, do tipo que aparentemente causa uma espécie de insanidade temporária. Quem nunca perdeu de vista quem era e fez algo que consideraria maluquice em circunstâncias normais – só por causa do dinheiro? Nem todo mundo roubaria ou machucaria alguém, mas não é incomum fazer coisas absurdas pelo dinheiro – como apegar-se a um trabalho infeliz somente para pagar as contas ou lisonjear clientes e colegas com palavras fingidas visando garantir um fluxo de rendimentos constante.

Se você não perceber até que ponto o dinheiro influencia e controla seu estilo de vida e suas decisões, não poderá se libertar dele.

Para obter essa liberdade você precisa saber exatamente como abordar o dinheiro. E só existem duas abordagens possíveis: usá-lo bem ou permitir que ele use você.

POR QUE SOMOS TÃO CONTROLADOS PELO DINHEIRO: ENCARANDO NOSSO PASSADO

Quando minha filha estava no jardim de infância eu costumava me oferecer como voluntário na sala de aula dela algumas vezes por semana. Gostava de tomar conta das crianças e vê-las crescer. E enquanto estava lá podia fazer algumas observações.

Não nascemos automaticamente equipados com uma opinião sobre o dinheiro. Nosso interesse surge muito depois, mais ou menos quando começamos a frequentar o jardim de infância e brincar com outras crianças. Em geral, isso independe do país onde você cresce. Claro, existem pequenas diferenças entre o sistema educacional japonês e o ocidental, mas há um

número muito maior de semelhanças, entre elas os tão aguardados feriados de Natal.

No Japão temos o mesmo entusiasmo que se vê no Ocidente por enfeitar a casa e se preparar antecipadamente para a comemoração natalina. As lojas começam a colocar adereços vermelhos e verdes já no início de novembro.

A sala de minha filha era decorada com luzes e enfeites à medida que o Natal se aproximava. O tempo frio lá fora fazia o interior parecer mais caloroso, e naquele ambiente aconchegante era fácil deixar o espírito de Natal entrar. Numa tarde, enquanto as crianças brincavam, perguntei a um dos meninos o que ele iria ganhar de presente.

O menino respondeu, em um tom casual:

– Não vou ganhar nada.

Não era exatamente o tipo de resposta que eu esperava. Será que Papai Noel o havia incluído na lista dos meninos maus? Talvez esse menino não se deixasse enganar pelas histórias do bom velhinho e suas renas. Curioso, perguntei:

– Por quê?

– Porque minha família é pobre.

Pobre?

Calculando a probabilidade de aquele menino de 6 anos entender problemas sociais e econômicos, perguntei se ele sabia o que significava a palavra “pobre”.

Ele não sabia.

– Onde você aprendeu essa palavra?

Ele tinha ouvido a mãe dizer. Era por esse motivo que ela não podia comprar presentes.

Fomos programados por nossos pais, de modo não intencional, a acreditar na escassez do dinheiro. Eles dizem coisas do tipo: “Nunca temos dinheiro suficiente! É assim mesmo!” Nossas experiências traumáticas têm início por volta dos 6 ou 7 anos, quando ouvimos nossos pais reclamando sempre da mesma maneira e passamos a notar o tamanho da casa onde moramos, as roupas que usamos e o carro que eles dirigem. Começamos a comprar a ideia da escassez e a nos comparar com os colegas de escola. Se

eles têm mais do que nós, pensamos no que não podemos ter naquele momento. De repente queremos mais. O que temos não basta.

Aos 10 anos, sabemos qual é a posição dos nossos pais na sociedade e aprendemos sobre o “mundo real”. Se ao menos tivéssemos mais dinheiro, poderíamos obter mais bens, mais respeito, mais amor e, claro, mais amigos.

Aos 15 anos, a maioria se torna escrava do dinheiro e se dispõe a fazer praticamente qualquer coisa para obter mais. O dinheiro passa até mesmo a afetar nossos relacionamentos; quando começamos a namorar alguém especial, queremos cobrir a pessoa de presentes.

É comum haver diferenças financeiras e sociais em um casal. Os homens se sentem pressionados a levar a namorada a algum lugar bom. Certamente não querem ir com ela ao restaurante errado, ofendê-la com um presente que lhe desagrade ou parecer que são desprovidos de valor.

Uma vez uma jovem reclamou comigo sobre seu namorado.

– Eu mereço presentes melhores. Ele só compra coisas baratas. Talvez não seja o homem certo, porque eu mereço alguém que possa cuidar de mim.

Muitos sofrem lavagem cerebral – como aquela garota insatisfeita – e acabam convencidos de que ter mais dinheiro é sinônimo de uma vida melhor e com mais amor. Fomos treinados a acreditar que deveríamos trabalhar duro para entrar numa boa universidade e conseguir um emprego melhor, e que depois deveríamos ganhar o máximo de dinheiro possível. Deixamos de perceber que, à medida que subimos essa escada esperando alcançar mais, na verdade temos muito menos.

Subimos e subimos, e só começamos a notar que há alguma coisa errada aos 30 ou 40 anos, quando estamos endividados até o pescoço. Então nossos filhos chegam à idade em que querem entrar para as melhores universidades e o buraco fica mais fundo ainda. De repente, sonhar com duas semanas de férias traz mais ansiedade do que prazer.

Sentimos profundamente que há algo errado, mas estamos ocupados demais para parar e investigar quando o problema começou.

TODOS NÓS SOMOS INFLUENCIADOS PELO PASSADO

Como eu disse, a maioria de nós tem lembranças alegres e amargas envolvendo dinheiro, da época em que éramos pequenos.

Um cliente meu, de 70 anos, chorou feito um bebê ao falar sobre sua mãe e dinheiro. Eles enfrentaram dificuldades tão grandes na infância dele que a mãe não conseguia colocar comida na mesa o tempo todo, quanto mais dar um presente de aniversário. Apesar de hoje ser rico e bem-sucedido, ele não consegue se sentir à vontade com a riqueza. O medo domina cada pensamento. Seu pesadelo recorrente é perder tudo da noite para o dia. As lembranças da infância ainda são tão vívidas que o trauma continua a assombrá-lo.

E ele não é o único.

No mundo inteiro há pessoas que foram muito feridas por dramas relacionados ao dinheiro, especialmente envolvendo a família.

Se você quer se libertar das preocupações financeiras, talvez precise revisitar sua relação passada com o dinheiro e examinar traumas antigos. Quais são os seus temores? Como e por que o dinheiro controla você? Em que você foi levado a acreditar através de lavagem cerebral? Ainda que seja doloroso e um tanto traumático olhar para trás, ao entender em que ponto de sua relação com o dinheiro e de suas crenças inconscientes sobre ele você se encontra hoje, poderá enxergar melhor como ele controla a sua vida. Depois desse processo você se sentirá muito mais leve e feliz.

Mesmo sendo doloroso, reconhecer a placa “VOCÊ ESTÁ AQUI” é um passo importante para levá-lo de onde você está para onde você quer ir.

“Sua história financeira” (mais adiante, ainda neste capítulo) mostra como identificar seus padrões pessoais em relação ao dinheiro e que tipo de vínculo você e ele desenvolveram até agora. Por mais que muitos queiram negar, nossos pais e avós foram responsáveis pela maioria das crenças sobre o dinheiro que absorvemos. Tudo isso cria um modelo financeiro. Mas, ao olhar para a sua história e ver de onde veio, você pode reescrever esse modelo para chegar aonde realmente quer e escolher quais convicções manter e quais desprezar porque não lhe servem mais.

Quando pensamos em dinheiro, muitas emoções diferentes vêm naturalmente à tona. Uma pessoa que vivencia emoções negativas numa situação pode sentir algo totalmente diferente em outra; por exemplo, uma valorização profunda ou empolgação.

A maioria dessas sensações surge abaixo do nível da percepção, por isso não perdemos tempo pensando de maneira consciente no que sentimos.

Ao experimentar tais sensações apenas no nível subconsciente, limitamos o modo como levamos a vida, mesmo que não seja essa a nossa intenção. Sem que você sequer perceba, a preocupação e a ansiedade relacionadas ao dinheiro – em especial quando é algo vago e difícil de detectar – podem dominar sua vida.

Talvez você queira realmente fazer algo para si mesmo ou para outra pessoa, mas, por causa da ansiedade sobre como pagar por isso, acabe optando por não fazer nada. Ou talvez tenha escolhido permanecer num trabalho que não combina com você. Talvez você tenha explosões descontroladas: fica chateado com gastos súbitos ou inesperados para os quais não estava preparado e critica seu cônjuge por algo sem qualquer relação com as despesas. Esses são apenas alguns exemplos de como nossos sentimentos a respeito do dinheiro podem nos afetar.

No decorrer de muitos anos como consultor, vi em primeira mão a variedade de sentimentos que as pessoas experimentam quando há dinheiro envolvido. Como o velho que chorou porque sua mãe não podia lhe comprar um brinquedo, muitos dos meus clientes foram levados às lágrimas ao falar de lembranças da infância relacionadas ao dinheiro. Outros eram mesquinhos e impetuosos, rápidos em reclamar ou mesmo processar alguém por alguma questão trivial porque estavam perturbados e desesperados demais com seus problemas financeiros. Nossos sentimentos em relação ao dinheiro podem chegar a territórios profundos que nem sempre são acessíveis em outras circunstâncias.

Talvez por isso o dinheiro seja um dos principais motivos de divórcio. Se você observar bem, talvez até o veja como fonte de frustração nos seus relacionamentos ou na sua profissão.

Eu gostaria que você fizesse uma autoavaliação das emoções que mais experimenta quando pensa em dinheiro ou lida com ele. Vou examinar as mais comuns e peço que analise as que se aplicam melhor à sua vida. Depois que você entender os sentimentos que nutre pelo dinheiro, a quantidade de estresse que ele desencadeia diminuirá substancialmente. Por quê? Porque não podemos consertar nem trabalhar o que não conhecemos. Por meio do autoconhecimento e da observação podemos melhorar o humor e os relacionamentos. Podemos começar a reestruturar nossa abordagem do dinheiro. Podemos deixar de vê-lo como algo que nos faz mal e começar a encará-lo como algo que tem o potencial de trazer o bem para nossa vida.

Então vamos começar.

AS MUITAS EMOÇÕES QUE O DINHEIRO PROVOCA

Existem mais emoções do que as mencionadas a seguir, claro, mas escolhi as mais comuns que testemunhei. Não existem emoções “certas”; contudo, algumas terão efeitos positivos ou negativos na sua vida e no seu bem-estar.

1. Ansiedade e medo

Quando gastam, as pessoas costumam sentir algum nível de ansiedade. Enquanto pegam as cédulas ou o cartão de crédito para entregar ao funcionário do caixa, preocupam-se pensando se fizeram a escolha certa.

Outra sensação comum é a preocupação com o que aconteceria se o dinheiro acabasse. Você viraria um sem-teto caso perdesse o emprego de repente? Algumas pessoas vivem de pagamento em pagamento, perguntando-se como vão chegar ao fim da semana. *E se eu não puder alimentar meus filhos na semana que vem?* O medo e a ansiedade em relação ao dinheiro dominam o cotidiano da maioria das pessoas. Por isso tanta gente permanece em empregos horríveis, casas decrepitas, bairros ruins ou relacionamentos abusivos. Frequentemente quem está de fora diz coisas do tipo “Por que você continua aí?” ou “Por que você aguenta isso?”. A resposta curta é: por medo. Medo do desconhecido. Medo do que acontecerá se a pessoa mudar. Medo de não ter força ou condições de mudar. Ela dará uma

desculpa: “Não tenho dinheiro suficiente para fazer as mudanças necessárias.” Por isso fica. Mas é importante lembrar que os temores que você experimenta em relação à vida e ao futuro não têm uma relação *direta* com o dinheiro. O que quero dizer com isso? Quero dizer que os temores relacionados ao dinheiro são resultado de outros temores inconscientes.

Você não tem medo apenas de não ter dinheiro suficiente para se sustentar; *você tem medo do fracasso*. De parecer medíocre aos olhos dos seus pais, dos seus entes queridos ou da comunidade. Seus temores quanto a não ser digno, merecedor ou suficientemente bom podem se manifestar na sua relação com o dinheiro. Você pode pensar: *Se ao menos eu tivesse mais dinheiro, mereceria o amor de alguém. Se ao menos eu ganhasse mais, seria valorizado por meus colegas e amigos*. Assim, você se esforça para ganhar mais e mais. Enquanto isso, sua ansiedade em relação ao dinheiro cresce e cresce. A não ser que você pare e encare os temores internos e os pensamentos autolimitantes que tem a respeito de si mesmo, não importa como tente lidar com seus problemas financeiros, o âmago da questão continuará intocado.

2. Raiva e ressentimento

Não é difícil encontrar alguém que sinta raiva ou ressentimento em relação ao dinheiro. Quando não nos pagam o que foi prometido, sentimos raiva. Quando há escassez, ficamos facilmente perturbados. Quando vemos que outros têm ou ganham mais do que nós, começamos a sentir que, de algum modo, fomos prejudicados. Às vezes, temos raiva de pessoas que consideramos ser a causa dos nossos problemas financeiros.

Muitos crimes acontecem por causa dessas emoções. Por quê? Porque o dinheiro tem uma ligação muito forte com a nossa sobrevivência. Com exceção de poucas tribos que restam na Terra, todos precisamos dele para trocar por comida, roupas, abrigo e cuidados com a saúde. Sem dinheiro, morremos. Nossos filhos morrem. Sim, o risco é alto. Assim, quando não ganhamos o que acreditamos merecer ou o que era devido – ou nos consideramos roubados ou achamos que se aproveitaram de nós –, sentimo-

nos ameaçados. E o que nosso cérebro faz quando pensa que há uma ameaça? Graças à amígdala, no cérebro temos um mecanismo de luta ou fuga que assume o controle para nos ajudar a sobreviver em situações de risco à vida. Ainda que alguns fujam nessas circunstâncias, a maioria luta. Ficamos com raiva. Ficamos furiosos. *Não é justo! Eu quero o meu dinheiro! Agora!* Mas a realidade é que a maioria não corre perigo imediato e real de morrer. Não há um urso nos perseguindo pela floresta nem um tubarão nos atacando (ainda que a sensação possa ser essa, quando sentimos pânico por causa do dinheiro). Mesmo assim, entramos com tanta frequência no modo de luta ou fuga – lutando por essa ideia de sobrevivência – que não enxergamos um modo melhor de administrar nossas emoções. E, no mundo moderno, a chave para a felicidade é reconhecer que não precisamos lutar o tempo todo; não precisamos ficar com raiva ou ressentidos.

3. Tristeza e pesar

Quando nos lembramos da infância, pensamos nos sonhos que tínhamos e, em seguida, olhamos para nossa vida atual, que não parece combinar com as fantasias juvenis, é natural nos sentirmos um pouco desapontados e tristes. Quem nunca se sentiu assim? Um sonho que não se realizou pode partir o coração. E não lamentamos somente por nossas esperanças e nossos sonhos. Queremos dar muito aos nossos filhos e à nossa família, e, quando não é possível, por causa de nossos recursos limitados, ficamos arrasados. Então olhamos o mundo cheio de tragédias – corrupção, guerra, morte e horrores sem sentido – e pensamos: *Isso tudo é por causa do dinheiro*. Nossa tristeza coletiva em relação à injustiça, à dor, ao sofrimento e às perdas pode ser debilitante se não for abordada.

4. Ódio e desespero

Se alguém se aproveitou de você, talvez no primeiro momento você se sinta ultrajado. Porém, algum tempo depois, você começa a nutrir ódio por quem fez isso. Se percebe que a situação é irreversível, você começa a introjetar esse ódio e a ficar desesperado ou deprimido. Todos já vimos

casais brigando durante um processo amargo de divórcio. Uma parte sempre se considera prejudicada, isolada ou explorada. A raiva que resultou de ser ameaçado ou prejudicado, de algum modo, se transforma em ódio. Algumas pessoas sentem ódio do ofensor; outras internalizam esse ódio e ficam tão perdidas e deprimidas que não conseguem mudar a situação. Divórcios, demissões, cortes de salário, lucros reduzidos ou ameaças de perder a casa provocam esse tipo de reação. Você se lembra do homem que procurou meu pai pedindo ajuda? Ele estava desesperado, cheio de desprezo e ódio por si mesmo e acabou cometendo suicídio. Crimes violentos, suicídio, depressão e desespero impotente podem acontecer quando nossa raiva está concentrada em outra pessoa ou em nós mesmos.

5. Superioridade e inferioridade

Eu diria que essas são as emoções primárias que nos impelem a comprar a maioria das coisas de que não precisamos. Você já comprou algo só para que o vendedor não o considerasse avarento? Já comprou um presente extravagante pelo qual não poderia pagar só para impressionar? Sejam os francos: todo mundo já adquiriu algo apenas para não passar por sovina ou pobre. Ou para parecer melhor do que os outros.

O mundo está cheio de grifes. Pessoas que até costumam agir racionalmente *pagam mais caro para fazer propaganda de mercadorias caras para outras pessoas!* Achamos que é um distintivo de honra gastar mais dinheiro em alguma coisa. Quem realmente precisa de uma megamansão com 10 ou 12 quartos e uma garagem onde cabem cinco carros para uma família de quatro pessoas? Quem realmente precisa de 30 paletós ou 100 pares de sapatos de marcas famosas? A resposta obviamente é “ninguém”. Então por que fazemos isso? Gastamos dinheiro para não nos sentirmos inferiores diante dos outros ou para nos sentirmos superiores às pessoas ao redor. É simples. Por isso membros da classe média alta lutam constantemente para comprar marcas caras com o objetivo de parecerem mais ricos do que são. Não querem se sentir inferiores aos amigos mais endinheirados e querem se sentir superiores às pessoas de classe média

baixa com as quais estão tentando desesperadamente deixar de conviver. A não ser que curtam a moda como um hobby ou a apreciem como forma de arte, os ricos de verdade não sentem necessidade de comprar marcas famosas só para parecer bem. Não precisam de uma grife para se posicionar. Warren Buffett, um dos homens mais ricos do mundo, mora na mesma casa que ele e a mulher compraram em 1958 por pouco mais de 31 mil dólares. Estima-se que o valor atual da casa seja de apenas 0,001% de sua riqueza. Muitos de nós vivem em casas que excedem de longe nossos meios de mantê-las porque em geral nos importamos muito com o que os outros pensam e não com aquilo de que realmente precisamos para levar uma vida feliz e confortável. Quando lhe perguntaram por que ele ainda morava na casa modesta e não numa residência mais extravagante, Buffett disse à BBC News: “Sou feliz lá.” Tradução: ele está presente lá. Não tem ansiedade quanto ao futuro nem raiva do passado. Ele é feliz porque está livre do tempo e da ilusão de escassez.

6. Culpa e vergonha

É comum os ricos se sentirem culpados, em especial se herdaram o dinheiro de parentes. Apesar de não sentirem culpa em relação a alguém especificamente, esse mal-estar geral pode ser sufocante. Alguns passam a vida inteira incomodados com a própria riqueza ou carregando o peso das expectativas que os outros têm em relação a eles e a seu dinheiro. Veem outros trabalhando muito em troca de pouco, e sua culpa é reforçada. As pessoas nessa situação podem ter tendência maior ao abuso de drogas ou álcool para entorpecer tais sentimentos.

Se a culpa é algo que os ricos sentem por possuir muito, vergonha é a emoção que algumas pessoas sentem quando estão passando por dificuldades financeiras. Mesmo ao longo da infância, é possível envergonhar-se por não possuir o suficiente. Não ter condições de comprar o que outros têm pode levar à crença de que somos defeituosos de algum modo. Quando esse sentimento persiste, alguns trabalham demais, e não do modo mais inteligente, privando-se da alegria que todo mundo merece ter

na vida, independentemente de quanto ganha, e entregando-se a esforços desmesurados.

7. Entorpecimento

Isso é bastante comum. Não gostamos de sentir muita coisa no dia a dia. Sentir exige algum tipo de ação ou reação; a maioria de nós não quer tomar as atitudes necessárias para administrar os sentimentos de modo adequado, então nos entorpecemos ao máximo – seja com comida, álcool, drogas, televisão ou simplesmente “desligando” e agindo no piloto automático. Muitos de nós tentam entorpecer os sentimentos, em especial relacionados ao dinheiro. Como não queremos nos sentir “afetados” por ele, suprimimos os sentimentos verdadeiros – não importando se são de ansiedade ou empolgação. Eu me lembro de um experimento feito num programa de televisão com câmeras que registravam as expressões faciais de consumidores ao passar no caixa com suas mercadorias. Quanto maior o valor da compra, menos expressivo ficava o cliente. Talvez estivessem tentando esconder a alegria e o orgulho que haviam sentido ao comprar. Talvez estivessem com vergonha ou sem graça por uma compra tão grande. Ou talvez estivessem tentando evitar atrair atenção desnecessária ou inveja. Dependendo da relação que têm com o dinheiro e do que o dinheiro significa para elas, as emoções das pessoas podem variar, mas fomos treinados a não as demonstrar em público, por medo do ridículo ou da inveja. O problema é que, na tentativa de suprimir e entorpecer as emoções para evitar chamar atenção, suprimimos também as emoções positivas.

8. Empolgação e alegria

Crianças podem demonstrar empolgação e alegria com mais liberdade do que os adultos. Basta ir ao playground mais próximo e observá-las brincando. Elas celebram umas às outras, batendo palmas e pulando quando alguém faz uma coisa boa ou surpreendente. Riem de si mesmas e dos outros. Não há nenhuma sugestão de desconforto ou preocupação: elas estão ali para se divertir e sabem disso. Às vezes os adultos também podem

se sentir assim, mas em geral não é socialmente aceitável pular, bater palmas ou dançar de alegria quando estamos animados, em especial quando se trata de dinheiro. Você consegue imaginar um funcionário pulando e batendo palmas porque ganhou um aumento? *Somos adultos! Não fazemos isso!* Você se imagina gritando de alegria quando recebe um presente inesperado ou comprando algo que sempre desejou?

Alegria e felicidade são sensações positivas que o dinheiro pode trazer. Mas fomos condicionados a não alardear esses estados de espírito. *Qual foi a última vez que você ficou muito animado por causa de dinheiro?* E se eu lhe dissesse que, se você se permitisse sentir a alegria de ganhar e gastar dinheiro, provavelmente atrairia mais para a sua vida? Para muitas pessoas esse é um conceito difícil de compreender. Elas cansaram de ouvir que dinheiro não compra felicidade. Certo, ele não compra “felicidade” – que, sabemos, vem de dentro e do estado de presença –, mas pode trazer sentimentos de alegria e gratidão. E, sim, pode fazer você se sentir “feliz”.

9. Apreço e amor

Quando amigos ou parentes nos dão presentes, é natural nos sentirmos apreciados e amados. Por isso, às vezes, a energia ligada ao dinheiro se parece tanto com o amor. Muitos literalmente demonstram amor com dinheiro. Compramos presentes que sejam significativos. Queremos ajudar a aliviar as tensões e as preocupações dos outros. Receber um agradecimento verbal é ótimo, mas, quando ganhamos uma recompensa por algo que fizemos, nos sentimos ainda mais valorizados, até honrados. No trabalho, se os seus clientes estiverem muito felizes com seu desempenho e dispostos a pagar mais, isso não alegra apenas você, que recebe o dinheiro; também alegra quem dá. Eles estão empregando o dinheiro em alguma coisa – ou, mais exatamente, em alguém – que lhes traz alegria, felicidade e paz. Mesmo se os presentes ou as quantias forem pequenos, quando são dados com amor, apreço e júbilo, é possível sentir essa energia.

Os investimentos também podem ser uma forma de amor. A banda inglesa Mumford & Sons tem uma música que diz: “Onde você investe o seu

amor investe sua vida.” Quando investimos nosso dinheiro em algo que amamos e com que nos importamos, oferecemos aos outros e a nós mesmos essa energia amorosa. Costumo pedir às pessoas na minha plateia que citem o maior presente que já receberam de alguém que *não* seja da família. Muitos levantam a mão. Alguns dizem 10 mil ou 50 mil dólares. O maior número que já ouvi foi 500 mil dólares! Um cliente feliz deu essa quantia a um *sushiman*! Dá para imaginar? Aparentemente, o *sushiman* havia mencionado que desejava ter seu próprio restaurante e contou ao cliente que estava poupando 100 dólares por mês do salário para essa finalidade. Depois de ouvir a história, o cliente comentou que ele demoraria anos para conseguir realizar seu sonho. O *sushiman* explicou que, de fato, vinha poupando havia 10 anos e ainda não tinha o suficiente. O cliente respondeu que financiaria o restaurante ao longo de dois anos. Mas o *sushiman* hesitou, dizendo:

– Não tenho nada para dar como garantia!

O cliente respondeu:

– Tudo bem. Estou impressionado com sua atitude e quero contribuir. *Gosto de você e do que você faz.*

Esse cliente colocou energia afetiva no dinheiro e o investiu em alguém com quem ele se importava. Isso não somente fez com que o *sushiman* se sentisse querido como ainda reforçou quanto ele amava seu trabalho.

10. Felicidade

Todos nós ficamos felizes quando recebemos um bônus inesperado ou um dinheiro de surpresa. Pode ser um presente dos pais ou a restituição do imposto de renda. *Simplesmente ficamos felizes.* O que quero dizer com “feliz”? Quero dizer que podemos estar presentes, sem nos preocuparmos com o futuro e sem ansiedade pelo passado, porque sentimos que temos o suficiente, por enquanto. Podemos soltar um suspiro de alívio. Também percebemos que, com mais dinheiro, temos mais opções.

E se eu dissesse que é possível se sentir feliz antes mesmo de o dinheiro chegar? E se eu olhasse para tudo que você tem e dissesse que é o suficiente?

Se você acreditar que é o suficiente – acreditar de verdade –, garanto que se sentirá feliz... tão feliz que coisas surpreendentes podem acontecer. Não importa se você é Warren Buffett ou se não tem um tostão furado: se você achar que tem o suficiente, ficará feliz. Sim, é possível ter uma mentalidade e emoções felizes quando se trata de dinheiro. Isso vem de dentro – antes mesmo de o dinheiro vir na sua direção. Se você também quer sentir isso, apenas se concentre nesse sentimento feliz, satisfeito. Acredite que você tem mais do que o suficiente. E que, se precisar de mais, isso virá de algum lugar.

POR QUE É TÃO DIFÍCIL TER UMA RELAÇÃO FELIZ COM O DINHEIRO?

Para a maioria das pessoas, a resposta é: porque o modo como elas o ganham e gastam não é saudável. Muitas pessoas ficam num emprego que detestam só pelo salário; a tensão só aumenta. O dinheiro vem impregnado de sofrimento. Sem perceber, estresse, dor ou irritação surgem sempre que elas usam ou pensam em dinheiro. Ainda que esses sentimentos se originem do emprego, os limites entre as duas coisas, trabalho e dinheiro, se confundem. Quando você se obriga a ganhar dinheiro num emprego que odeia, fica muito mais difícil deixá-lo ir embora sem uma excelente razão. Você sente pressão para não o desperdiçar. Na verdade, cada centavo gasto é motivo de irritação. Quando parece que o dinheiro entra com dificuldade, fica muito mais penoso gastar.

Além disso, nossos pais nos ensinaram, desde a infância, que jamais devemos desperdiçar dinheiro. Essas lembranças aparecem silenciosamente na forma de estresse, dizendo para gastarmos somente o necessário. Isso nos leva a viver pensando em quanto ainda temos e, depois, a nos atormentarmos para poupar ou ganhar mais. Mergulhamos numa grande confusão. Sempre que há dinheiro envolvido, tendemos a nos preocupar com a maneira de gastá-lo ou a nos arrepender por usá-lo de maneira errada. Ficamos frustrados ao ganhar dinheiro, empolgados ao gastar e, no fim, tensos, pensando se ele estará lá, no futuro. Com o tempo nos cansamos desse padrão e passamos a desejar um mundo sem dinheiro. (Cuidado com

o que você deseja! A lei da atração irá ajudá-lo a realizar esse sonho, pelo menos na sua conta bancária!)

E quanto às pessoas felizes e prósperas das quais ouvimos falar? São como unicórnios! Alguém nos contou sobre elas, mas nunca as vimos. Pois eu garanto que elas existem e que sua relação com o dinheiro é completamente diferente em todos os sentidos. Elas ganham dinheiro fazendo o que lhes traz alegria – e essa alegria atrai mais alegria. Traz diversão, empolgação e gratidão. Quando gastam, elas também sentem felicidade ou apreço. O estresse não faz parte da equação.

Elas têm uma confiança silenciosa na capacidade de ganhar dinheiro quando for necessário, por isso não sentem ansiedade em relação ao futuro. Quando se trata de dinheiro, agem quase totalmente a partir de emoções positivas. Essa é a maior diferença entre pessoas felizes e prósperas e o tipo que mencionei antes.

ENTÃO POR QUE SENTIMOS TANTO MEDO?

O motivo é que, no passado, fomos feridos pelo dinheiro. Alguns aprenderam bem cedo a ter poucas expectativas quanto a ele: você queria desesperadamente algo no Natal e não recebeu aquele presente. Ou talvez tenha levado broncas por ter gastado demais, ou depressa demais, quando alguém o presenteou com certa quantia. Ou era um estudante pobre e seus pais, que se esforçavam para pagar as mensalidades, gritavam com você por desperdiçar o que ganhavam com dificuldade. Ou talvez seu cônjuge culpasse você por uma “decisão ruim” com o dinheiro. Os cônjuges costumam ter ideias muito diferentes sobre como e quando gastar. Discussões acontecem, trocam-se acusações e no fim todo mundo fica com sentimentos negativos relacionados ao dinheiro. Em vez de entender suas atitudes no que diz respeito ao dinheiro, as pessoas o culpam – ou culpam a falta dele. Já vi pais se zangarem com filhos por escolherem presentes de aniversário caros para os amigos em vez de parabenizarem os filhos por sua iniciativa e sua generosidade. Se mais famílias tivessem uma relação saudável com o dinheiro, primeiro elogiariam os filhos e depois ensinariam

sobre a quantia adequada a ser gasta num presente. Recebemos tantas advertências na juventude que começamos a pensar que qualquer tipo de gasto é ruim. Nada que fazemos é “certo”. E logo isso se traduz em: *Não importa o que a gente faça, não será suficiente*. Assim, quando tomamos decisões financeiras, agimos por medo, não por amor.

De que temos medo? De fazer alguma coisa errada. Temos medo de estar pagando caro. Duvidamos das nossas decisões, quer estejamos adquirindo um quilo de café ou um carro. Duvidamos instantaneamente. Então, como já não nos sentimos bem em relação a isso, nos arrependemos. Depois vêm as reclamações e os pensamentos negativos relativos ao dinheiro: *Fiz um mau negócio. Nada dá certo para mim. O dinheiro sai mais rápido do que entra. Desse jeito nunca vou ter o suficiente. Sou idiota demais*. Parece familiar? Você não está sozinho. Muita gente pensa assim e se comporta assim, porque foi só isso que aprenderam.

ALGUMAS CONVICÇÕES NEGATIVAS EM RELAÇÃO AO DINHEIRO QUE PODEM ESTAR IMPEDINDO QUE VOCÊ AVANCE

Uma das minhas clientes acreditava que o dinheiro não permanecia com ela. Apesar de ganhar bem, não conseguia mantê-lo. Era uma profecia autorrealizável. Nós manifestamos aquilo em que acreditamos na vida. A maioria de nós nem percebe as muitas convicções subconscientes negativas a que nos submetemos durante anos. Vou compartilhar com você algumas delas, negativas e positivas, que foram codificadas em nosso modelo e passadas de geração em geração. Ao analisar essas convicções negativas, convido você a examinar as que podem ser suas – na verdade, você pode até gritar, como fazem alguns dos meus clientes: “Essa aí! É exatamente nisso que eu acredito!”

Vamos começar com as convicções negativas.

O dinheiro é ruim. Muitas pessoas têm uma visão negativa do dinheiro. No mínimo, acham que precisam ser cautelosas quando lidam com ele. Independentemente do que fizer, você precisa ser cuidadoso. O dinheiro

pode ser algo ruim.

O dinheiro evapora depressa. Quando você mais precisa do dinheiro, não consegue encontrá-lo. Ele desaparece num instante, logo depois de entrar na sua vida! Em japonês, chamávamos isso de *oashi*, que significa “pés”. O dinheiro parece andar rapidamente para longe de você. Acho que todos nos identificamos um pouco com essa convicção!

O dinheiro machuca as pessoas. Essa também é uma crença comum. O dinheiro, no sentido literal, não pode machucar ninguém. Mas podemos nos sentir machucados porque o dinheiro leva a alguma dor: às vezes, ele baixa a nossa autoestima ou, olhando para trás, pode ter causado problemas de relacionamento no passado. Há quem use o dinheiro como arma para atacar os outros ou comprar coisas que podem fazer mal às pessoas.

O dinheiro é assustador. Quando pensamos que o dinheiro pode realizar qualquer coisa, ele parece maior do que é. Sabemos que podemos nos machucar com dinheiro. Por isso começamos a sentir medo dele. Temos medo de muitas coisas. Mas o dinheiro, em si, não é assustador.

Dinheiro cria problemas. Se você tem lembranças ruins relacionadas ao dinheiro, pode se sentir assim. Mas ele, por si, não cria problemas; *nós* é que criamos quando quebramos promessas ou contratos, retemos dinheiro por cobiça, deixamos de fazer pagamentos ou não o usamos de modo honesto.

Dinheiro atrai inveja. Temos medo de atrair atenção negativa de modo geral. Ter muito dinheiro pode provocar isso. Assim, é compreensível que você hesite em ter muito dinheiro por esse motivo.

E aqui vão algumas convicções positivas acerca do dinheiro.

O dinheiro ajuda as pessoas. Claro! Permite que elas se sustentem, aprendam coisas novas e lhes dá segurança, além de suprir as necessidades do dia a dia.

O dinheiro deixa as pessoas felizes. Como mencionei anteriormente, quando é dado ou recebido com energia feliz, o dinheiro também provoca emoções positivas. Você pode se sentir bem em relação a ele, mesmo tendo pouco.

O dinheiro ajuda a realizar sonhos. Essa também é boa. As pessoas têm sonhos e, às vezes, o dinheiro ajuda a financiá-los. Podem ser caros como uma viagem a Marte ou custar muito pouco.

O dinheiro une as pessoas. Se você gastar com sabedoria, poderá construir relacionamentos melhores. Por exemplo, você pode usar o dinheiro para planejar uma viagem em família que deixará lembranças felizes para a vida inteira. Pode planejar situações divertidas que o aproximem de sua família e dos seus amigos. Às vezes uso o meu dinheiro para pagar um almoço a jovens estudantes. Convido uns 20 ou 30 de uma vez, e nós conversamos e rimos.

O dinheiro aquece o coração das pessoas. Você pode mandar flores para um amigo doente. Pode doar dinheiro para instituições de caridade. Anos atrás, um orfanato no Japão recebeu uma doação anônima de mochilas escolares. A pessoa que mandou o presente se identificou como “Máscara do Tigre”, que é o nome de um famoso personagem de desenho animado no meu país. Depois que a doação foi divulgada pelas redes de televisão, centenas de ofertas semelhantes começaram a chegar não somente em orfanatos, mas em asilos de idosos e outras instituições que precisavam de apoio. Esse movimento inspirou muita gente e uniu as pessoas em torno de um sentimento caloroso.

SUA HISTÓRIA FINANCEIRA

Sua história financeira é como você conviveu com o dinheiro.

Desde pequeno, como tem sido essa relação? É uma relação feliz ou marcada pela frustração? Quando você pensa no passado, isso lhe provoca sensações boas ou o deixa tenso?

Como discutimos em capítulos anteriores, está claro que nós, seres humanos, temos diversos mal-entendidos a respeito de dinheiro. Se você se lembrar de acontecimentos significativos e investigar o que aconteceu de fato, saberá a verdade. Frequentemente ela é libertadora.

Como sabemos, fomos muito influenciados por nossos pais. Se eles tinham uma relação saudável com o dinheiro, nossa vida financeira provavelmente é bastante boa. Entretanto, boa parte dos pais teve algum problema associado ao dinheiro, de modo que há boas chances de que tenhamos também. Você não precisará escavar muito fundo para se lembrar de brigas em família por causa de dinheiro. Provavelmente as memórias ainda estarão frescas e parecem acompanhá-lo por algum motivo. Talvez tenha visto sua mãe e seu pai incomodados um com o outro ou com você e seus irmãos. Seus pais podem ter discutido sobre gastar demais ou ganhar pouco – ou talvez se culpassem mutuamente, ou aos filhos, pelo fato de jamais terem o suficiente. A culpa era sempre de alguém. Independentemente do motivo das brigas, lembrá-las tem o poder de trazer à tona até mesmo os sentimentos mais reprimidos. Se você foi criado apenas por um dos pais, talvez eles não discutissem, mas podem ter depositado em você ou nos outros filhos a angústia que sentiam. Se os seus pais chegavam a atitudes físicas violentas, ou no mínimo eram ruidosos e agressivos quando discutiam, você também pode se tornar agressivo com as pessoas por causa de dinheiro, mesmo que goste profundamente delas.

A maioria de nós tem lembranças negativas envolvendo dinheiro. Mas até quem teve a pior infância pode se lembrar de alguns momentos bons. O dia em que recebeu alguma coisa que queria muito. Um parente o surpreendeu com dinheiro ou alguém lhe deu o suficiente para ir ao cinema com amigos.

Todas as lembranças, tanto as boas quanto as ruins, vão se somando na sua cabeça e compõem suas convicções sobre o dinheiro. Para alguns, ele pode criar muitas coisas felizes. Para outros, traz dor e confusão na família. Pode ser fonte de raiva, angústia e agonia.

Geralmente, as convicções construídas na nossa infância ficam escondidas na psique. Elas influenciam o modo como lidamos com o dinheiro no nível mais básico. Quando ganhamos e gastamos, fazemos isso

com base em regras que podem não fazer muito sentido. Mesmo assim seguimos essas normas subconscientes porque não sabemos como agir de outro modo. E fazemos isso por nossa conta e risco.

Essas convicções também afloram quando precisamos tomar decisões na carreira ou em relacionamentos. Podemos escolher a estabilidade, não a empolgação, por causa das preocupações entranhadas a respeito do dinheiro. Podemos escolher um parceiro considerando apenas seu status financeiro, não o amor.

É triste que esse processo seja tão automático e que nem ao menos percebamos que ele está acontecendo – a ponto de afetar nossa vida, nossos sonhos, nosso trabalho e, talvez de modo mais preocupante, os relacionamentos com nossos entes queridos. Por exemplo, uma das minhas clientes se irritou com o marido por ter comprado um presente barato para um casamento ao qual iriam. Envergonhada e sem graça, pois aquilo se opunha claramente a seus valores, ela disse que era mesquinho mandar um presente daqueles. No entanto, na família dele, vergonhoso era desperdiçar, gastar mais do que o considerado necessário. Por causa de suas convicções contrastantes, os dois brigavam. E, claro, ambos achavam que estavam certos. Mas nenhum deles estava. Simplesmente existem muitos modos de lidar com o dinheiro. Todo mundo tem suas convicções e abordagens, o que quase sempre é fonte de conflitos. Se reconhecêssemos que *não existe um modo certo* e tentássemos entender as origens do nosso cônjuge ou companheiro, não sofreríamos tanto, e acredito que a maioria dos divórcios poderia ser evitada.

SUA SITUAÇÃO FINANCEIRA ATUAL E A HISTÓRIA DA SUA FAMÍLIA

Sua situação financeira está profundamente ligada à sua história familiar. Como já mencionei, nossos pais nos ensinam sobre a vida, mas não aprendemos com eles as lições sobre o dinheiro do mesmo modo que aprendemos na escola. Em vez disso, as absorvemos: tudo que vimos, ouvimos e sentimos desde muito pequenos fica conosco. Talvez você tenha

ouvido gritos e brigas por causa de dinheiro, por isso aprendeu que também deveria gritar quando o assunto fosse esse. Seus pais pareciam carrancudos quando pagavam as contas, e agora você fica carrancudo quando paga as suas. O que não percebemos é que cada atitude, tanto boa quanto ruim, vem de comportamentos aprendidos que testemunhamos na infância. Se não tivermos consciência de por que fazemos o que fazemos, não podemos mudar o que fazemos. Às vezes, precisamos recuar muito em nossa árvore genealógica para encontrar as raízes dos problemas financeiros.

Seus avós

Se somos influenciados por nossos pais, não é difícil adivinhar quem ensinou a eles os comportamentos e atitudes relacionados ao dinheiro: os pais *deles*.

Se você quer mesmo entender as complexidades da sua relação com o dinheiro, meu conselho é procurar seus avós paternos e maternos. Nossos pais só nos dão um pedaço do quebra-cabeça. Eles tiveram quatro pessoas diferentes a influenciá-los, tanto na infância quanto, em muitos casos, no início da vida de casados. De modo surpreendente, muitos não têm interesse em perguntar aos pais, quanto mais aos avós, sobre sua infância, suas lutas ou seus sucessos. Podemos saber quais eram suas ocupações – professores, policiais, engenheiros, médicos ou advogados –, mas não quem eles eram realmente. É raro nos aprofundarmos o suficiente para descobrir o que os motivava quando pequenos, como se sentiam, de que mais se orgulhavam ou com que se preocupavam.

Inconscientemente, nossos temores mais profundos são, na verdade, os temores dos nossos avós. Exceto se examinarmos com atenção o que eles viveram e entendermos suas experiências, não saberemos o porquê de nossas crenças a respeito do dinheiro. Se os seus avós faleceram, sugiro ler histórias sobre a época deles ou perguntar a alguns contemporâneos deles – talvez tios idosos – como eram e como sobreviveram em tempos difíceis. Eu pesquisei sobre meus avós e descobri um tesouro de informações. Não foi coincidência eu ter seguido meu pai no ramo dos negócios. Um dos meus

avôs também foi um empresário bem-sucedido e morreu aos 42 anos. Em minha pesquisa, descobri que ele era mais do tipo “jogador”: comprava navios cheios de mercadorias e peixe usando dinheiro, e depois os vendia com um lucro enorme. Ainda que ganhasse dinheiro desse modo, seu filho – meu pai – queria ser visto como um empresário racional e conquistar o respeito de seus pares. Por isso entrou no ramo de contabilidade e finanças. Assim, boa parte da personalidade do meu pai e da forma como se relacionou com o dinheiro faz mais sentido à luz dessa informação sobre o passado do meu avô. Poucas vezes percebemos essas conexões, e chegar a um acordo sobre isso pode ser transformador. Se sabemos por que pensamos como pensamos sobre o dinheiro, podemos começar um processo de cura e mudança.

Seus irmãos e amigos próximos

Os pais e os avós não são os únicos com impacto sobre o modo como enxergamos inconscientemente o mundo. Nossos irmãos, amigos e o círculo maior de conhecidos também influenciam nossos comportamentos e convicções. Tive um colega de escola que me ensinou o mau hábito de comprar besteiras para comer depois da aula. Ele era um tanto rebelde. Comprar comida na saída da escola sem permissão dos nossos pais era rigidamente proibido, e, por causa disso, era mais divertido ainda! Eu não pensaria sozinho em fazer isso, mas os amigos podem ter uma influência poderosa sobre o que consideramos legal, engraçado ou digno do nosso tempo e do nosso dinheiro. Durante esses anos de formação, observamos os outros, adquirimos alguns hábitos deles e os incorporamos aos nossos.

Chegamos à idade adulta carregando um punhado de convicções, comportamentos e atitudes equivocados relativos ao dinheiro, e temos pouca percepção de quanto controlamos tudo isso. Não percebemos quanto mal nos foi feito, e, a não ser que procuremos maneiras de curá-lo, permaneceremos na confusão – e nossas finanças também.

CICATRIZES ESQUECIDAS: LEMBRANDO SEUS SENTIMENTOS DE MÁGOA

É incrível como costumamos esquecer o que aconteceu quando éramos pequenos. Muitas crianças que sofreram abusos acham que tiveram infâncias ótimas. Muitas vezes as famílias fazem lavagem cerebral nos filhos, dizendo coisas do tipo “Ah, você teve uma infância fácil”, ou “Você teve uma infância muito boa”, ou ainda “Na época, nossa família era maravilhosa”. Algumas compram a mentira coletivamente. Irmãos sentam-se juntos e recordam com nostalgia os pais ou a infância. De algum modo esquecem as dificuldades – ou melhor, tentam encobri-las – porque lembrá-las é doloroso ou traz desconforto.

Sem dúvida fui um desses que cresceram achando que tiveram uma infância “boa”. Durante muito tempo contei essa história a mim mesmo, porque a alternativa – lembrar as partes dolorosas do meu passado – fazia com que eu me sentisse mal. À medida que me permiti recordar as feridas e cicatrizes escondidas, percebi que minha infância não foi nem um pouco feliz.

Na verdade, foi terrível. O dinheiro – ou o medo de falar sobre ele – dominava a vida da minha mãe e, portanto, a minha juventude. Lembro-me de uma vez ter pedido que me mandassem para uma colônia de férias à qual eu queria muito ir. No entanto, como sentia medo de puxar o assunto com meu pai – que frequentemente ficava chateado com (o que considerava) despesas desnecessárias –, minha mãe não levou o assunto a ele e me aconselhou a esperar até que ele estivesse de bom humor. Tradução: *nunca*. Fui proibido de falar sobre meu pedido até mesmo à mesa do jantar. Por medo de provocar raiva no meu pai, esse sonho (além de outros) desmoronou antes mesmo que eu tivesse coragem de enunciá-lo. Quando fiquei mais velho, percebi que mantinha silêncio sobre meus sonhos, principalmente para proteger minha mãe da violência do meu pai. E ele era violento – esse foi um fato terrível e doloroso da minha infância. As menores coisas tinham o potencial de desencadear a raiva paterna: se algo o

incomodava (mesmo que fosse tão inofensivo quanto uma criança pedir para ir a uma colônia de férias), ele podia perder a cabeça.

Frequentemente as crianças se lembram das frases de efeito prediletas dos pais; bom, as frases de efeito da minha mãe eram reveladoras. Não eram do tipo “Faça o melhor que puder!”, ou “Divirta-se!”, ou “Você pode fazer o que quiser!”. Eram conselhos passados assim:

- Não acorde um bebê que esteja dormindo.
- Não faça barulho.
- Vamos esperar até o papai ficar de bom humor.

Durante muito tempo fui assombrado por isso. No Japão, é tabu falar sobre os dramas ou as dores da família. Não se deve falar desse modo sobre os pais que trabalharam duro para sustentar a família, mas a realidade é que meu pai trabalhador passou para o filho um monte de convicções e ideias prejudiciais sobre o dinheiro.

Não foi fácil desfazer boa parte dos pensamentos negativos e do medo instilados em mim. Para começo de conversa, o único modo de fazer isso seria admitir a existência desses temores e dessas convicções. Lembrar-se dos traumas e incidentes da sua infância pode ser difícil, mas, se você estiver disposto a mudar sua relação com o dinheiro, é um passo necessário.

COMO VOCÊ PODE CURAR SUAS FERIDAS RELATIVAS AO DINHEIRO?

Nossos corpos e mentes parecem se lembrar dos sofrimentos passados. Pode ter acontecido num passado distante ou mais recentemente, tanto faz: sentimos o ferimento com intensidade quando uma nova experiência o reabre. Não importa quantas cicatrizes mentais carreguemos, quando alguém ameaça tomar algo que possuímos ou desejamos – como o dinheiro –, reagimos como na infância. Sofremos muito e nos sentimos desvalorizados ou sem merecimento. Por algum motivo, equiparamos instintivamente nosso valor à nossa capacidade de conquistar coisas. Se recebemos notas boas, elogios ou até mesmo presentes, nossa presença neste planeta parece validada. Se as notas boas, os elogios ou os presentes são

negados, de algum modo encaramos isso como algo pessoal. Alguma coisa deve estar errada conosco, terrivelmente errada. Então olhamos para fora e nos comparamos com os outros. Fulano ganhou o presente que queríamos. Sicrano conseguiu o prêmio pelo seu desempenho. De algum modo essas pessoas são mais valiosas, melhores, mais merecedoras. Muito cedo aprendemos que quem nós somos e nosso valor inerente como seres humanos estão profundamente ligados ao que podemos alcançar ou obter. À medida que crescemos, as mesmas regras se aplicam. Se recebemos uma promoção, um aumento ou somos cobertos com presentes e elogios, nosso valor como seres humanos se confirma.

Na realidade, sabemos que não existe relação entre nossa situação financeira e nosso valor inerente como seres humanos. Mesmo assim as pessoas acreditam nisso porque é o que aprenderam ao longo da vida.

Um modo de curar as feridas financeiras do passado é aceitar que o que você aprendeu não é culpa sua nem dos seus pais. Eles aprenderam com os pais deles, que aprenderam com os deles. Coletivamente, como sociedade, todos nós compartilhamos alguma responsabilidade por perpetuar essas convicções. Nós as declaramos com frequência e regularidade. Assim, quando as pessoas não têm dinheiro, não podem doar ou fazer o que querem porque não têm o suficiente, sentem-se desvalorizadas e impotentes. E o que fazem as pessoas que se sentem impotentes e desvalorizadas? Gritam. Berram. Descontam nos filhos. Pare um momento e tente voltar no tempo. Lembre-se de uma ocasião em que ouviu seus pais gritarem com você por causa de dinheiro. Ou lhe disseram que você não podia fazer algo muito desejado porque eles não podiam pagar. Talvez você veja a si mesmo chorando porque precisou abrir mão de um sonho de toda a vida – fazer faculdade ou viajar para fora do país.

É aí que acontece a cura. E a cura resulta de entender e perdoar. Quero que você retorne àquela lembrança e observe sua mãe ou seu pai naquele momento. Eles parecem sentir tanta dor quanto você? A raiva ou a postura deles desmente o medo e a ansiedade que sentem – ou talvez esteja mascarando o desapontamento deles mesmos por terem decepcionado você? Você sente pena deles? Tem alguma compaixão por eles ou entende

agora que estavam fazendo o melhor que podiam – que eles também tinham feridas profundas referentes ao dinheiro?

Quando você tenta entender, pode sentir empatia e, em última instância, é capaz de perdoar e ir em frente. E, de modo mais poderoso, você também pode se perdoar por não ter noção das coisas no passado e dar os passos necessários para avançar no futuro.

CRIANDO UM FUTURO MELHOR A PARTIR DA APRECIAÇÃO DO PASSADO

No Japão temos o costume de agradecer regularmente aos nossos ancestrais. A ideia é que, ao tomar consciência de todo o trabalho feito antes da sua existência, é mais provável que você se sinta grato pelo que possui. Além disso, ligando-se ao seu passado, você pode ver a grande rede de energia que tornou sua vida possível hoje.

Muitas pessoas não fazem ideia de quantas dificuldades foram superadas para chegarem ao ponto em que estão hoje. Quando você consegue se enxergar no vasto *continuum* – no passado e no futuro –, tem mais probabilidade de se comportar e agir com responsabilidade pelas gerações futuras. Além disso, fica mais consciente do *continuum* no presente – de que suas ações não somente o afetam, mas afetam todos ao redor. Tem consciência também de que tudo que possui vem de uma vasta rede de seres humanos e de sua energia coletiva. Quando come uma folha de alface, por exemplo, você se dá conta de que ela foi oferecida por alguém. Antes disso, foi armazenada por alguém numa loja. Antes, ainda, foi transportada por alguém num caminhão, e, lá atrás, foi plantada, cultivada e colhida por outra pessoa. Ao perceber que você é apenas parte de uma longa e vasta cadeia de humanidade, é fácil sentir-se agradecido e cultivar a plenitude. É fácil se maravilhar com o que você tem, mesmo que seja apenas uma folha de alface. E esse sentimento de gratidão pelas pequenas coisas pode se expandir exponencialmente a cada percepção de vínculos com o passado, o futuro e o presente.

Depois de investigar seu passado e aceitá-lo, você pode se sentir mais confortável e um pouco mais aberto à cura e a mudar seus padrões de comportamento no futuro. (Se você já se sente bastante feliz com o passado, talvez ache mais fácil projetar um futuro melhor.) Boa parte da nossa perspectiva futura depende do nosso presente ou das nossas convicções e atitudes atuais. Se você consegue cultivar uma apreciação por suas dificuldades e aprender lições importantes com elas, é provável que mantenha uma atitude positiva quando vierem tempos difíceis no futuro. Com isso quero dizer que você, e somente você, pode criar o seu futuro, principalmente a partir de como pensa e age no presente.

A energia que colocamos no mundo, bem como nossas convicções, palavras e atitudes, é a energia que recebemos de volta.

CAPÍTULO 4

O fluxo do dinheiro

OS FLUXOS DO DINHEIRO FELIZ E DO DINHEIRO INFELIZ

Já falamos sobre isto: muitos têm uma compreensão bastante estreita do que é o dinheiro e acreditam que há uma correlação direta entre o dinheiro e o papel e as moedas que usamos às vezes. Como há décadas passamos a usar cartões na maioria das transações e agora até empregamos os celulares para fazer compras, sabemos que isso não é mais verdadeiro. Não precisamos de dinheiro vivo para fazer compras; mesmo assim, ele parece fluir incessantemente das nossas contas para as de outras pessoas.

Então o que é o dinheiro?

De onde ele vem?

Como obtém seu valor?

Do Capítulo 1 ao 3, observamos o dinheiro por diferentes ângulos, mas principalmente pelo que ele *significa para você*. Falamos sobre a sua relação com o dinheiro a partir de como o enxerga e de como se sente a respeito dele, considerando suas experiências e seu passado.

Neste capítulo, vou pedir que você abra sua mente ainda mais. Quero que olhe para o dinheiro como *energia* que flui ao seu redor – principalmente

entre as pessoas. Hoje em dia, quando usamos dinheiro, ele não muda de mãos literalmente, apenas figurativamente. Você compra alguma coisa e paga por ela. A quem você paga? À pessoa de quem está comprando, claro. Mas não importa se você está vendo essa pessoa ou não. Não importa se está comprando pela internet ou presencialmente: o dinheiro é um meio de troca, uma correnteza, por assim dizer.

Se o dinheiro é energia e flui constantemente, então ele está fluindo à nossa volta neste momento – em nossa casa, nas nossas comunidades e nos nossos círculos sociais. Está em toda parte. Mesmo que você não consiga vê-lo, ele está presente. Este pode ser um conceito novo e difícil de captar, mas tenho certeza de que, ao compreendê-lo, você verá as coisas de modo diferente.

Na cidade, você pode sentir uma certa energia à sua volta. Por quê? Porque o dinheiro está fluindo rapidamente e em abundância. As pessoas estão abastecendo os carros nos postos de combustível, correndo ao supermercado para comprar comida, divertindo-se ao assistir a um jogo de futebol ou a um filme. Tudo exige dinheiro – e milhões de pessoas na cidade o usam em troca de produtos ou serviços. No campo, você não sente o mesmo nível de energia. Por quê? Existem vastidões de espaço entre as pessoas e os lugares onde podemos gastar dinheiro, e a energia fica difusa e reduzida. Se você sente algo “diferente” no campo, não é fruto de sua imaginação. Se você sente algo diferente perto de pessoas ricas ou fica se perguntando por que todos os ricos parecem se relacionar apenas com outros ricos, a resposta é: eles estão agindo no mesmo fluxo – na mesma velocidade, com a mesma massa.

Então como você consegue um pouco de Dinheiro Feliz? Ou o dinheiro de grande massa, com alta energia e grande velocidade que flui nesses círculos? E como você evita o Dinheiro Infeliz – o dinheiro com energia baixa, lentidão e pouca massa?

Vou mostrar. Pode parecer algo impossível neste momento, e talvez você se sinta um pouco perdido, mas continue comigo, pensando no dinheiro como fluxo – como energia, não como papel e moedas na mão –, e esse conceito pode ficar mais fácil de entender.

O que vou dizer pode chocar um pouco, mas tenho absoluta certeza de que não sou o único que pensa assim. Muitos especialistas e pessoas que estudaram o assunto antes de mim pensam o mesmo que vou lhe dizer agora. Por favor, leia com atenção:

Você é responsável pela carga de energia que infunde em seu dinheiro.

Você pode literalmente “carregar” seu dinheiro (a massa dele) e o fluxo dele (a velocidade) com a intensidade de sua energia. Se essa energia for positiva, você verá um aumento no dinheiro e no fluxo. É a lei do universo.

E como você energiza positivamente o seu dinheiro para criar Dinheiro Feliz? Com gratidão e apreciação.

É simples assim.

O FLUXO DO DINHEIRO FELIZ

Você pode aumentar o fluxo do Dinheiro Feliz simplesmente demonstrando gratidão e apreciação. Quando receber por um serviço bem-feito, aceite com apreciação sincera. Parecerá que o dinheiro está fluindo numa velocidade mais rápida. O mesmo acontece se as pessoas que trabalham com você – seu chefe, seus colegas ou seus empregados – também valorizam você. Quando seu trabalho é valorizado, você faz diferença. E fazer diferença é igual a quê? A energia! Qual é o sentimento da energia positiva? Dinheiro Feliz!

Quando seus clientes e consumidores o admiram pelo seu trabalho, ou mesmo quando você se relaciona com eles com profissionalismo, você está num fluxo de Dinheiro Feliz energizado positivamente.

Quando sente alegria com o que faz, tem orgulho em trabalhar com seus colegas e clientes e agradece generosamente por esse relacionamento profissional, está energizando positivamente seu fluxo de Dinheiro Feliz.

E, sim, você pode continuar energizando esse fluxo mesmo quando o dinheiro está saindo, não somente quando está entrando. Se você encontra o produto ou serviço perfeito – roupas, comida num restaurante ou um filme que você pagou para ver – e se sente uma pessoa de sorte, aumenta seu fluxo positivo de Dinheiro Feliz. Sempre que você sente alegria e empolgação por

um produto ou serviço e demonstra sua apreciação, está mandando Dinheiro Feliz para o mundo. Quando dá dinheiro aos amigos, apoia uma instituição de caridade que faz diferença ou investe numa start-up local que ajudará a comunidade ou o planeta, aumenta o fluxo de Dinheiro Feliz – não somente na sua vida, mas na vida dos outros.

SENTINDO E OBSERVANDO O FLUXO DO DINHEIRO

Se você olhar ao redor com atenção, verá o fluxo do dinheiro bem à sua frente (a não ser, como dissemos antes, que você viva numa parte remota do país).

Quando eu era pequeno, meu pai me levou a um centro comercial. Pediu que eu olhasse pela porta de várias lojas e contasse quantos clientes via em cada uma. Depois explicou seu ponto. Eu tinha visto muitos clientes em algumas lojas e presumido equivocadamente, só pela rapidez com que eles entravam e saíam, que aquelas lojas eram mais bem-sucedidas ou lucravam mais. Mas meu pai observou uma coisa: o que importa não é apenas a quantidade do fluxo. O preço dos produtos também é relevante.

Existem muitos tipos de lojas, com números variados de visitantes e mercadorias. A peixaria e a mercearia eram as mais movimentadas: havia um fluxo constante de fregueses. Mas logo percebi que os fregueses levavam produtos baratos. Depois olhei uma loja de colchões e notei que não havia muitos fregueses, mas bastaria uma venda e o vendedor de colchões poderia comprar comida para a família durante dias. E logo adiante havia uma imobiliária. Vender uma casa gerava lucros ainda maiores. Se um corretor vendesse apenas uma casa, poderia viver daquela venda durante meses. Naquele dia, aprendi minha lição: *movimento não significa necessariamente bons negócios*.

Foi uma lição esclarecedora para uma pessoa jovem e ficou profundamente gravada em mim. Hoje, quando você entra num shopping, as lojas são diferentes, mas as regras do dinheiro são as mesmas.

Só como exercício, vá ao shopping mais próximo, sente-se e sinta o fluxo do dinheiro ao redor. Veja quem está comprando e observe também quantas

peças entram e saem das lojas.

Se conseguir sentir a energia do fluxo do dinheiro, você começará a enxergar coisas que nunca viu antes.

DINHEIRO É FLUXO: QUANTO MAIS ENTRA, MAIS SAI

É fácil lembrar o fluxo de entrada e saída do dinheiro na sua vida. Talvez você se lembre de uma época em que tinha dinheiro no banco e se sentia seguro. Ou talvez houvesse ocasiões em que você tinha dinheiro, porém gastava mais do que ganhava, e, conseqüentemente, achava que estava descontrolado ou vivia com medo. Ou talvez houvesse ocasiões em que não tinha dinheiro algum e se sentia perdido ou desesperado.

É como dizem: “O que vem fácil vai fácil.”

E é verdade: o dinheiro vem e vai. Assim como precisamos comer para sobreviver, também precisamos liberar o que comemos na forma de dejetos ou energia. É necessário haver um fluxo – um equilíbrio, por assim dizer. É a lei natural.

Assim como não podemos controlar os caprichos da natureza, não podemos controlar intencionalmente o fluxo do dinheiro. Assim como a gravidade controla o vaivém das marés, nossa economia controla o vaivém do dinheiro. Entender que ele não pode fluir constantemente na nossa direção deve nos trazer algum alívio e apreciação. Quando ele fluir para você, procure demonstrar gratidão, desfrutando do sentimento. Depois, quando investir ou gastar, libere-o com gratidão e reconhecimento, sabendo que essa atitude pode trazer uma alegria igual: a lei natural se imporá e o dinheiro acabará fluindo de volta.

O FLUXO É NEUTRO

Um dos maiores enigmas com relação ao fluxo do dinheiro diz respeito a quem o recebe. Não é uma novidade que pessoas imorais, corruptas, desagradáveis e inescrupulosas enriquecem. Talvez esperássemos que, em vez disso, as pessoas boas, gentis e éticas ficassem ricas. No entanto, frequentemente não é assim, como sabemos por experiência própria.

E por que pessoas aparentemente ruins recebem tanto dinheiro?

TORNANDO-SE UM ÍMÃ PARA O DINHEIRO

Certa vez meu mentor me disse que, enquanto o dinheiro é energia, os seres humanos são como ímãs. Na natureza, o magnetismo é uma força incrivelmente útil para converter energia de uma fonte para outra. Os ímãs de dinheiro – pessoas que parecem estar no caminho do fluxo do dinheiro – não precisam ser moralmente corretas ou éticas para recebê-lo. Assim como a natureza não discrimina – uma pedra obedecendo à força da gravidade pode cair sobre um homem bom ou sobre um homem mau –, o dinheiro também não discrimina. Bom ou mau, o dinheiro não julga. Simplesmente vai para onde é atraído. Como os seres humanos, as empresas e os países são “ímãs” ou “forças” com o poder de atrair o fluxo em sua direção. Podemos gritar “Isso não é justo!” quanto quisermos quando uma pessoa, uma instituição ou um país corrupto têm mais dinheiro do que nós. Mas, como você sabe, a justiça também não existe na natureza. Quando eu disse “Isso não é justo” ao meu mentor, ele apenas sorriu e respondeu: “Dinheiro não é Deus. Dinheiro é apenas energia neutra. Existem dois tipos de energia magnética. Ambas têm a mesma força. O mesmo acontece com uma parceria. Bons e maus exercem atração semelhante.”

O dinheiro também é assim: é energia e pode ser atraído pelas pessoas magnéticas.

Quem são essas pessoas magnéticas?

Os ímãs de dinheiro (a expressão é popular para descrever pessoas muito ricas) têm um desejo gigantesco de enriquecer. Eles amam o dinheiro. Acreditam que o merecem. Pensam nele – e em modos de encontrá-lo, ganhá-lo e estar perto dele. Muitos tiveram uma infância difícil e encontraram consolo na ideia de que o dinheiro iria salvá-los e ajudá-los a corrigir todas as injustiças que sofreram. É quase como se desenvolvessem cavidades profundas no coração e esses “buracos negros” exercessem uma poderosa atração magnética. Por isso os trapaceiros e pessoas aparentemente más ou antiéticas podem ganhar e reter dinheiro. Porém, de

certa maneira, é como jogar cartas com o diabo. Com o dinheiro sempre existe o fluxo e o refluxo. Assim, quanto mais essas pessoas ganham, mais podem perder. O medo de perder dinheiro acaba atrapalhando o fluxo, mas quando isso acontece elas desejam mais e mais, e essa atração magnética acontece de novo. É um ciclo interminável.

Por outro lado, as pessoas que odeiam dinheiro parecem repeli-lo. Elas também tiveram uma infância difícil, mas aprenderam que o dinheiro era a fonte de todos os seus problemas e preocupações. Para elas, seria melhor que “não existisse essa coisa chamada dinheiro”. É exatamente o que acontece.

TORNANDO-SE UM ÍMÃ POSITIVO

Há um modo de pessoas boas se tornarem ímãs poderosos para o fluxo do dinheiro: emitindo energia positiva. As pessoas com atitudes positivas liberam essa energia e também têm a capacidade de atrair dinheiro. Amar o que você faz e emanar uma energia de gratidão e felicidade exercem uma atração incrível sobre o fluxo do dinheiro. Donos de restaurantes que amam cozinhar e servir os clientes atraem mais pessoas e, portanto, lucram mais. Um dono de lavanderia a seco que sente grande paixão por tirar manchas e devolver as roupas aos donos no prazo certo provavelmente atrairá e manterá muitos clientes. Advogados que amam ajudar as pessoas a buscar justiça, sem dúvida, terão uma fila de clientes à espera para contratá-los.

As pessoas com muito amor, energia positiva e compaixão são naturalmente atraentes e sedutoras. Não é por acaso que somos atraídos por elas. Se você tivesse como escolher entre uma dona de floricultura que ama flores e cria arranjos lindos e alguém que faz isso só porque é seu trabalho, a quem encomendaria um ramalhete?

Na verdade, não é “magia” que leva as pessoas boas, apaixonadas e entusiasmadas a atraírem mais clientes e, portanto, mais dinheiro. O resultado é que, com o tempo, elas poderão criar riqueza. Ainda que não seja necessariamente uma prioridade ou um objetivo, obter mais dinheiro pode ser um bônus para pessoas amorosas que gostam de servir.

QUANDO ENTRA MAIS DINHEIRO DO QUE SAI

De maneira geral, quando está entrando mais dinheiro do que saindo, nós nos sentimos de bem com a vida e, provavelmente, felizes com o que fazemos. Às vezes, o trabalho pode parecer sufocante, mas na maior parte do tempo é apenas diversão. De fato, esse é o momento em que deveríamos estar aproveitando a vida. Tudo que fizemos no passado flui de volta em nossa direção como recompensa pelo trabalho duro e pelo serviço que prestamos. É um sinal claro de que estamos fazendo o que deveríamos: servindo às pessoas e deixando-as felizes. Esse também é o tempo em que deveríamos pensar em investir em nosso futuro, por sabermos que é natural o dinheiro ir e vir. Alguns até podem comprar novos equipamentos de trabalho ou aprender coisas novas, descobrir outros passatempos e encontrar maneiras de continuar a retribuir.

Mas a maioria das pessoas não aproveita esse tempo para *desfrutar* da entrada do dinheiro ou *investir* em si mesmas e em seu futuro. Em vez disso, pensam que será sempre assim e aumentam o padrão de vida – e de novo se pegam com dificuldade para sobreviver, porque ainda estão vivendo acima de suas posses. E todo mundo sabe que, uma vez que nos habituemos a gastar mais, é difícil nos contermos. Muitos até percebem as expectativas da sociedade e da família de que continuem gastando mais do que ganham, mesmo que já não tenham a mesma condição. Espera-se que deem festas e presentes caros, porque é o que sempre fizeram. E isso se mostra desastroso quando o fluxo do dinheiro baixa outra vez: *Como assim, eu preciso pagar impostos? Quanto vai custar essa conta médica inesperada?*

QUANDO ENTRA MENOS DINHEIRO DO QUE O NECESSÁRIO

A maioria de nós já passou por isso. E podemos dizer, com certeza absoluta, que é um dos momentos mais aterrorizantes da vida. Conhecemos as sensações físicas que acompanham a angústia financeira aguda: o nó dolorido e persistente no estômago, a pressão que parece uma faixa apertando o peito e a aceleração do coração. Talvez uma venda importante

não tenha acontecido e deixamos de ganhar a comissão esperada. Talvez nosso carro tenha quebrado de repente e precisamos de uma pequena fortuna para consertar (mas não temos). Ou talvez, como muitas outras pessoas, estejamos afundados em empréstimos e dívidas de cartão de crédito.

A maioria de nós passa por isso, porém o que garante um resultado mais positivo é o *modo* como enfrentamos as dificuldades. Ninguém está livre de um desastre ou do sofrimento, e as situações estressantes podem ser nossas melhores professoras: elas informam o que precisamos e o que desejamos, mas acima de tudo nos obrigam a crescer. E, sim, crescer às vezes dói. Por isso falamos em *dores do crescimento*. Todos nós passamos por elas. Se você é solteiro e tem um estilo de vida modesto, provavelmente planejou uma vida de poucas preocupações com dinheiro. Bom para você! Continue assim! Mas, se está lendo isto, provavelmente já teve algum estresse por causa do dinheiro. E posso garantir que, se você é casado e tem filhos, sente pressão financeira, algo que parece estar *sempre presente*. É como um sentimento difuso que nunca vai embora. E parece aumentar de intensidade à medida que os filhos crescem. De repente, os brinquedos que eles querem ficam mais caros e sua demanda por itens dispendiosos aumenta: ingressos para shows, smartphones, computadores, fones de ouvido, carros, talvez até viagens para o exterior... A lista é interminável – e cara. E nem inclui o custo da faculdade. É como se você estivesse sempre à beira da ruína completa ou de um colapso – basta um cliente perdido e você pode ficar desempregado. Mais uma briga com o cônjuge por causa do dinheiro e o divórcio parece iminente.

Lembre-se de que essas situações são temporárias. A resposta não é necessariamente correr atrás de mais dinheiro: como sabemos, quanto mais as pessoas têm, mais tendem a gastar. Tente aproveitar esse tempo como um período de reflexão e crescimento. Perceba o que precisa fazer para aumentar o fluxo do dinheiro para sua vida. (Um começo é agradecer pelo que *tem*.) Depois, concentre-se em experiências que fazem você se sentir feliz, entusiasmado e positivo.

QUANDO MAIS DINHEIRO FLUI PARA DENTRO E PARA FORA

Se hoje você tem uma quantidade enorme de dinheiro entrando e saindo, está se sentindo bastante confiante: passou pelos tempos difíceis que acabamos de examinar e aprendeu algumas lições essenciais que pode usar. Provavelmente é hábil em administrar suas despesas e em investir o dinheiro de maneira proveitosa. Ainda que o crescimento tenha sido doloroso, agora parece menos difícil e menos sofrido. E, diferentemente da situação anterior, você tem opções. Pode decidir puxar o freio e reduzir seu crescimento ou pisar no acelerador, dependendo dos seus desejos e da sua disposição para correr riscos. Se escolher puxar o freio, a vida tende a se tornar mais calma e pacífica. Mas se está pronto para dobrar a aposta e levar sua vida e sua carreira para o próximo nível, esta é a hora. Apesar do risco, provavelmente haverá mais diversão do que problemas.

QUANDO HÁ POUCO FLUXO ENTRANDO OU SAINDO

Isso é o que chamo de “modo de descanso”. A maioria de nós já passou por momentos assim. De modo geral, eles refletem a falta de ação ou de iniciativa da nossa parte. Não estamos trabalhando ou partindo para novas atividades. Por quê? Alguns podem estar exauridos depois de anos de esforço. Poderíamos combater o estresse com mais atividades ou trabalho, mas há profundas forças psicológicas atuando. As pessoas que não se sentem “suficientemente boas”, “dignas” ou “merecedoras” tendem a se esconder da vida. A ansiedade e o medo tomam conta delas o tempo todo. Não gastam nem ganham dinheiro, e não veem problema nisso. Não precisam experimentar a dor da perda, a dor do crescimento nem o desconforto ocasional do fracasso ou do desapontamento.

Se esse cenário lhe parece familiar, você imagina que pode continuar assim pelo resto da vida? Ou às vezes fica entediado com esse estilo de vida?

Caso se sinta desinteressado e cansado o tempo todo, este pode ser um momento ótimo para começar alguma coisa – qualquer coisa – na vida. Quanto mais você fizer, mais seus rendimentos e suas despesas crescerão,

mas suas experiências humanas também vão aumentar. E, sim, algumas dessas experiências serão estressantes. Se o seu único motivo para não ganhar nem gastar dinheiro é evitar o estresse, aqui vai um conselho: é melhor se preparar. Um pouco de estresse faz parte da vida.

A RIQUEZA TEM DUAS PARTES: ESTOQUE E FLUXO

Você pode classificar a riqueza em duas categorias: estoque e fluxo. Seu estoque é sua coleção de poupanças, ações, títulos e propriedades. Ajuda a manter o que chamamos de nosso valor líquido ou valor financeiro. Alguns desses bens são tangíveis e outros apenas números num mundo digital, podendo transformar-se em outra coisa. Você pode comprar comida e outras mercadorias. Pode comprar ações, títulos e propriedades que geram dinheiro na forma de dividendos e aluguéis. Outros bens simplesmente mantêm seu valor, mas podem não gerar nada a não ser que sejam vendidos ou trocados – como obras de arte, carros antigos, joias e ouro.

Fluxo é a sua renda. Se você tem bens, pode receber rendimentos deles. Se não tem, precisa ganhar dinheiro trabalhando. A vida depende do tipo de fluxo que você cria. Se é um fluxo divertido e feliz, você pode sentir alegria e empolgação no cotidiano. Se tem bens suficientes, não precisa se preocupar com trabalho.

Quando você pensa em dinheiro é fácil misturar estoque e fluxo. A maioria das pessoas vê o dinheiro apenas como fluxo e, portanto, nunca presta muita atenção nos bens.

Os trabalhadores consideram seus empregos uma fonte de rendimentos. Muitos pensam em termos de orçamento (o que entra precisa ser superior ao que sai), mas não pensam em “fluxo” de maneira crítica – que, eventualmente, o que flui para dentro flui para fora. Sem nenhuma garantia, muitos trabalhadores habitam-se a um fluxo constante de rendimentos – pelo resto da vida. Eles pensam: *Eu tenho um emprego, por isso estou com a vida resolvida*. E são surpreendidos pela demissão ou quando sua fábrica é fechada. Se você entende a natureza turbulenta do fluxo, sabe que não há garantias. Ao perceber isso, você pode se preparar melhor para o futuro.

Mas a realidade é que a maioria de nós não percebe. E quando crescemos numa família que não nos ensina isso e diz “Estude, arranje um emprego e você estará com a vida resolvida”, levamos um choque quando o ramo de atividade em que trabalhamos sofre um colapso ou nossos serviços não são mais necessários.

Fé cega e fé verdadeira são duas coisas muito diferentes. A fé cega é um modo de dizer “Tudo vai dar certo” e ficar à espera de que algo mude. A fé verdadeira exige que acreditemos em nós mesmos e nas nossas capacidades, além de usarmos o que sabemos sobre o funcionamento do dinheiro para garantir o avanço numa direção mais positiva.

Se você é autônomo, sabe que existem altos e baixos no volume de trabalho. Às vezes chovem ofertas de trabalho, outras vezes você fica sentado aguardando um serviço. De modo que, naturalmente, seu rendimento também flutua.

Os autônomos experientes têm mais consciência da natureza pouco confiável do fluxo do que a maioria dos assalariados, por isso estão mais preparados para as mudanças da maré em sua área de atuação. Eles não têm uma expectativa ingênua nem uma crença cega em que seus rendimentos estão garantidos para sempre. A experiência lhes mostrou que nada é garantido. Apesar de serem menos ingênuos do que os trabalhadores assalariados, muitos vivem num estado de preocupação constante. E sabemos que isso também não é saudável.

BUSCANDO A CONDIÇÃO ÓTIMA: LAGO E FLUXO

O conceito de *lago e fluxo* é simplesmente o conceito de abundância. Quando estamos no estado de abundância, sentimos que temos reservas suficientes para nos manter em segurança e cobertos por longo tempo, enquanto houver uma entrada contínua de dinheiro. E essa sensação é fantástica!

Se você já esteve nessa situação, sabe que não precisa se preocupar com o fluxo do dinheiro no dia a dia. Assim como um imenso lago cuja água,

alimentada por um riacho, estará ali por muitos anos, você pode confiar em que o seu dinheiro também estará lá.

Espero que um dia você esteja nessa situação. A chave é manter estoque e fluxo suficientes para prover não somente as suas necessidades, mas também as de outras pessoas.

NÃO SE DEIXE ESTAGNAR: LAGUINHO E FLUXO PEQUENO

Se você tem estoque suficiente mas não tem muito fluxo, seu dinheiro vira um laguinho com pouco fluxo. Por isso você se agarra ao dinheiro que possui. Ele não entra em grande quantidade e não há muitas reservas saindo. Mas o que acontece com um laguinho que não é drenado? A água fica estagnada. Na literatura e na história existem muitos exemplos desse fenômeno. Só precisamos dar uma olhada no personagem Ebenezer Scrooge, de Charles Dickens. Um homem rico com fluxo suficiente e com bens se agarra ao dinheiro e toda a sua vida se deteriora: ele perde o grande amor. Seu único amigo (Jacob Marley) morre e ele trata muito mal o empregado. O único modo de limpar um laguinho sujo é drenar a água. Se é dinheiro que você acumula no seu laguinho metafórico, precisa começar a gastá-lo com outras pessoas ou com instituições de caridade com as quais se importa. Não existe filtro melhor para o nosso dinheiro.

A ALEGRIA DO DINHEIRO ESTÁ NO FLUXO

Quero que você imagine dois tipos de pessoa: uma tem um monte de dinheiro no banco, mas não quer gastá-lo nem participar de nenhuma atividade; a outra ganha e gasta um monte de dinheiro em eventos interessantes.

Você pode deduzir facilmente quem tem a vida mais divertida. É nas experiências que encontramos “diversão” e alegria na vida. E o fluxo é muito melhor com alegria. É um dos melhores sistemas de “filtragem” que existem.

O ESTOQUE É SÓLIDO, MAS TEDIOSO

Mesmo se você tiver a sorte de herdar propriedades ou a poupança dos seus avós ricos, se não estiver fazendo nada na vida cotidiana, simplesmente não poderá ser feliz. Nenhuma quantidade de dinheiro fará você feliz. A felicidade vem das experiências, o que implica estar com outras pessoas ou fazendo coisas que melhoram sua vida. A felicidade vem de trabalhar – e, sim, de ganhar dinheiro e participar do fluxo. A maioria das pessoas que herda muito dinheiro sabe disso. Sem atividade vem o tédio, e logo o desespero se instala. Ter dinheiro, sobretudo dinheiro em excesso, pode, à sua maneira, ser tão estressante e desgastante quanto a pobreza. Para um pobre pode não parecer assim. Muitas vezes ouvimos pessoas dizendo: “De que aquele sujeito rico reclama? Eu gostaria de ter os problemas dele!” Bom, não, você não gostaria. Viver eternamente entediado, sentindo-se inútil e sem objetivo nem direção é como cumprir prisão perpétua.

Sei que muitos sonham com essa situação. Frequentemente ela é idealizada. As pessoas acham que não querem a obrigação de trabalhar para ganhar dinheiro, mas só porque têm uma visão pouco realista do que é ser rico. A verdade é que, se você não tem um propósito ou algo para fazer todo dia, vai acabar deprimido.

Conheci muitas pessoas sem brilho nos olhos que dizem não sentir alegria nem prazer no cotidiano. Elas jogam golfe e vão a festas. Porém, depois de algum tempo, esse tipo de vida fica monótono. Não existe sensação de realização, de fazer parte de algo maior do que nós mesmos. De modo geral, as taxas de alcoolismo e dependência de drogas são mais altas entre as pessoas extremamente ricas. Ter um “lago” cheio de dinheiro não é garantia de felicidade.

A não ser que você encontre algo que lhe dê alegria e que espalhe alegria, jamais poderá conhecer verdadeiramente o Dinheiro Feliz.

É POSSÍVEL CRIAR ESTOQUE E FLUXO SAUDÁVEIS?

Tenho certeza de que nesta altura você já deduziu que existe uma segurança verdadeira em ter fluxo e estoque saudáveis. Se conquistar as duas coisas, com o tempo não ficará estressado. A quantidade do estoque e do

fluxo vai variar de acordo com seu estilo de vida, suas necessidades e prioridades. Então, como você define o que é realisticamente uma boa quantidade de dinheiro para você?

Se estabelecer um número muito alto, pode cair na armadilha de trabalhar continuamente e jamais encontrar satisfação.

Para sua paz de espírito, imagine quantos bens e qual renda são o ideal para você. Depois pense nas pessoas que você conhece ou admira que vivem de modo semelhante. Estude como elas chegaram a essa condição. Se você tem um relacionamento próximo com essa pessoa, peça orientação. Ela pode estar disposta e compartilhar ideias e conhecimento, uma vez que não chegou lá por acaso. Afinal, alcançou o sucesso financeiro com uma determinada mentalidade.

Se você trabalha numa empresa e acha que não está progredindo como gostaria, ou imagina que poderia estar fazendo mais, precisa sair de sua zona de conforto e buscar um emprego ou um cargo mais adequado aos seus talentos. Encontrar maneiras de contribuir mais. À medida que se aproxima do posto no qual você pode brilhar mais, seu poder de atrair pessoas aumentará, assim como sua renda.

Um dos melhores exercícios, e dos mais comuns, para descobrir sua situação financeira ideal é se imaginar daqui a cinco anos. Pare um momento e visualize o seguinte: onde você se vê, financeiramente? O que gostaria de estar fazendo? Como acha que pode contribuir para o mundo com seus talentos? Qual é o seu estilo de vida? Você está sorrindo? Está feliz?

Seja ousado. Uma vez orientei uma jovem dona de casa que se imaginava como dona de empresa. Em três anos ela estava gerando mais renda do que o marido.

Em seguida, imagine-se daqui a 10 anos. Pergunte-se:

Agora quem sou eu?

O que estou fazendo?

De que maneiras estou contribuindo?

Que bens possuo?

Qual é a minha renda?

Como estou ajudando as pessoas?

Se você der esses passos, chegará lá.

RÁPIDO E FÁCIL – QUANDO O DINHEIRO DESAPARECE RAPIDAMENTE

Já orientei muitas pessoas a respeito de dinheiro. No início sempre pergunto como ganham dinheiro. Algumas oferecem produtos ou serviços de baixo preço. Outras lidam com produtos de valor elevado, como joias. Posso dizer muita coisa sobre uma pessoa com base nos empreendimentos que ela escolhe tocar. Parece óbvio, mas aquelas que simplesmente querem contribuir do seu modo e desenvolver uma empresa passo a passo costumam escolher negócios modestos. Já as pessoas ambiciosas optam por empreendimentos mais caros e arriscados – de modo a obter o maior lucro possível com apenas uma venda. Elas adoram se vestir para impressionar e desfrutam das coisas finas da vida, como belos relógios e bolsas de grife. Costumam ter carros caros também. Mas, pela minha experiência, o modo como as pessoas ganham dinheiro – rápido e fácil ou lento e constante – é igual ao modo como o perdem.

Existem muitas histórias de magnatas, celebridades ou herdeiros que já foram bem-sucedidos, mas perderam tudo num tempo inacreditavelmente curto. Tenho amigos que venderam mais de 1 milhão de exemplares de seus livros e perderam toda a fortuna num investimento ruim. Tenho outro amigo que perdeu todo o dinheiro na construção de um novo escritório. A moral da história é: se você não for cuidadoso ou sensato, o dinheiro que ganha desaparecerá rapidamente. Como pessoas que ganham na loteria, se você não sentir que o dinheiro *é seu* – que ele é seu por direito e que você o ganhou com firmeza, honestidade, grande alegria e a serviço aos outros –, você tende a perdê-lo.

Aqui o velho ditado se aplica: “O dinheiro rápido também se afasta rapidamente de você.”

O DINHEIRO LENTO DEIXARÁ VOCÊ RICO

Diferentemente do dinheiro rápido, o dinheiro que chega devagar costuma ser bom para os negócios e para a vida. As pessoas que enriquecem de modo lento e deliberado costumam manter o dinheiro por muito tempo também.

Penso que um dos motivos que fazem algumas pessoas perderem dinheiro tão rapidamente quanto o ganham é este: elas não estão preparadas para ele. Não têm um vasto repertório de experiências e acabam tomando decisões apressadas. Em geral essas decisões são ruins – principalmente porque são tomadas, muitas vezes, a partir do medo. E, como regra, as decisões tomadas a partir do medo costumam ser ruins, baseadas no mito da escassez, não na abundância.

Curiosamente, um ramo que costuma produzir milionários é o das lavanderias a seco. Esse tipo de negócio não tem o glamour e o prestígio, digamos, das joalherias, mas o dinheiro que gera é tão bom quanto qualquer outro. Joalheiros precisam realizar várias visitas para efetuar uma venda, enquanto o negócio das lavanderias a seco é constante. Seus donos cobram muito pouco, mas fazem isso todos os dias. E se conseguirem fazer durante muito tempo podem ficar muito ricos. Muitas fortunas nascem de rendimentos que se repetem com constância.

Assim, se você quer ser rico, o primeiro passo é encontrar uma ocupação da qual goste e por meio da qual possa prosperar, crescer e contribuir. Médico, advogado, contador, dono de lavanderia, joalheiro, empresário, chefe de cozinha, vendedor de automóveis, escritor, artista plástico, cantor... independentemente do que escolher, é possível se tornar milionário ou bem-sucedido. O que conta não é *o que você faz*, é *como você faz*. Pode demorar, mas encontrar o lugar onde suas habilidades e seus talentos brilharão é o mais importante para garantir seu sucesso. Tudo bem se demorar 10 anos, mas uma vez que você descobre e faz bem, nada vai impedi-lo de alcançar o sucesso em pouco tempo. Os primeiros anos são lentos para todo mundo. No entanto, assim que você se estabelecer, começará a fazer Dinheiro Feliz.

VÁ PARA ONDE O DINHEIRO FLUI

O dinheiro flui para onde já existe energia. Em outras palavras, ele não irá para um lugar onde não há nada ou ninguém.

Muitas oportunidades estão disponíveis em cidades grandes, como Nova York, Londres, Paris, Xangai e Tóquio.

O dinheiro vai para lugares onde muitas pessoas se reúnem.

Por isso as cidades grandes costumam ficar cada vez maiores e atrair mais gente dos subúrbios e do campo. Hoje, mais da metade da população mundial mora em metrópoles. E espera-se que essa porcentagem aumente nas próximas décadas.

Assim, se você quer ganhar mais dinheiro, é melhor viver na cidade do que no campo. Certo, a internet mudou um pouco isso, mas o motivo para tantas pessoas do ramo de TI se concentrarem no Vale do Silício é a existência de muitas oportunidades. Lá é mais fácil encontrar os investidores, o pessoal de marketing, de RP e engenheiros.

Vá aonde estão as pessoas.

Pessoas = energia = dinheiro.

Quando o fluxo do dinheiro é grande e rápido demais, você tem dificuldade para desfrutar dele. Isso pode causar grandes perturbações. Imagine 10 vezes mais renda e 10 vezes mais despesas e problemas. Se isso acontecer depressa demais e você não estiver preparado, talvez se sinta assoberbado. Algumas pessoas nem sabem o que fazer nessa situação. Afinal, como saber qual é a quantidade de fluxo certa para você? Você saberá pela “sensação”. E isso dependerá do indivíduo. Algumas pessoas ficam bem com um fluxo de 3 mil dólares por mês; outras precisam de muito mais. Algumas têm tanto que nem conseguem saber, e se sentem esmagadas pelas responsabilidades.

Busque o fluxo que lhe dê o sentimento de paz!

Agora que você entende como o fluxo acontece, como ser um ímã para o dinheiro e qual o tamanho do fluxo de que você precisa para estar confortável e feliz na vida, é hora de encontrar o fluxo correto.

Onde ele está?

Você saberá quando entrar nele. Sei que isso parece tortuoso, porque é. Estar no fluxo é estar totalmente imerso no momento. Você não sente

estresse. O tempo parece voar. Você consegue usar suas habilidades e seus talentos sem esforço e pode ver como o seu trabalho contribui e faz diferença. Sabe que está no fluxo porque, estranhamente, isso não parece trabalho. Ganhar Dinheiro Feliz parece brincadeira.

Quando você se sente como se estivesse brincando, é porque entrou no fluxo correto. Se não for assim, precisa continuar procurando, buscando.

As pessoas saudáveis vivem num fluxo divertido de dinheiro. Isso ocorre porque, independentemente do que façam, costumam atrair e gastar dinheiro de um modo que as deixa muito felizes.

São pessoas que não têm reclamações sobre a vida.

Se você fica confortável no fluxo, pode compartilhá-lo com outras pessoas. Uma das coisas interessantes sobre o dinheiro é que, quanto mais você deixa fluir – isto é, quanto mais compartilha –, mais o fluxo cresce.

Imagine dois amigos. Um sempre lhe dá dicas, oportunidades, trabalhos e apresenta clientes a você. O outro não faz nada disso. Se pudesse oferecer um bom negócio a um desses dois, quem você escolheria?

ENCONTRANDO A SUA TRIBO

Para encontrar o fluxo certo, primeiro você precisa encontrar sua tribo, ou seja, o grupo de pessoas que desperta em você a sensação de pertencimento. Sua tribo aprecia o que você faz e quem você é. Sua tribo vai apoiá-lo, comprar seus produtos e serviços e manter você animado. E torcerá sempre pelo seu sucesso e seu crescimento. Não precisa necessariamente ser sua família. Na economia globalizada, ela pode estar em qualquer ponto do planeta.

Se você sabe qual é a sua tribo, a vida ficará mais fácil. Pode ser uma tribo artística, acadêmica ou empresarial. Assim que a encontrar, você se sentirá em casa, porque seus integrantes compartilham muitas coisas. Quando estiver com ela, sentirá segurança e pertencimento. Tudo acontece naturalmente.

ENCONTRANDO MAIS NO MENOS

Sentir constantemente que você merece “mais” é um modo perigoso de viver. É simplesmente impossível ganhar mais para sempre. Mas a pressão existe e todo mundo a sente, e todo mundo quer mais. Hoje em dia, um número imenso de crianças chega em casa reclamando de tédio e os pais se sentem compelidos a mantê-las entretidas. Os cônjuges sofrem pressão para ganhar mais dinheiro, sair mais e ter mais para oferecer aos outros. Sentimos culpa quando não podemos oferecer mais. Até certo ponto, todo mundo deseja mais, mais, mais. No entanto, não somos bons em colocar nossos sentimentos em palavras. Até nossos líderes e modelos de comportamento buscam mais. Porém, os tempos estão mudando e algumas pessoas estão ficando fartas desse estilo de vida.

Como mencionei antes, eu tinha 29 anos quando passei por um período de semiaposentadoria para criar minha filha. Costumo brincar dizendo que, na transição do mais para o menos, me peguei mais ocupado do que nunca. Ironicamente, me senti mais estressado com a vida numa época em que deveria estar pegando leve (ou o mais leve possível, para um pai que fica em casa cuidando de uma criança pequena).

Você pode ser muito ocupado e ainda ter paz de espírito. Por outro lado, pode não ter nada para fazer e pisar simultaneamente no acelerador e no freio mentais. Quanto tempo você acha que pode continuar assim antes de entrar em colapso? Na era em que vivemos, nossa mente tem mais probabilidade de girar a mil quilômetros por hora quando há menos coisas para fazer.

Fazer o que você gosta e desapegar-se de tudo o que não é importante não representa necessariamente uma contradição. Você só precisa parar e pensar no que deseja e seguir nessa direção. Imagine uma vida interagindo somente com pessoas de quem você gosta, num lugar que você adora, fazendo apenas o que ama. Você acha que seria menos feliz ou seria feliz com menos?

CRIAR SEU FLUXO SIGNIFICA COMPARTILHAR SEU FLUXO

Você não precisa possuir alguma coisa para começar a criar fluxo. Nem todos os milionários tinham algo quando começaram.

Por que eles se tornaram tão bem-sucedidos?

Porque continuaram trocando o que tinham por algo melhor. Primeiro começaram a compartilhar seu coração ou sua paixão. As pessoas adoram apoiar alguém apaixonado pelo que faz. Aonde quer que você vá, pessoas apaixonadas são apoiadas. Está na nossa natureza querer ajudar alguém que vemos que está trabalhando duro.

QUANTOS AMIGOS VOCÊ TEM?

Eu não me preocupo com dinheiro. Não é porque tenho muito; é porque tenho amigos ótimos. Um dia desses contei quantos amigos de confiança eu tenho: mais de 50. Assim, se perdesse tudo, poderia procurar um amigo e me hospedar com ele durante uma semana. Poderia pedir para ficar com minha família. Poderia servir de babá, fazer as tarefas de casa e ouvir seus problemas sem julgar. Sou um bom hóspede. Posso limpar os banheiros, lavar os pratos e trocar as lâmpadas. Depois, poderia ir para a casa de outro amigo, e depois de 50 semanas poderia voltar ao primeiro e perguntar como ele está. Mesmo se não tivesse dinheiro, poderia viver pelo resto da vida em paz e harmonia.

A maioria das pessoas diz que não tem 50 amigos ou que seria difícil tê-los num país como os Estados Unidos, onde se espera que você faça tudo sozinho. Espera-se até que os filhos saiam de casa assim que terminam o ensino médio. Isso pode ser uma realidade agora, mas a cultura vem mudando e pessoas de todo o mundo estão reconhecendo como é importante ter uma rede de contatos sólida. Assim, comece com pouco: cultive cinco ou 10 amigos. Imagine-se perguntando a cada um se você poderia se hospedar com ele durante um mês até se reerguer. O objetivo não é ver com quantos amigos você pode contar; é enfatizar que você precisa começar a confiar numa vida sem dinheiro – no mínimo, como um exercício mental. É pouco provável que você precise morar com seus amigos durante um ano, mas saber que não precisaria carregar esse fardo sozinho lhe trará uma paz enorme. Você tem medo de vir a perder ou não ter dinheiro. Tem medo de ficar sozinho. Tem medo de não poder comer ou

viver. No entanto, mesmo se não dispuser de dinheiro, se tiver certeza de que pode contar com amigos ou parentes que possam apoiá-lo de modo benevolente, não há o que temer. Você só sentirá alegria e apreciação, e isso será um estímulo positivo para suas ações cotidianas.

Neste exato momento, muitas pessoas estão presas no próprio medo. Não podem abandonar um trabalho do qual não gostam por causa do medo. Se perderem o trabalho e a renda, não poderão viver, ou pelo menos é o que dizem a si mesmas. Mas será que isso é mesmo verdadeiro?

A resposta é não. Sempre há um modo de viver e prosperar.

O primeiro passo é enxergar as coisas de uma perspectiva diferente.

A segurança não está em quanto dinheiro você tem. Está em quem você conhece e em quem confia.

SEMPRE DIGA ARIGATÔ AO DINHEIRO

Meu mentor Wahei Takeda me ensinou o segredo do dinheiro. O segredo para garantir mais, dizia ele, é agradecer ao dinheiro quando ele entra e agradecer de novo quando ele vai embora.

CONFIAR NO FLUXO É CONFIAR NA SUA VIDA!

A esta altura, você já sabe que confiar no fluxo do dinheiro é confiar no seu futuro. Você sabe que não é o dinheiro que o preocupa. Você se preocupa com o seu futuro: se manterá o dinheiro que tem ou continuará ganhando o suficiente para viver. E esse sentimento é sufocante.

Assim que você entende esse mecanismo psicológico, percebe que precisa lidar com suas questões de confiança. A não ser que as esclareça, não importa quanto você tem ou acumula, jamais conseguirá parar de se preocupar.

Se puder confiar na vida e no futuro, suas preocupações com o dinheiro desaparecerão. Você pode contar consigo mesmo e com sua rede de apoio.

Confie no fluxo.

Se percebe uma perturbação no fluxo regular, é uma ótima oportunidade para experimentar algo novo. Pode ser a hora de criar um fluxo diferente. Se

you se sente empacado, ligue para algum conhecido de confiança para pedir ajuda. Alguém aparecerá para apoiá-lo. Se você não pedir ajuda, as pessoas não saberão que você precisa. Certo, é difícil pedir ajuda, mas é o medo que o impede de obter a ajuda de que precisa. Você tem medo do que as pessoas vão pensar ou fica achando que irão julgá-lo. Insisto: é necessário substituir esse medo pela confiança. Você precisa acreditar que as pessoas são boas e querem ajudá-lo. Garanto que a maioria adora ajudar. Existem mais pessoas boas do que você imagina. Assim que você se sentir livre para pedir ajuda, descobrirá que este mundo está cheio de gente feliz e afetuosa.

Ao longo dos anos aprendi a pedir apoio. A princípio, você pode ficar sem graça ou meio desajeitado. Mas depois que fizer isso o processo ficará mais fácil e os resultados podem surpreender. Você nunca sabe o que esperar. De certa forma, é uma entrega completa. E quando você se entrega, milagres acontecem.

Todos nós já ouvimos histórias de pessoas pedindo ou rezando por ajuda e obtendo-a milagrosamente. Depois que você tiver esse tipo de experiência, seu mundo jamais será o mesmo.

COMO CRIAR O FLUXO DO DINHEIRO FELIZ?

Existem muitos modos de criar o fluxo do Dinheiro Feliz, caso ainda não tenha o seu.

Aqui vão meus 10 principais modos de criar o fluxo do Dinheiro Feliz:

1. Doe dinheiro

Doar dinheiro para instituições de caridade é um modo ótimo de sentir o fluxo do Dinheiro Feliz. Não precisa mandar uma fortuna: apenas um real pode fazer diferença e levar você a se sentir bem. Doar dinheiro para a caridade envia ao seu cérebro a mensagem de que você tem mais do que o suficiente, o que interfere na energia ao seu redor. Você tem abundância, por isso não precisa sentir medo. Encontre um grupo ou uma instituição relevante e alinhada a uma causa em que você acredita.

2. Dê dinheiro aos seus amigos

Você certamente já emprestou, deu ou investiu dinheiro a pedido de amigos. O dinheiro oferecido aos seus entes queridos é sempre Dinheiro Feliz. Todo mundo precisa de dinheiro em algum momento. Você pode ter recursos suficientes. Eu apoiei pessoas próximas que queriam ir atrás dos seus sonhos, e não existe sensação melhor do que perceber quando o seu dinheiro serve aos amigos e ajuda na vida deles.

3. Mande um presente para um amigo

Mandar presentes para os amigos é um modo divertido de gastar dinheiro. Na nossa casa há um armário para presentes. Quando fazemos compras, é principalmente para os amigos.

Um dia desses, minha mulher e eu fomos às compras. Sou eu que pago e carrego as sacolas. No caminho para o carro eu estava carregado de sacolas, mais de 10, inclusive algumas pequenas. Nenhuma era para nós. Não conseguimos encontrar nada para nós, mas encontramos muitos presentes para nossos amigos íntimos!

Você não precisa comprar presentes caros. Uma caixinha de chá de ervas cumpre bem esse papel. Comprar presentes para os outros os deixa felizes e deixa *você* feliz!

4. Dê um extra – sempre

Ao dar alguma coisa – qualquer coisa –, sempre ofereça um pouco a mais. Quando estamos na situação de pedir ajuda ou algo emprestado, geralmente pedimos menos do que realmente precisamos, porque sentimos vergonha. Assim, quando alguém lhe pedir alguma coisa, tente entender de onde vem a necessidade da pessoa e responda dando mais do que ela pediu. Se alguém pede uma caneta emprestada, dê um caderno também. Se você estiver contratando um empregado novo, ofereça um pouco mais do que o salário que ele pede. Se está negociando um serviço com um cliente, veja onde pode prestar um serviço extra de graça.

Dar a mais nessas situações transforma a energia relutante e ansiosa numa força positiva que faz as pessoas se sentirem valorizadas e amadas. É um investimento no seu próprio bem-estar emocional e no da sua comunidade.

5. Pague mais do que é pedido

Isso é surpreendente para muitos. Quando recebo uma conta, pago quanto antes. Às vezes pago um pouco mais para demonstrar minha apreciação. Isso surpreende muita gente. As pessoas dizem que nunca receberam mais dinheiro do que pediram em toda a vida profissional. Quando recebem menos, ficam chateadas. Mas quando recebem mais, ficam perplexas.

Acho divertido pagar mais simplesmente para ver as reações. Ninguém está acostumado a receber mais. Sinto que meu objetivo é mudar a mente das pessoas em relação a dar e receber. Isso me causa um prazer enorme.

6. Mande um presente ou um cartão para seus clientes ou seu chefe

É comum esquecermos como é milagroso continuar recebendo dinheiro dos clientes e dos chefes. Eles poderiam escolher outras pessoas para contratar, mas encontraram e escolheram você. Se você trabalha com limpeza, por exemplo, eles poderiam ter procurado outra pessoa. Mas foram até você. Mande seu agradecimento sincero com um cartão ou um presente. Sempre que vou a uma livraria, fico um pouco sufocado pela quantidade de prateleiras. Dentre tantos livros, como alguém pôde escolher o *meu*? Parece quase impossível encontrar o meu livro e comprá-lo em meio às centenas de milhares de obras disponíveis. Sou profundamente agradecido a todos os meus leitores.

Para demonstrar seu agradecimento, mande algo aos seus clientes. Se você trabalha numa empresa, talvez seu chefe seja a pessoa a quem deve agradecer.

O interessante é que, se você continua agradecendo, eles se lembrarão disso. Quando houver uma oportunidade, provavelmente irão dá-la a você

porque você será o primeiro a ser lembrado.

7. Alegre-se quando receber dinheiro

Quando recebemos dinheiro, a maioria de nós fica sem graça em demonstrar alegria. Fomos ensinados a reprimir os sentimentos e a nunca, em nenhuma circunstância, falar sobre dinheiro. Se você recebe um presente de aniversário, pode demonstrar alegria, mas por algum motivo não fazemos isso quando se trata de dinheiro. Assim, por favor, mostre seu sentimento de felicidade sempre que isso acontecer. Se você demonstrar que está gostando do dinheiro, as pessoas que o deram sentirão vontade de fazer isso de novo para agradar a você. É divertido ver um rosto feliz. É sempre ótimo sentir e expressar sua alegria quando você recebe dinheiro extra.

Um dia desses recebi um cupom de dois dólares numa mercearia. Falei:

– UAU, estou feliz!

A pessoa ao lado me deu o cupom dela porque gostou do meu sorriso. Queria me ver sorrir ao receber outro cupom de dois dólares. Dei-lhe meu melhor sorriso.

Você já fez alguma compra para deixar satisfeito o dono da loja que você conhece? Pode ser uma mercearia ou uma lanchonete. Sorrir quando lhe dão alguma coisa é um modo poderoso de manter o fluxo.

8. Reze pela felicidade dos outros quando gastar dinheiro

Aprendi isso com meu mentor. Sempre que gasto o meu dinheiro sussurro em minha cabeça: *Que esse dinheiro abençoe você e seus entes queridos*, porque o dinheiro que você gasta comprará comida ou fará alguma coisa boa por alguém. Sempre que você gasta dinheiro, abençoe a pessoa ou a empresa. Ao abençoá-la com seu dinheiro você está criando o fluxo do Dinheiro Feliz. Antes de dormir, lembre-se das pessoas a quem você deu dinheiro nesse dia e imagine todas as coisas ótimas que irão acontecer com elas. Se adotar sempre essa atitude, as pessoas notarão quem você é. Sem que você diga nada, elas conseguem sentir a energia calorosa e amorosa que emana de você.

9. Compre de quem você gosta

Hoje em dia compramos mais pela internet, mas é realmente divertido comprar de uma pessoa presencialmente. Por isso ainda existem shoppings e pequenos comércios. Se continuarmos a comprar tudo on-line, com o tempo não haverá mais lojas físicas, inclusive os pequenos estabelecimentos familiares que são uma parte tão essencial de nossa felicidade e do nosso modo de vida.

Acredito que o motivo para ainda existirem lojas em toda parte é que as pessoas querem ver o que compram, ser inspiradas e interagir com outros. *Queremos estar onde as pessoas estão, onde existe grande energia.*

Quando compramos algo de uma pessoa da qual gostamos, mesmo sabendo que podemos conseguir um preço melhor em outro lugar, estamos ajudando a manter o negócio de alguém de quem gostamos. Ajudamos outra pessoa feliz em seu fluxo. Assim, sempre que for fazer compras, vá a seu local preferido e compre de seu vendedor predileto. Você vai se sentir muito melhor.

Dá para fazer isso pela internet também. Se comprar alguma coisa de uma loja virtual de que gosta, você vai se sentir bem porque gastou Dinheiro Feliz.

10. Sinta-se agradecido por tudo!

A lição mais profunda sobre ganhar e manter a boa fortuna veio de Wahei Takeda, meu mentor. Certa vez, ele me contou a história de um homem que foi procurá-lo desesperado. O sujeito tinha dívidas enormes e precisava de dinheiro. Wahei disse que daria o dinheiro, mas somente se ele dissesse “*Arigatô*” (Obrigado) 100 mil vezes. Isso significava que ele precisaria dizer “*Arigatô*” a cada minuto do dia durante meses. O homem concordou. Quando foi pegar o dinheiro, não precisava mais. Por quê? Sua mentalidade de apreciação começou a colher as próprias recompensas. Ele pôde pagar as dívidas e não precisou mais do empréstimo. Quando dizemos “Obrigado”, liberamos uma energia poderosa no mundo. Ficamos instantaneamente presentes. Percebemos que tudo que temos basta. *Nós* bastamos. Temos tudo

de que precisamos. Saber disso e sentir isso é a força mais poderosa do universo. Você pode alcançar literalmente qualquer coisa quando se fortalece na apreciação e na gratidão.

Quer ser rico? Feliz? Bem-sucedido? *Diga “Obrigado”*. É simples assim.

CAPÍTULO 5

O futuro do dinheiro

Neste capítulo quero discutir o futuro do seu dinheiro e o papel do dinheiro no mundo no futuro.

O mundo muda e nossa vida também. As mudanças que estão no horizonte são incríveis. Sem dúvida, desafiarão os limites da nossa imaginação, mas ao mesmo tempo têm potencial para causar muito caos emocional.

Mas precisamos ser realistas. O futuro guarda alguns desafios verdadeiros. Dentro de 30 anos provavelmente haverá 10 bilhões de pessoas no planeta e projeta-se um aumento de 70% na demanda por comida. O oceano está cheio de lixo plástico. A mudança climática vem afetando o nível do mar e a agricultura. Temos uma grande população de idosos dos quais precisamos cuidar, várias crises de saúde para resolver e demanda crescente de energia. Enquanto isso, as disputas de classe e as tensões políticas se multiplicam.

Apesar desses desafios, quero que você pense, só por um instante, no mundo que herdamos e nas melhorias que fizemos nos últimos dois séculos. Muitas pessoas alcançam ou ultrapassam os 80 anos de idade. Infecções que antes ameaçavam a vida foram erradicadas ou contidas. Na maior parte do mundo desenvolvido a água não está mais contaminada pelo vibrião da

cólera e por parasitas. A maioria dos países vive em paz. No momento, não estamos no meio de uma guerra mundial. E, ainda que exista uma chance real de surgirem guerras em algumas partes do mundo, a maioria dos países usa a diplomacia para resolver suas diferenças. Avanços na engenharia e na arquitetura nos permitiram ter casas e empresas com controle de temperatura. Além disso, estamos usando a energia com mais sabedoria e contando cada vez menos com os combustíveis fósseis. Com todos os avanços na tecnologia, ganhamos mais tempo para gastar com diversão e interagir com pessoas distantes de nossa localização física. Informações que demandariam tempo e energia consideráveis para acumularmos no passado estão literalmente na ponta dos dedos em segundos. Além disso, temos meios aparentemente intermináveis de buscar a beleza, a verdade, o sentido das coisas e a felicidade.

Talvez vivamos numa época de revoluções em excesso. Talvez existam novidades e descobertas surpreendentes em demasia para processarmos de uma vez. Talvez com toda essa mudança estejamos diante de uma crise diferente, porém não menos profunda: uma crise existencial. Sabemos muito sobre nosso mundo e sobre como ele funciona – talvez mais do que em qualquer outra época da história humana –, mas ainda existem lacunas em nossa compreensão. Por causa dessas lacunas, podemos sentir que somos apenas um acidente da física, ou que nossa vida individual habita uma escala de tempo insignificante, ou que simplesmente não temos importância. Definida como apenas um acaso, a vida pode nos deixar sem rumo, sem objetivo e desprovidos de esperança. No pior cenário, a vida pode ser reduzida a nada mais do que envelhecimento, perda, sofrimento e morte, pontuada por breves prazeres momentâneos. Dentro dos limites dessa definição, podemos sentir confusão e inveja: *Por que algumas pessoas têm tanto e outras têm tão pouco? Por que algumas sofrem interminavelmente e outras parecem sempre desfrutar de riqueza, oportunidades, diversão e alegria?*

Apesar de todos os avanços e melhorias em nosso mundo, é fácil estagnar, sentir desespero e ser dominado pela ansiedade. Como podemos modificar essas sensações? Como podemos alterar a tendência de dizer “De que

adianta?”? Como podemos transformar a voz interna que diz “Você já cometeu um erro. Não perca tempo tentando de novo. Desista”?

Essa é a mentalidade prejudicial, baseada na escassez, contra a qual alertei você. O problema é que ela nos encoraja a trocar aquilo que poderíamos nos tornar no futuro pelo lugar onde estamos empacados agora. Mas podemos transformar esse estado se decidirmos mirar algo e se nos comprometermos com isso. Podemos transformar nossa existência se decidirmos focalizar na gratidão e se começarmos a agir movidos por uma confiança sincera na vida e no futuro.

Não importa se você nasceu numa situação difícil ou acabou se colocando lá. Você é parte de uma história que está se desdobrando, e a boa notícia é que você é o autor dessa história e pode determinar seu ponto de vista. Sua história pode ser a busca da felicidade e uma jornada de aventura, se você quiser.

UMA REVOLUÇÃO DA CONSCIÊNCIA

Há 30 anos, quem poderia imaginar o que a internet se tornaria? Nunca houve revolução equivalente desde a invenção da imprensa. As pessoas estão começando a acreditar que as salas de aula das universidades ficarão obsoletas em breve porque as aulas e os audiolivros dos melhores professores e cientistas do mundo podem ser compartilhados com todos.

A inteligência artificial (IA) começa a ter um grande impacto no mundo. Vamos tirar um minuto para entendê-la melhor.

A IA, também chamada de inteligência de máquina, consiste basicamente em um conjunto de cálculos que observa o mundo e aprende a maximizar o sucesso em alcançar objetivos. Por exemplo, se um robô bípede for programado por IA para andar sobre uma trave de equilíbrio, essa inteligência usará dados de fracassos anteriores, além de detalhes sobre o ambiente atual, para fazer ajustes de tal modo que o robô atravessará a trave com sucesso. A máquina tem a capacidade de aprender e se adaptar.

Tudo pode ser melhorado significativamente graças a isso. A inteligência artificial é capaz de informar aos agricultores quais são os tipos de plantas

melhores. Está aprendendo a identificar os primeiros sintomas de doenças desconhecidas e criando novas maneiras de combater desperdícios e melhorar as cadeias de suprimento nas empresas.

Há muita coisa a ser dita sobre a inteligência artificial, e não sou especialista nesse campo. Mas é importante entender o que é possível, pois não queremos que nossas ações futuras se baseiem no medo do desconhecido. O Institute for the Future (Instituto do Futuro) estima que 85% dos empregos que estarão disponíveis em 2030 ainda não existam. Mas a IA não tornará todos os trabalhos obsoletos; na verdade, criará novas necessidades.

Além da IA, surgem ramos de atividade que exploram energia renovável e materiais não tóxicos. Há novas estratégias para remover o plástico do oceano numa escala gigantesca. Estamos à beira de conseguir captar e armazenar energia solar e eólica suficientes para alimentar nossas casas e nossos carros. Até mesmo a fusão nuclear promete um futuro de energia abundante e limpa.

É importante ter isso em mente, porque muitos têm uma visão apocalíptica do futuro. E esse medo certamente afetará sua mentalidade de forma negativa.

Neste capítulo quero que você abra a imaginação para o que é possível – o que pode ser possível. Como podemos mudar a nós mesmos, mudar nossa mentalidade e nossos objetivos de modo a alcançarmos um futuro de prosperidade e felicidade máximas? A inteligência artificial chegou e já está alterando o modo como vivemos, e acredito que ela tem também o poder de mudar nossa consciência. Se começamos a empurrar os limites do que é possível no âmbito físico, podemos empurrar os limites no âmbito energético também. Com isso, daremos novo impulso à nossa forma de pensar na qualidade energética do dinheiro e no papel que ele representará.

DINHEIRO FUTURO

Nossa vida é resultado de todos os erros e acertos da história humana. Desde que percebeu que podia transformar um galho de árvore em

ferramenta, nossa espécie vem esculpindo esse galho metafórico para fazer uma lança, e hoje temos uma lança de ponta muito, muito fina.

Mas como podemos usá-la para o bem definitivo?

Bom, primeiro é preciso apontar para alguma coisa. Isso determina como o mundo se desdobrará à nossa frente. Há muita libertação nessa verdade. Pense bem: se você decidir olhar uma coisa, sua realidade se tornará aquilo que você olha. Portanto, aponte para a melhor coisa em que puder pensar!

Um futuro feliz para o dinheiro será aquele no qual a quantidade de privilégios gratuitos ou muito baratos aumentará imensamente. Itens que consideramos essenciais para o bem-estar se tornarão abundantes e acessíveis, quando não gratuitos. Educação, comunicação, energia, comida de qualidade e todo tipo de oportunidades não se basearão em primeiro lugar no acúmulo de dinheiro. Isso já vem ocorrendo na economia do compartilhamento. As pessoas têm aprendido a usar melhor as coisas e a compartilhar os ganhos.

O dinheiro nem sempre esteve ligado inextricavelmente à nossa sobrevivência, e não creio que fique ligado para sempre. Não há dúvida de que ele é útil e sempre precisaremos de um meio de trocar energia entre nós. Mas, aos poucos, o dinheiro deixará de parecer uma energia que controla nosso destino.

Acho que o dinheiro pode se tornar um elemento mais semelhante ao sal. Existe um livro fantástico chamado *Turning Oil into Salt: Energy Independence Through Fuel Choice* (Transformando petróleo em sal: independência de energia através da escolha de combustível), de Gal Luft e Anne Korin, que aborda a criação de fontes alternativas de energia. O livro usa a história do sal porque, durante muito tempo, foi o único modo de preservar a comida, a fim de permitir a sobrevivência no inverno. Era um recurso importantíssimo. As sociedades sabiam exatamente de onde vinha o seu sal, quanto tinham de reserva e seu valor comparado a outros bens. Em outras palavras, o sal era a moeda. Quando surgiram os enlatados, a refrigeração e outros métodos de preservação de alimentos, o sal perdeu importância. Ainda é necessário, mas nossa sobrevivência durante o inverno não depende mais dele. E agora o sal é abundante e barato.

Hoje em dia o petróleo é o que o sal representava antigamente. Tem muito valor nos nossos dias porque não há outro meio de abastecer nossos carros, aviões e navios. O controle do petróleo é motivo de atrito entre nações, assim como o dinheiro é motivo de atrito entre pessoas. Mas aos poucos estamos encontrando alternativas para o motor a gasolina. Um dia o petróleo seguirá o caminho do sal. Ainda iremos usá-lo para algumas coisas, mas ele será abundante e barato. Acho que, com o tempo, o dinheiro terá o mesmo destino que o petróleo.

O argumento não é que viveremos em um mundo livre do dinheiro; viveremos em *um mundo livre do medo de que falte dinheiro*. Essa é a diferença fundamental. Chegamos a um ponto de nossa consciência coletiva em que não estamos mais associando o dinheiro à liberdade. Não precisamos mais de dinheiro para nos sentirmos felizes, seguros e livres. Sabemos disso porque sabemos que a felicidade, a segurança e a autonomia pessoais são um trabalho interior. E só exigem que estejamos presentes, engajados no momento e que usemos nosso tempo e nossos talentos para fazer o que amamos.

DINHEIRO NO FUTURO: DUAS PERSPECTIVAS

O seu estágio de conscientização e desenvolvimento afetará sua perspectiva relativa ao futuro do dinheiro: pode ser uma perspectiva muito pessimista ou muito otimista.

A mentalidade otimista e abundante enxerga todos os empregos no futuro: pesquisa, engenharia, arte e design, entretenimento, alimentação e nutrição, serviços de saúde, tecnologia espacial, administração de rejeitos, energias renováveis e tudo que tenha a ver com IA. Não somente todos esses empregos continuarão a ser necessários, mas seus campos se expandirão com novos saltos tecnológicos. Mesmo que mais trabalhos sejam realizados por máquinas autônomas, muitas coisas ainda exigirão o toque humano, e as pessoas continuarão a valorizar a criação e a habilidade humanas. A educação se tornará cada vez mais acessível: qualquer pessoa poderá obter

recursos de alto nível na internet para se educar. É uma questão de organizar novos sistemas.

E ainda que funções como motoristas, operários de fábricas, trabalhadores do campo, contadores e outras acabem reduzidas a algoritmos, sensores e robôs, na visão otimista do futuro, nossa reação a essas mudanças será de empolgação, gratidão, amor e um senso de aventura.

Por outro lado, a mentalidade pessimista e da escassez enxerga um futuro de luta de classes em que os ricos sentirão a necessidade de acumular o dinheiro e só investirão em coisas que atendam aos seus interesses estreitos, enquanto as classes média e trabalhadora sentirão ressentimento. E esse mal se tornará uma barreira à criatividade, à produtividade, à mobilidade social e à felicidade.

Essa mentalidade diz: “Estamos condenados.” Culpa a inteligência artificial e a tecnologia por todos os problemas do mundo. Baseia-se totalmente no medo e argumenta que a IA tornará obsoleta uma porcentagem enorme dos empregos que temos hoje em dia. Essa mentalidade acredita que um mundo centrado na IA resultará numa sociedade fria e inamistosa, em que os interesses corporativos de ganhar muito suplantam os direitos básicos e as necessidades do indivíduo. Você não precisa imaginar esse tipo de mentalidade futura. Um número muito grande de pessoas já acredita nesse mito de divisão e injustiça. Muitas já se sentem menosprezadas e esquecidas. O medo domina as manchetes dos noticiários e a maior parte da retórica política ao redor do globo, apenas aprofundando a divisão entre ricos e pobres. Os ricos sentem constantemente que seu dinheiro está sendo tirado para ajudar os outros e os pobres sentem que os ricos se aproveitam deles. Ninguém está feliz e todo mundo sente medo.

Mas não precisa ser assim.

VOCÊ PODE ESCOLHER O SEU FUTURO

O mais provável é que cheguemos a algum ponto intermediário entre as perspectivas otimistas e pessimistas do futuro. Existe uma tensão constante

entre essas duas mentalidades, mas, assim como observamos os resultados negativos e positivos na civilização, podemos ver claramente que nosso bem-estar vem melhorando no todo, e até mesmo exponencialmente, à medida que o tempo passa. E todas as coisas que aconteceram resultaram das decisões tomadas por pessoas como você.

Temos a capacidade de escolher como entraremos no futuro.

Em termos do seu dinheiro, você tem o poder de escolher como se relaciona com ele. Você pode ter muito ou pouco. Pode ter um fluxo feliz ou infeliz. Pode tornar as pessoas ao redor felizes com seu dinheiro ou pode usá-lo para deixá-las infelizes. Pode escolher correr riscos, ter como objetivo as coisas que prefere, ou pode optar por tentar evitar os riscos, ficar em segurança, agarrar-se ao que tem e ao que sabe. Qualquer que seja a perspectiva escolhida, ela voltará para você.

Assim, está por sua conta. Suas escolhas afetarão não apenas o seu futuro, mas o futuro da sua família e das pessoas ao redor. Se você está feliz com o dinheiro e a vida, pode expandir as condições de felicidade para aqueles à sua volta. Essa expansão precisa começar nos limites do seu ser, isto é, construindo uma boa relação com o seu dinheiro e criando o fluxo de Dinheiro Feliz nas áreas pelas quais você é responsável.

Se fizer isso, o efeito de onda do Dinheiro Feliz tocará muitas pessoas ao redor. Quando elas virem como é divertido viver no fluxo do Dinheiro Feliz, também tentarão criar sua melhor versão do Dinheiro Feliz.

Agora mesmo você pode provocar a onda que se espalhará para a vida de todo mundo. É fácil começar.

Basta dizer obrigado quando o dinheiro entrar e dizer obrigado de novo quando o dinheiro sair.

Você vai se sentir diferente na vida cotidiana assim que iniciar esse fluxo. Quando outras pessoas fizerem o mesmo com você, você se sentirá conectado com elas.

O QUE É IMPORTANTE PARA VOCÊ?

Ao ouvir essa pergunta, a maioria de nós dirá: “família” e “amigos”. São boas respostas. Mas deixe-me perguntar de novo, desta vez de um modo um pouco diferente. O que alguém diria que você acha importante, baseado em como você age no dia a dia? Falamos sobre valores elevados, mas nossos valores reais aparecem no modo como agimos todos os dias. O importante é onde e como você gasta seu tempo e sua energia.

Então pergunto de novo: o que é importante para você?

Talvez seja hora de reconsiderar o que realmente importa. Esse é um primeiro grande passo para se juntar ao fluxo do Dinheiro Feliz. As pessoas que têm clareza de seus valores sabem por que agradecem, e isso, por sua vez, serve como força orientadora para tudo que a vida pode lançar na sua direção.

Você pode ter ouvido conselhos do tipo: “Sempre trabalhe duro com um sorriso, mesmo que seja por um salário baixo e mesmo que não goste do que faz, porque você nunca sabe quem está olhando.” As pessoas são reconhecidas por seu talento e sua paixão. Acho que ficam cansados de ouvir esse tipo de mensagem porque poucos têm essa sorte, mesmo quando trabalham demais. E vou lhe contar um segredinho: *Não é o acaso que coloca você mais perto das coisas que você quer.*

Pelo contrário, é a gratidão intencional.

As pessoas que expressam com frequência e consistência gratidão pelo que possuem acabam assumindo a responsabilidade pela própria felicidade. Elas têm um coração que sempre diz obrigado. E assim, quando chega a hora de agir, são responsáveis – ou, como gosto de pensar, são responsivas. Podem se orientar em tempos de sofrimento e também desfrutar dos tempos bons. Podem ser honestas consigo mesmas e com os outros porque não estão se escondendo de nada. Fazem seu trabalho com sinceridade porque são sinceras. Uma pessoa assim está destinada a criar oportunidades na vida. É apenas uma questão de tempo e de como. A responsabilidade – a *responsividade* – de agradecer pelo que temos e agarrar as oportunidades quando elas surgem é toda nossa. Quando você permanece imerso na autopiedade ou acredita que não tem responsabilidade pelo próprio sucesso

está destinado a ser infeliz. Sem gratidão, a felicidade é praticamente impossível.

O estado emocional do futuro depende da disposição de herdar a fortuna que está pronta para nós e de assumir a responsabilidade diante dos desafios. Se fizermos isso, nosso mundo ficará cheio de energia positiva, assim como nosso dinheiro.

O DINHEIRO FELIZ MUDARÁ SUA FAMÍLIA

Uma coisa é estar em paz com o dinheiro, o que em si nem sempre é fácil. Mas expressar gratidão e estar no momento presente criam as condições para o Dinheiro Feliz.

Mesmo assim, a vida não é vivida a sós. Você tem uma família ou um companheiro, e eles também têm emoções relativas ao dinheiro. Estão jogando seu próprio jogo. E como a maioria de nós sabe, nossas diferentes ideias sobre isso podem colidir, e colidem. Em geral, com consequências perturbadoras.

O que aprendi ao longo dos anos orientando famílias sobre o dinheiro é que a honestidade é a prioridade absoluta para criar um sistema de Dinheiro Feliz dentro de casa.

Em geral, os pais escondem sua situação financeira dos filhos. Simplesmente dizem: “Quando você estiver mais velho vai entender como a vida é difícil.” O problema é que isso prolonga a imaturidade dos filhos. Se você os trata como ingênuos, eles continuarão a ser ingênuos e sempre perguntarão por que não podem fazer isso ou não ter aquilo. Tudo será “injusto” para eles. Mas se você tratar seus filhos como adultos, eles reagirão a isso. Se falar mais sobre dinheiro com eles – o que você precisa fazer para ganhá-lo, que tipo de contas precisa pagar, como está planejando gastar ou poupar –, aos poucos eles começarão a agir como pequenos adultos responsáveis pela situação da família. As famílias mais felizes que já vi são muito transparentes com os filhos sobre dinheiro e outros temas também.

O mesmo acontece com os casais. Ainda que ambos sejam adultos, às vezes um parceiro trata o outro como uma criança que não precisa saber

nem tem a capacidade de entender a situação financeira. Ou talvez não sejam transparentes por medo de provocar uma briga. Talvez estejam tentando encobrir os próprios erros. Por isso a honestidade é tão importante num relacionamento.

O FLUXO DO DINHEIRO FELIZ ATRAVÉS DAS GERAÇÕES

Estamos tão acostumados com os mitos da escassez e com a mentalidade de que o vencedor fica com tudo, que quando experimentamos um verdadeiro ato de generosidade ele pode nos afetar de verdade. É notável que isso tenha o poder de mudar uma vida. A palavra *arigatô* em japonês significa literalmente “difícil de ser”. Quando dizemos “*Arigatô*” a alguém, estamos elogiando a pessoa por um gesto tão difícil e especial.

Certa vez ouvi a história de um homem cujo avô era um empresário muito bem-sucedido. Ele era generoso, e as pessoas o respeitavam e amavam. Mas o neto era mimado e não tinha tino para os negócios. Faliu e perdeu todo o dinheiro e as propriedades que o avô tinha acumulado.

O neto e sua família foram obrigados a se mudar para um apartamento pequeno. Um dia, ele recebeu a visita de um estranho que parecia muito velho. O estranho lhe contou que ficou órfão na infância, mas, graças à generosidade do avô dele, tinha conseguido um emprego. Também se lembrou de ter ganhado um *sukiyaki*, um jantar tradicional japonês servido numa panela quente, na casa do avô.

– Seu avô sempre foi muito gentil comigo. Ele me ensinou tudo sobre os negócios e a vida. Portanto devo a ele todo o meu sucesso.

O neto ficou pasmo e perguntou:

– E por que o senhor veio me procurar?

O estranho explicou:

– Ouvi falar da sua situação financeira. Gostaria de lhe dar isto como sinal da minha apreciação por toda a gentileza que seu avô dedicou a mim.

Em seguida, o estranho entregou um pacote grande, que incluía um jogo de *sukiyaki* para a família dele. Quando desembalaram a panela grande para fazer o jantar, havia um envelope no fundo da caixa com um cheque de valor

suficiente para comprar uma casa. Junto vinha um bilhete: “Por favor, use este dinheiro para restaurar a vida da sua família.”

O neto, que antes era ingrato e mimado, ficou tão comovido e influenciado por esse gesto – que agora podemos chamar de Dinheiro Feliz – que também se transformou. Gastou sabiamente o dinheiro do estranho e teve muito sucesso nos negócios. Mesmo 50 anos depois do fato, a energia do Dinheiro Feliz tinha o poder de mudar vidas de maneira positiva.

ENCONTRE A ABUNDÂNCIA EM SI MESMO E A SEGURANÇA NAS PESSOAS, NÃO NO DINHEIRO

Costumamos pensar que, se tivermos um monte de dinheiro, nossa vida ficará segura. Por isso todo mundo – tanto os ricos quanto os pobres – quer mais dinheiro. Todo mundo quer ficar seguro, saber que tudo está sendo cuidado. E é exatamente por isso que também sentimos tanto medo quando se trata de dinheiro.

Se o dinheiro nem sempre traz segurança, o que traz?

Os relacionamentos. Não existe nada mais seguro do que o elo profundo de um relacionamento duradouro. Se todos pudessem confiar na ajuda de outros nos momentos difíceis, não haveria necessidade de relacionar o “medo” com o dinheiro. Se você está buscando segurança, procure seus amigos e sua família. E, sim, isso também significa que, em vez de se preocupar interminavelmente em poupar e investir, você deve investir seu tempo em relacionamentos. Não somente se sentirá melhor como poderá ficar tranquilo sabendo que terá apoio quando chegar a hora.

PLANEJE A SUA SAÍDA DO “JOGO DO DINHEIRO”

Todos nós estamos presos ao dinheiro em algum nível. Podemos começar a nos libertar se enxergarmos de que modo interagimos com o dinheiro como um jogo. O jogo é muito diferente para os ricos e para os que têm dificuldades financeiras. Mas, independentemente de qual você estiver jogando, uma coisa eles têm em comum: sempre se joga contra outras pessoas.

Como sabemos se estamos jogando bem? Bom, olhamos os competidores ao redor. Verificamos como os outros estão se saindo em comparação conosco. Avaliamos a situação como se fosse um jogo no qual estivéssemos marcando pontos ou os outros estivessem marcando pontos contra nós, e usamos esse critério para julgar se estamos nos saindo bem.

Algumas vezes sentimos que estamos vencendo o jogo? Talvez sim. Mas justo quando você acha que está ganhando, olha para a vida de alguém e começa a pensar: *Preciso ter uma vida como a dessa pessoa!* Mandamos para o cérebro uma mensagem que diz: *Não sou o suficiente para mim.*

Por isso, não importa quanto ganhemos ou poupemos, ainda sentimos que estamos perdendo o jogo. A maioria de nós sofre, mesmo estando bem de vida.

O efeito psicológico desse jogo faz com que todos os jogadores se considerem perdedores. Pessoas super-ricas se sentem mal porque a grande casa de veraneio e o jato particular não substituem os relacionamentos sólidos e o verdadeiro sentido da vida. A classe média se sente mal porque está se esfalfando para provar seu valor aos outros. As pessoas de baixa renda ficam abatidas e desistem de realizar seus sonhos.

Como podemos sair desse círculo vicioso? Sugiro que você esqueça os “oponentes” e comece a jogar consigo mesmo. *Em vez de se comparar com os outros, compare quem você é hoje com quem você era ontem.* Afinal, a única pessoa que está realmente julgando você é você mesmo. Pode parecer que outros o julgam, e talvez até o julguem, mas descobri que isso não é tão frequente quanto pensamos. Talvez você fique surpreso ao saber quantos sentem inveja de alguma coisa relacionada a você.

Tenho várias oportunidades de conhecer pessoas muito ricas, e uma pergunta que sempre gosto de fazer a elas é: “Quando você percebeu que era rico?” Eu esperava que respondessem: “Quando ganhei meu primeiro milhão de dólares [ou 5 milhões, 10 milhões ou mesmo 100 milhões].” Mas a resposta é sempre a mesma: “Não acho que sou rico. Meu amigo tem um jato particular, mas eu não posso ter.” Mesmo que a pessoa “rica” possua uma grande empresa, mais casas do que parentes para morar nelas e mais dinheiro do que precisaria para sobreviver durante várias vidas, ainda não se

sente rica. Como não é possível alcançar quem tem mais do que você, faz sentido encontrar outro modo de determinar quando finalmente você tem o suficiente ou quando pode se chamar de rico. E o melhor modo é jogar o jogo do dinheiro consigo mesmo.

Atualmente o jogo do dinheiro é projetado para levar você a se comparar com os outros e, portanto, querer mais e mais, mesmo não precisando. Como esse é um fenômeno global, se você tenta sair do jogo, sofre pressão para retornar a ele, para viver como todo mundo. Assim que sair do jogo, você vai se sentir muito diferente. Pode trabalhar no mesmo lugar e ganhar a mesma quantidade de dinheiro, mas estará mais feliz porque não precisa mais atender às expectativas dos outros. Você definirá um novo conjunto de regras para o jogo. Ele não terá mais a ver com possuir mais ou fazer mais do que os seus “oponentes”.

Em vez disso, você escolhe o que o faz sentir-se vitorioso: um trabalho que você ame (pode ser o trabalho que você sempre fez) ou buscar outra carreira que combine mais com suas capacidades e seus talentos. Ou talvez o dinheiro não seja seu único meio de alcançar a “vitória” – talvez prefira ter mais tempo para passar com os amigos e a família, ou mais flexibilidade para praticar seus passatempos e cultivar interesses, ou fazer o que lhe traz felicidade e alegria. Você até pode enxergar esse tempo como uma oportunidade de descobrir talentos e dons ocultos. Pergunte a si mesmo: *O que me empolga? O que eu realmente faço bem?* Se você faz algo que o alegra, e se faz isso bem, com o tempo atrairá todo o dinheiro e os clientes de que precisa.

Isso não quer dizer que será fácil ou que você não precisa aprender o básico em relação ao dinheiro: ganhar o suficiente, poupar o suficiente e gastar o suficiente. Se fizer isso, posso garantir, como já vi acontecer incontáveis vezes, que num período de três a sete anos você estará financeiramente livre. Qualquer pessoa pode conseguir se estiver comprometida em fazer isso. Muitos também sentem grande alegria em ajudar os outros a alcançar o mesmo.

Esse é o efeito de onda da felicidade. Você não precisa se tornar milionário para dar início ao fluxo do Dinheiro Feliz. Imagine o tipo de

mundo que poderíamos criar se a maioria das pessoas decidisse se libertar do jogo do dinheiro! Pense nas possibilidades!

Eis o que acho que pode acontecer se *todos* começarmos a nos ligar e a colaborar com o fluxo do Dinheiro Feliz:

As pessoas ricas compartilharão a maior parte do que possuem com as menos afortunadas. As de classe média assumirão mais riscos e começarão a fazer o que amam. Aquelas que enfrentam dificuldades financeiras se sentirão mais seguras, terão mais esperança no futuro e se beneficiarão do apoio das classes mais abastadas. Haverá menos brigas em famílias, menos crimes e – será que ousa dizer? – mais paz na sociedade.

VOCÊ PODE RECOMEÇAR TODO DIA

Se você está totalmente conectado ao presente e vivendo segundo suas próprias regras, pode recomeçar quando quiser. Não precisa deixar que os problemas ou fracassos do passado o paralitem no presente.

Crie seus próprios termos. Caso contrário, você será constantemente controlado pela “sabedoria convencional” – os mitos financeiros dizendo que você não é o suficiente.

Você não precisa ganhar, poupar e gastar dinheiro como as outras pessoas. Não precisa ficar sem graça porque não tem coisas novas nem compra o último modelo de tudo. Pode usar a mesma roupa todo dia e se sentir perfeitamente bem. Não precisa de bens materiais para julgar como você é bom; você sabe que você é bom! Você decide quanto precisa ganhar e poupar, e não gasta sua energia no que não colabora para sua própria ideia de sucesso.

Se você consegue encontrar felicidade em seu estilo de vida único, isso é sinal de que está saindo do jogo do dinheiro. Não existem respostas corretas. Você pode encontrar seu estado de felicidade na simplicidade e no minimalismo. Se preferir ganhar um monte de dinheiro e criar um grande fluxo, vá atrás disso. Só você pode dizer o que é certo para você.

Assim, crie suas regras e as siga. Não deixe que os outros decidam por você o que usar, onde viver, quanto precisa ter no banco para se aposentar,

onde tirar férias, onde trabalhar ou o que fazer. Ao reivindicar as escolhas na sua vida, você reivindica sua liberdade independentemente do seu saldo bancário, e é aí que está o Dinheiro Feliz. Acima de tudo, faça isso tendo em mente a ideia do Dinheiro Feliz e se torne um exemplo luminoso do que significa ser feliz e rico.

DEFINA SUA PRÓPRIA FELICIDADE

Há alguns anos, tive o privilégio de ir ao Butão a fim de pesquisar para o meu livro sobre a felicidade. O Butão é considerado uma das nações mais felizes do mundo. Antes de viajar, imaginei que todo mundo andava pela rua sorrindo e cumprimentando os estranhos, de coração aberto. Mas, quando cheguei, vi que você tem sorte se alguém sorrir na sua direção. Muitos são tímidos e, por isso, se escondem ao ver um estrangeiro. Eles têm um estilo de vida modesto e simples. Percebi que ninguém tinha uma atitude do tipo: “Olhe para mim! Sou superfeliz!” É mais uma felicidade silenciosa. Os butaneses estão contentes com a vida cotidiana e simplesmente satisfeitos com o que possuem.

Perguntei com o que eles se preocupavam, e fiquei surpreso quando muitos disseram que não tinham preocupações no momento. Eles têm um serviço de saúde público e gratuito e, se algo acontece, acreditam que os amigos ou o rei os ajudarão. Se eu fizesse a mesma pergunta num país industrializado, provavelmente teria de separar uma boa meia hora para ouvir as reclamações sobre trabalho, sócios, filhos e governo.

Mas, no Butão, quase todas as pessoas que entrevistei se declararam satisfeitas com a vida. Não estavam presas a um jogo de comparação ou julgamento. Um homem disse: “Tenho uma família ótima. Tenho um emprego e uma casa. Existe mais alguma coisa de que eu precise?”

Fiquei perplexo. Ele estava certo. De que mais ele realmente precisa para se sentir feliz?

Vivemos num mundo totalmente diferente do Butão. Os butaneses têm uma vida simples e minimalista, e isso funciona para eles.

É exatamente isso que podemos aprender com eles. Não precisamos retroceder a algum tipo de vida primitiva, mas devemos ter consciência do que funciona para nós. A felicidade é algo que nós definimos para nós mesmos. Se formos apanhados no jogo financeiro das comparações, seremos pressionados a pensar que a felicidade significa MAIS. Isso nos levou ao mito do “Trabalhe mais, trabalhe mais e você vai realizar seus sonhos”, que abraçamos com tanta disposição no século passado. Mas, na verdade, o que conseguimos? Mais coisas? Mais estresse?

Ao voltar do Butão, fiz um inventário da minha vida. *Nós temos muito mais do que eles*, pensei. *Mas somos mais felizes?* E a realidade é que não. O povo do Butão faz um trabalho melhor no sentido de ser feliz.

Não precisamos viver como as pessoas do Butão para sermos felizes; mas, como os butaneses, precisamos determinar o que basta para a nossa felicidade.

FAÇA O QUE MAIS IMPORTA E DEIXE O DINHEIRO SUSTENTAR VOCÊ!

À medida que vou chegando ao fim deste livro, quero dizer o seguinte:

Você é livre para escolher sua vida.

Você pode fazer o que quiser.

Não deixe que o dinheiro o impeça.

Sentimos medo de muitas coisas. Achamos que isso tem a ver com dinheiro, trabalho e pessoas, mas, na verdade, tem a ver conosco e com nosso temor do futuro. Não deveríamos nos deixar enganar pela ansiedade e pelo medo. Geralmente as coisas que tememos não se tornam realidade. No entanto, desperdiçamos boa parte da nossa energia nos preocupando. É um tremendo desperdício de tempo, talentos e potencial.

Arrisque-se quando sentir que está sendo chamado a isso. Quase sempre é a direção certa e leva você ao nível seguinte.

Como saber qual risco deve correr? Escolhendo fazer o que mais importa para você.

Não deixe seu medo impedi-lo.

Nós nascemos com grandes dons. Os dons que você tem estão prontos para brotar.

Infelizmente, a maioria de nós não descobre os próprios dons. A verdadeira tragédia da nossa vida é que nem sabemos quais são nossos dons. Eu não sabia que era capaz de escrever até que comecei, aos 34 anos. Sou uma daquelas pessoas que se surpreenderam com o que são capazes de fazer! E tenho certeza de que você tem alguns dons esperando para surpreendê-lo também!

Muitos dons ficam despercebidos e são esquecidos por causa do medo – medo de tentar, medo do fracasso, medo de não estar à altura das expectativas de outra pessoa em relação a quem ou ao que deveríamos ser, e medo de não termos dinheiro suficiente para sobreviver.

Se você não acreditar em si mesmo e em seus dons, ninguém mais acreditará. Seus pais, seus amigos e seu cônjuge podem lhe desejar felicidade, mas não podem arrancar de dentro de você os seus grandes dons – não como você pode. Porque os dons só mostram sua forma e seu poder quando você os usa.

Depois de me tornar um escritor de sucesso, fui a uma reunião de ex-alunos da minha escola jesuíta. Na reunião, a maioria dos meus amigos e professores ficou surpresa ao saber que eu tinha virado escritor. Todos imaginavam que eu acabaria sendo contador, como meu pai. Escrever era a última carreira que eles pensavam que eu seguiria. Na verdade, eu é que me sinto mais surpreso. A maioria de nós fica chocada ao descobrir quais dons verdadeiros estão enterrados dentro de si.

Descobri que nossos dons aparecem quando estamos prontos para assumir a responsabilidade pela nossa vida. Por algum motivo eles se anunciam quando percebemos que só podemos contar conosco para alcançar a felicidade. Essa percepção aciona todos os seus sentidos e faz com que você se sinta VIVO.

Mas não basta descobrir seus dons. Você precisa colocar esses dons em ação. Precisa levar a sério o desenvolvimento deles. Se quer que criem valor para os outros e o ajudem a ganhar dinheiro, precisa investir tempo em se tornar excelente – e, em última instância, vender seus serviços.

Há 18 anos tive um sonho com minha filha, um sonho que me despertou para a importância de usar meus dons. No sonho, minha filha pequena perguntava por que eu não estava fazendo nada para mudar o mundo. Inventei desculpas do tipo: “Olha, eu não sou ninguém. Não sou político nem professor e não sei nada sobre todas essas questões globais complicadas. Não posso mudar o mundo!” E no sonho vi os olhos dela se estreitando com desapontamento. Foi a última coisa que vi antes de acordar. Foi um sonho tão amargo que me abalou profundamente. Senti-me pequeno e envergonhado. Não queria decepcionar minha filha. E, por isso, não a decepcionei. Pensei na minha vida e nas experiências pessoais que haviam moldado minhas capacidades. Não precisei esperar inspiração nem sair procurando por ela. Meus dons gritaram para mim: *“Estamos aqui!”*

Alguns anos depois, comecei a escrever livros sobre felicidade e dinheiro, na esperança de que nosso mundo se tornasse um lugar melhor. Na época, não tinha ideia de como isso aconteceria ou do impacto que meu trabalho teria. Mas, para minha perplexidade, o interesse pelo meu trabalho continuou a crescer, e sei que, na verdade, minhas mensagens estão impactando a vida de milhões de pessoas.

E agora estou passando o bastão adiante.

Você é o próximo na fila para começar algo que fará diferença neste mundo – algo que o deixe tão empolgado que você não poderá deixar de fazer. Algo que encha de significado a sua vida e que colabore para as pessoas ao redor.

CINCO PASSOS PARA O DINHEIRO FELIZ

Vou encerrar este livro fazendo um breve resumo, uma rápida lista de cinco passos que você pode dar, a partir de hoje, para entrar no fluxo do Dinheiro Feliz:

1. Saia da mentalidade da escassez

Cada pessoa tem a capacidade de escolher o tipo de mentalidade financeira com que deseja viver. Por isso o primeiro passo para o Dinheiro

Feliz é assumir a mentalidade da abundância. Até agora nos ensinaram a acreditar que o dinheiro é escasso e que precisamos pegá-lo antes que outra pessoa faça isso. Nós nos transformamos em uma cultura obcecada pelo dinheiro. Estamos concentrados na quantidade que possuímos ou não, a ponto de isso podar nosso potencial para uma vida excelente.

Por quê? Porque presumimos automaticamente que não poderemos ganhar a vida se correremos riscos e buscarmos o que realmente desejamos. O conceito de que não existe o suficiente no mundo nos faz sentir que somos pequenos e pouco generosos. Não deixe sua mentalidade limitar o potencial da sua vida. Com a mentalidade da abundância você se torna mais criativo e mais capaz de reagir às dificuldades da vida. Liberta-se para criar seu próprio destino.

2. Perdoe e cure suas feridas relativas ao dinheiro

Sabemos que nossas atitudes relacionadas ao dinheiro são, acima de tudo, herdadas. E as pessoas de quem herdamos essas ideias também as herdaram. Você não chegará ao Dinheiro Feliz se deixar que isso se torne motivo de ressentimento. Aqueles que viveram antes de você eram jovens, inexperientes e podiam cometer todo tipo de erros. Você sabe, pois também passou por isso. Imagine a situação de seus pais. Eles agiram por medo porque não conheciam outro modo. Fizeram o que era necessário. Se você conseguir simpatizar com a situação e a humanidade deles, poderá começar a entender por que eles cometeram aqueles erros. Então poderá perdôá-los, e quando fizer isso seu coração ficará mais leve. Você pode romper o ciclo do Dinheiro Infeliz perdando os outros e, de modo igualmente importante, perdando-se pelos erros que cometeu.

Você pode estabelecer o tom para uma nova era de Dinheiro Feliz quando perdoa e inicia o processo de cura. Quando fazemos as pazes com o passado, as antigas feridas deixam de ser um obstáculo para a nossa felicidade atual, e o dinheiro deixa de parecer uma força misteriosa e incontrolável. Isso nos dá liberdade para encontrar o fluxo do Dinheiro Feliz que funciona para nós.

3. Descubra os seus dons e entre no fluxo do Dinheiro Feliz

Todo mundo nasce com determinados dons. Algumas pessoas os encontram quando são jovens; outras podem precisar de tempo para procurá-los. Descobrir os seus talentos e o que lhe traz alegria é uma das coisas mais importantes da vida. Se você não estiver mais esmagado pelo passado, ficará surpreso ao ver a rapidez com que seus talentos irão se revelar. Quando você faz um inventário da vida, todos os pontos começam a se ligar. Entrar no estado de fluxo se torna uma segunda natureza. As dificuldades e as lutas se transformam em diversão e alegria diante dos seus olhos. Quando você começa a compartilhar seus dons com o mundo, dá início ao fluxo do Dinheiro Feliz. Saber quem você é e onde se sente mais vivo é o que cria a base para a confiança, porque você não tem do que se esconder.

Quanto mais você desenvolver e compartilhar os seus dons, mais Dinheiro Feliz atrairá. As pessoas bem-sucedidas creditam o sucesso ao amor pelo que fazem.

4. Confie na vida

A confiança é uma parte importante do estado de felicidade. Quando você consegue confiar em si mesmo e nas pessoas ao redor, a vida fica muito mais fácil. As ansiedades cotidianas relacionadas ao futuro começam a se dissipar. Quando olhamos para os demais com o coração e a mentalidade da abundância, ficamos livres para compartilhar e receber as coisas fantásticas que o dinheiro pode fazer. Não temos medo do que pode acontecer no futuro porque sabemos que podemos contar com as pessoas e que elas podem contar conosco.

A confiança e o medo não podem coexistir. É uma coisa ou outra. A confiança nos torna mais ativos, criativos e livres, ao passo que o medo enrijece nossas ações, ataca as nossas intenções e cria ressentimento. Quando confiamos, ficamos livres de expectativas. O risco não parece mais risco. Quase todas as coisas que nos preocupavam porque seriam terríveis

acabam sendo algumas das mais positivas na nossa vida. As coisas “ruins” que nos aconteceram, no fim, atuam a nosso favor.

Sabemos que tudo que acontece de positivo ou negativo sempre funciona para sustentar nossa vida de seu modo especial. É isso que nos liberta da ansiedade paralisante de avaliar as coisas na vida como “boas” ou “ruins”. Por isso as pessoas que confiam são mais apaixonadas e bem-sucedidas.

Quando confiamos, podemos nos tornar nosso eu autêntico.

5. Diga “Arigatô” o tempo todo

Num mundo de Dinheiro Feliz, todos continuamente expressam uma apreciação profunda pela energia que flui na vida de cada um. A disposição de dar e receber, em vez de segurar com força o que temos, cria as condições para o Dinheiro Feliz. A energia positiva da gratidão funciona *para* nós e atrai mais dinheiro para a nossa vida.

Existem dois tipos de pessoas: as que apreciam explicitamente e as que sempre encontram algo para culpar ou de que reclamar. Qual das duas personalidades você acha mais magnética?

As pessoas que apreciam a vida são mais amadas, mais acessíveis e mais atraentes. O resultado é que atraem todo tipo de oportunidade.

Sabemos que haverá ocasiões em que as coisas não acontecerão exatamente como planejamos. Mas um coração que diz “Arigatô” diante de tudo faz assomar uma resolução interna que o orienta através de todos os tipos de águas turbulentas.

Assim, aproveite cada chance que tiver para demonstrar gratidão. Demonstre apreciação por si mesmo. Se você viver no fluxo da gratidão, sua vida será cheia de milagres inesperados. Quando estamos nesse tipo de fluxo com o nosso eu interior e com as pessoas ao redor, vivemos com Dinheiro Feliz!

SUA VIDA É FEITA DE EXPERIÊNCIAS

Quando você estiver para morrer, não estará preocupado com quanto dinheiro ganhou ou quanto tem no banco. Duvido que no leito de morte

você esteja olhando seu extrato bancário. Você irá se lembrar de todas as pessoas que amou e das coisas que fez. Com sorte, quando chegar a hora de partir da Terra você estará cercado das pessoas que mais o amaram.

Moral da história: o que você possui não é a coisa mais importante da vida. O mais importante são as pessoas. É *você*. Portanto, concentre-se na sua vida, no que faz você se sentir mais vivo enquanto está aqui, e crie o máximo de lembranças maravilhosas que puder. Gaste o seu tempo, o seu dinheiro e a sua energia – os testemunhos do seu Dinheiro Feliz – com as pessoas mais importantes para você, aquelas que você ama e admira. Tenha consciência de onde você gasta seu dinheiro: *É onde está o seu amor? É onde está o seu eu mais verdadeiro, melhor e mais feliz?*

As chances são de que você não precise de muito dinheiro para criar lembranças com os seus entes queridos. Seja criativo. Independentemente do que fizer, esteja aberto a muitas possibilidades. As oportunidades se mostram quando você é criativo – quando assume riscos, é grato, esperançoso, abundante e está aberto para receber.

Minha esperança é que, se você tratar a si mesmo e seus entes queridos com gratidão, gentileza e amor, a vida irá tratá-lo do mesmo modo. Rezo por sua paz, sua felicidade e sua prosperidade.

Este livro é minha oração por você. Que todas as bênçãos e o Dinheiro Feliz cheguem a você!

E, finalmente, *arigatô*!

Obrigado.

Agradecimentos

Escrever este livro foi mais recompensador do que eu jamais poderia imaginar.

Agradeço muito a todos que me forneceram inspiração, orientação e apoio para escrever meu primeiro livro em inglês, especialmente meus agentes Celeste Fine e John Maas, meu editor Jeremie Ruby-Strauss e toda a equipe da Simon & Schuster. E um agradecimento especial à minha editora Mary Curran Hackett e a toda a equipe da Kevin Anderson & Associates. Também gostaria de agradecer a Brian Weiland e Sarah Vanderwater por me ajudar com o texto em inglês.

Agradecimentos especiais pela amizade, a orientação e o apoio a Gary Zukav e Linda Francis, Jack e Inga Canfield, John e Bonnie Gray, Ivan e Beth Misner, Tony Robbins, Brian Tracy, Robert Kiyosaki, Jim Rogers, Allan e Barbara Pease, Janet B. Attwood, Chris Attwood, Alan Cohen, DC Cordova, Dave Asprey, Lynne Twist, Marci Shimoff, Patty Aubrey, Joe Vitale, Debra Poneman, Kute Blackson, Barnet e Sandi Bain, Lisa Garr, JJ Virgin, Junki Yoshida, Robert Allen, Eric Pearl, Darryl Anka, Patrick Newell, Scott Mills, James Hummel, Douglas Fraser, Lynn Robinson, Rocky Liang, Hafsath Abiola, John Wood, Pam Grout, Barnett Cordero, Robert Shinfield, John Demartini, Roice Krueger, Raymond Aaron, Arjuna Ardagh, Blaine Bartlett, Daniel e Sandra Biskind, Pete Bissonette, Ray Blanchard, Nicole Brandon, Rinaldo Brutoco, David Buck, Susan Budinger, Peggy Cappy, Sonia Choquette, Dawson Church, Cheryl Clark, Scott Coady,

Steve D'Annunzio, Verónica de Andrés e Florencia Andrés, Zen Cryar DeBrücke, Scott deMoulin, Bobbi DePorter, Marie Diamond, Mike Dooley, Ken Druck, Eric Edmeades, Joan e Stewart Emery, Roxanne Emmerich, Cindy Ertman, Cheryl Esposito, Steve e Veronica Farber, Arielle Ford, Amy Fox, Vivian Glyck, Deirdre Hade, Roger Hamilton, Phyllis Haynes, Alexandria Hilton, Sam Horn, Raz Ingrassi, Lisa Janelle, Fred Johnson, Sandra Joseph, Cynthia Kersey,

Jim Kwik, Vishen Lakhiani, Natalie Ledwell, Shelly Lefkoe, Chunyi Lin, Fabrizio Mancini, Adam Markel, Howard Martin, Jennifer McLean, Lynne McTaggart, Dave Meltzer, Monica Moran, Dianne Morrison, Mary Morrissey, Dra. Sue Morter, Lisa Nichols, Gabriel Nossovitch, Yasmin Nguyen, Guillermo Paz, Dawa Tarchin Phillips, Carter Phipps, Srinii Pillay, Marc Pletzer, Andrés Portillo, Mike Rayburn, James Redmond, Robert Richman, Sonia Ricotti, Matt Reimann, Joel e Heidi Roberts, Martin Rutte, Sheri Salata, Anita Sanchez, Sadhvi Saraswati, Paul Scheele, Yanik Silver, Mari Smith, Colin e Gabi Sprake, Bettie Spruill, Donna Steinhorn, Guy Stickney, Carl Studna, Terry Tillman, Phil Town, David Wagner, GP Walsh, Matt Weinstein e Geneen Roth, Christy Whitman, Marcia Wieder, David Wood, Sandra Yancey, Tyson Young, Chichi, Vicky, Sean Gallagher e Miki Agrawal.

Além disso, gostaria de agradecer aos meus mentores e amigos japoneses: Sakurai, Otha, Minami, Satoh, Ueki, Oshigane, Okamura, Ureshino, Iinuma, Moriue, Nagasawa, Ohsato, Shimizu, Yokota, Nakamura, Yoshio, Satoh, Nishida, Motonishi, Nishizono, Raimu, Kanemoto, Toshi e Chieko, Jaian, Midori, Torii, Shige, Itoh, Suzuki, Toyo, Sachin, Taku, Anaguchi, Hara, Chris, Ken, Tei, Takuma, Natsumi, Yohei, Madoka, Hamio, Hiro, Haya, Tetsu, Ohiro, Hina, Yoshi, Shinichi, Kenichi, Akifu, Shige, Taku & Yumi, Kochi, Tamami, Yasumiko, Rich, Akina, Kuro, Masaya, Sara, Nori, Tomo, Suekichi, Shin, Monica, Saori, Mari, Miwa, Kuni, Hyoga, Takano, Ryo, Hide, Izurin, Kurumi, Kei, Jonny, Yoko, Toshi-chan, Masaki, Kazu, Alice, Baron, Arthur, Judy, Kyoko, Hiro, Maya, Hicky, Macky, Darapi, Kimu, Nobby, Jusmin, Fumio, Jun, Toshi, Lily, Happy, Jin, Morimasa, Luke, Massa, Aya,

Maya, Aga, Teruhi, Keiji, Naoko, Mina, Keiko, Itteki, Yumiko, Natsuki, Sumito, Ogu, Yoko, Tai, Gon, Chie, Takegon, Yoshiko, Massa e Ayaka.

E por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer à minha família: Masanobu, Kimiko, Isao, Michiko, Hiroko, Hiroyuki, Masamichi, Chiho, Momoka, Yasuhiro, Yumi, e mais especialmente minha mulher, Julia, e minha filha, Hana, que são a inspiração e a alegria da minha vida.

Referências

- Attwood, J. B. *Maro Up!: The Secret to Success Begins with Arigato*. Amazon.com, 2012.
- Dunn, E., e M. Norton. *Happy Money: The Science of Happier Spending*. Nova York: Simon & Schuster, 2014.
- Honda, K. *8 Steps to Happiness and Prosperity (Shiawase-na Koganemochi)*. Tóquio: Goma Books, 2013.
- Honda, K. *Money IQ and Money EQ (Okane no IQ, Okane no EQ)*. Tóquio: Goma Books, 2013.
- Jampolsky, G. G. *Love Is Letting Go of Fear*. Random House Digital, 2011.
- Luft, G., e A. Korin. *Turning Oil into Salt: Energy Independence Through Fuel Choice*. CreateSpace, 2009.
- Scheinfeld, R. *Busting Loose from the Money Game: Mind-Blowing Strategies for Changing the Rules of a Game You Can't Win*. Hoboken, NJ: John Wiley, 2006.
- Twist, L. *The Soul of Money: Transforming Your Relationship with Money and Life*. Nova York: W. W. Norton, 2006.

Sobre o autor



KEN HONDA fez fortuna como consultor e investidor no Japão. Aos 29 anos, durante uma pausa nos negócios para cuidar da filha recém-nascida, escreveu Oito passos para a felicidade e prosperidade, distribuído gratuitamente. Na base do boca a boca, chegou a mais de 1 milhão de leitores, o que lhe rendeu o convite de uma editora para escrever sobre os princípios Zen aplicados ao dinheiro. Desde então, o Milionário Zen, como é conhecido, já vendeu mais de 7 milhões de livros. Atualmente mora em Tóquio.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Sextante, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

sextante.com.br

